



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Paula Alexandra Gomes Rodrigues

Lápis Cor de Pele

Contributo para a lecionação da Unidade Letiva 2 -
Crescer na Diversidade - para o 4º ano do 1º Ciclo do
Ensino Básico.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2018

Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda!

Antoine de Saint- Exupéry

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diferentes pessoas. Gostaria, por este facto, de expressar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que de uma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta minha tarefa se tornasse uma realidade. A todos os meus profundos e sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, os meus filhos, por aceitarem os longos momentos de ausência.

Ao meu marido e companheiro desta e de outras jornadas, por saber estar ao meu lado, pelo seu apoio e amor incondicional.

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, pela disponibilidade, sorriso e pelas palavras de incentivo, quando por momentos eu fraquejava.

À professora cooperante, do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches, Dr^a Maria José Rodrigues Dias, pelo apoio, disponibilidade e ajuda constante prestado no decurso da leccionação da Unidade Letiva. Pelo carinho e atenção com que trata cada estagiário.

Ao corpo docente da Faculdade de Teologia de Braga, que me ajudaram e com quem tive a oportunidade de aprender.

A todos os meus amigos de caminhada pela amizade, ajuda e partilha de experiências que fomos vivenciando ao longo dos quatro anos e mais intensamente estes últimos meses.

RESUMO

Somos assim tão diferentes? Esta é a questão que atravessa este Relatório de Estágio e à qual nos propomos responder. Começamos por abordar os vários tipos de diversidade: diversidade na natureza; diversidade humana; cultural; religiosa; bem como o tema da diversidade na Sagrada Escritura e nas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si*. Compreenderemos que a sociedade deverá ser um lugar de encontro e de respeito mútuo. Deverá ser, por excelência, o lugar de diversidade e de compreensão dos *outros*.

Martin Buber, Emmanuel Levinas e Paul Ricoeur são três dos autores cujas teses nos ajudarão a esclarecer a questão da alteridade. Cada um faz uma abordagem particular, mas convergem para o mesmo sentido – olhar o *outro* como um igual. Martin Buber privilegia o encontro *eu-tu* em detrimento do *eu-isso*, na medida em que, o outro não é um objeto ou uma coisa. Emmanuel Levinas privilegia o relacionamento face-a-face, olhando para o *outro* já não como um *tu*, mas sim como um *vós*, pelo qual somos infinitamente responsáveis. Por fim, Paul Ricoeur direciona-se para uma hermenêutica de compreensão do sujeito numa perspetiva de relação interpessoal.

No final, debruçar-nos-emos na Prática de Ensino Supervisionada, partindo da análise da turma na qual as aulas foram lecionadas, que demonstrou alguns conhecimentos do tema. No entanto, há sempre algo de novo a acrescentar e novos conteúdos para serem adquiridos.

PALAVRAS-CHAVE

Diversidade, Igualdade, Respeito, Relação Interpessoal.

ABSTRACT

Are we so different? This is the question that crosses this Internship Report and which we intend to respond to. We begin by addressing the various types of diversity: diversity in nature; human diversity; cultural; religious; as well as the theme of diversity in Sacred Scripture and in the encyclicals *Caritas in Veritate* and *Laudato Si*. We will perceive that society should be a place of encounter and mutual respect. It should be, par excellence, the place of diversity and understanding of *others*.

Martin Buber, Emmanuel Levinas and Paul Ricoeur are three of the authors whose theses will help us to clarify the question of otherness. Each one makes a particular approach, but they converge towards the same sense - to look at the *other* as an equal. Martin Buber privileges the *me-you* encounter in detriment of the *me-it*, according as the other is not an object or a thing. Emmanuel Levinas privileges the face-to-face relationship, looking at the *other* no longer as a *you*, but as *one of you*, for which we are infinitely responsible. Finally, Paul Ricoeur is directed to a hermeneutic of understanding the subject in a perspective of interpersonal relation.

In the end, we will focus on the Supervised Teaching Practice, starting from the analysis of the class in which the lessons were taught, which evidenced some knowledge of the theme. However, there is always something new to add and new content to be acquired.

KEY WORDS

Diversity, Equality, Respect, Interpersonal Relationship.

ÍNDICE

RESUMO.....	3
PALAVRAS – CHAVE.....	3
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE – REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
1. Diversidade e sua abrangência.....	9
<i>1.1. Conceito de Diversidade.....</i>	<i>9</i>
<i>1.2. Diversidade na natureza.....</i>	<i>10</i>
<i>1.3. Diversidade humana.....</i>	<i>10</i>
<i>1.4. Diversidade cultural.....</i>	<i>13</i>
<i>1.5. Diversidade religiosa.....</i>	<i>18</i>
2. Diversidade na Sagrada Escritura.....	27
3. Diversidade nas Encíclicas <i>Caritas in Veritate</i> e <i>Laudato Si</i>.....	29
4. Síntese.....	34
CAPÍTULO II – SOMOS ASSIM TÃO DIFERENTES? – REFERENCIAL TEÓRICO.....	35
1. Martin Buber, Emmanuel Levinas e Paul Ricoeur – A importância do <i>outro</i>.....	36
<i>1.1. Martin Buber.....</i>	<i>36</i>
1.1.1. O Homem: um ser em relação.....	37
1.1.2. O <i>eu-tu</i> , o <i>eu-isso</i>	39
1.1.3. A relação <i>eu- Deus</i>	41
<i>1.2. Emmanuel Levinas.....</i>	<i>42</i>
1.2.1. <i>Rosto</i>	43
1.2.2. <i>Rosto e infinito</i>	45
1.2.3. A nudez do <i>rosto</i>	46
1.2.4. Quem é o <i>outro</i> ?.....	47

1.3. <i>Paul Ricoeur</i>	48
1.3.1. Identidade pessoal.....	49
1.3.2. O <i>si</i> e a Identidade narrativa.....	50
1.3.3. <i>Viver bem com e para o outro</i>	52
2. Síntese.....	53

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2:

“CRESCER NA DIVERSIDADE” PARA O 4º ANO DE ESCOLARIDADE...55

1. A Educação intercultural/ Multicultural.....	55
2. As finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica.....	59
3. Caracterização psicológica dos alunos do 1º ciclo quanto às Dimensões Pedagógicas que referenciam o programa de EMRC.....	60
4. Caracterização da escola e da comunidade educativa.....	61
4.1. <i>Identificação do local de Estágio</i>	61
4.2. <i>A escola EBI de São Vítor</i>	61
4.3. <i>Caracterização da turma</i>	62
5. Enquadramento da Unidade Letiva.....	62
6. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva.....	63
6.1. <i>Aula n.º 1 – Definição do conceito de diversidade</i>	63
6.2. <i>Aula n.º 2 – Diversidade de paisagens, animais e plantas</i>	64
6.3. <i>Aula n.º 3 – Diversidade humana</i>	65
6.4. <i>Aula n.º 4 – Criação no génesis</i>	66
6.5. <i>Aula n.º 5 – Diversidade cultural e religiosa</i>	66
6.6. <i>Aula n.º 6 – Jesus acolhe todas as pessoas</i>	67
7. Avaliação e reflexão da Unidade Letiva.....	69

CONCLUSÃO.....74

BIBLIOGRAFIA.....76

INTRODUÇÃO

Pouco enamorados. Ao observarmos o mundo que nos rodeia, em pleno século XXI, denotamos que este é, provavelmente, o maior dos problemas da sociedade consumista contemporânea: vive pouco enamorada. Parece que perdeu a capacidade de se deixar encantar pelas narrativas da compaixão, da alegria, da fraternidade, da esperança e das coisas simples que fazem parte do cotidiano de cada humano. A partir do momento em que deixamos de nos enamorar por um toque, um olhar, um sorriso, um aroma, ou um gesto de bondade, perdemos o que de mais gratificante há na vida. Falta-nos regressar à experiência da essencialidade, da contemplação, da caridade, do enamoramento.

Ora, precisamente dentro destas constatações, surgiu como mote para o desenvolvimento deste Relatório de Estágio, o tema: *Lápis cor de pele*. Com efeito, cada vez mais, as salas de aula são um local de promoção do encontro entre alunos provenientes das mais variadas origens. Esta variedade denota-se pelas diferentes culturas, tradições, religiões e, inclusive, das diferentes tonalidades de pele.

Neste sentido, foi precisamente a partir de uma experiência vivenciada dentro da sala de aula, que surgiu o tema. Uma menina negra, com muita naturalidade, pediu aos seus colegas que lhe emprestassem um “lápis cor de pele”. Na sua conceção, a “cor de pele” era o bege, ou o rosa clarinho ou o salmão. Com certeza que esta constatação foi, de certo modo, uma surpresa, uma vez que a aluna em questão era de cor negra.

Este episódio foi, pois, o ponto de partida para a elaboração de uma investigação acerca do valor da diversidade. Por um lado, era necessário explicar àquela menina que a cor da sua pele também é “cor de pele” e, por outro lado, era fundamental encontrar um referencial teórico que pudesse vir a constatar que, dentro dessa diversidade, encontra-se do mesmo modo o valor da igualdade.

Trata-se, assim, de um desafio que comprova que, na casa comum que habitamos, estamos todos intrinsecamente ligados. O desafio da sociedade atual é cada vez mais saber conviver com a diversidade de realidades. A tarefa é complexa, mas possível. Cabe a cada um de nós dar os passos certos em direção a este ideal. A sociedade deverá ser um lugar por excelência de compreensão dos outros. Face ao exposto, o Relatório de Estágio que a seguir se apresenta, encontra-se dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, denominado *Um olhar sobre a Diversidade*, abordar-se-á a importância da diversidade no nosso dia-a-dia. Perceberemos que o mundo está repleto de diversidade: seja na natureza; seja na diversidade humana; seja nos diferentes contextos culturais; seja nas mais variadas práticas religiosas. Este tema será ainda abordado na perspetiva da Sagrada Escritura e com o contributo das encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si*.

De seguida, no segundo capítulo, designado *Somos Assim Tão Diferentes?* Debruçar-nos-emos sobre tudo aquilo que nos une, que nos torna semelhantes, ou seja, a capacidade de olhar o outro como igual a si. A verdade é que algumas características como a cor da pele, o aspeto do rosto, ou o tamanho do corpo que, intuitivamente, pensamos ser o que diferencia as pessoas, mas não ocupam mais do que uma pequeníssima parte da nossa informação genética. Neste sentido, a fim de compreendermos melhor o valor da igualdade, apresentar-se-á o pensamento de Martin Buber, Emanuel Levinas e Paul Ricoeur acerca da importância do *outro*. A perceção do *outro* como ser diferente (só na aparência) corresponde à descoberta da própria alteridade.

Para finalizar, segue-se o terceiro capítulo, denominado *Planificação e lecionação da Unidade Letiva 2 para o 4ºano de escolaridade – “Crescer da Diversidade”*. Centra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada e enquadra a abordagem pedagógica, didática e avaliação da Unidade Letiva. O primeiro ponto deste capítulo refere-se aos seguintes tópicos: educações interculturais/multiculturais; as finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica; a caracterização psicológica dos alunos do 1º ciclo quanto às dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC; identificação do local de estágio; apresentação da Escola Básica de S. Victor, local onde se desenvolveu a prática de Ensino Supervisionada; caracterização da turma; e, por fim, o enquadramento da Unidade Letiva. Segue-se uma proposta de planificação da unidade letiva em seis aulas, onde será realizada uma descrição de cada aula lecionada. Por fim, serão registadas as conclusões de todo o percurso da Prática de Ensino supervisionada.

Na sua estrutura, o Relatório segue a norma Chicago 16 A e, no seu conteúdo, rege-se de acordo com a nova norma ortográfica da Língua Portuguesa.

CAPÍTULO I – UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE – REFERENCIAL TEÓRICO

A terra é um planeta cheio de beleza e equilíbrio. A natureza à nossa volta assim o demonstra, na sua riqueza de formas, cores, texturas, ambientes, aromas, sons e sabores. Contudo, “de todos os seres da terra o ser humano sobressai, criado por Deus para cuidar de todos os outros, com respeito e amor”¹. A diversidade humana está presente no nosso dia-a-dia e, por esse motivo, é importante que identifiquemos as diferenças que podemos encontrar em cada pessoa. As pessoas são mesmo diferentes. A diversidade existe também na cultura, esta é composta por comportamentos humanos diferentes, na forma como nos expressamos, na alimentação, nas festas, no vestuário, nos costumes locais, na música. Na religião existe igualmente diversidade. A diversidade também é abordada na Bíblia. Deste modo, é pertinente relatar o percurso pela obra da Criação e, para tal, temos como referência o relato da Criação (Gn1, 1-31).

Nas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si* é abordado o tema da diversidade, o cuidado com o humano e com tudo que o envolve. A primeira debruça-se mais na perspetiva do desenvolvimento humano no nosso tempo (desenvolvimento integral), fundado na caridade e na verdade, enquanto que a segunda também o faz embora numa linha de cuidado para com a casa comum, o planeta Terra.

1. Diversidade e sua abrangência

Neste ponto, serão abordados os vários tipos de diversidade: diversidade na natureza; diversidade humana; cultural; religiosa; bem como o tema da diversidade na Sagrada Escritura e nas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si*.

1.1. Conceito de Diversidade

É indispensável perceber o conceito de *Diversidade*. Etimologicamente, vem do latim *diversitate*, designando variedade, diferença, dissemelhança, oposição, contradição.² Diversidade é a reunião de tudo aquilo que apresenta variedade e que se diferencia entre si: diversidade na natureza; diversidade humana; diversidade cultural; diversidade religiosa.

¹ Cf. Ana Landeiro et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2010), 68.

² Cf. Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico», *Infopédia - Dicionários Porto Editora*, acessido 24 de janeiro de 2018, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/diversidade>.

1.2. *Diversidade na natureza*

O planeta Terra é um sistema formado por milhões de organismos vivos, que possui um detalhado processo para a manutenção da vida. A existência da vida é uma das características que a diferencia de outros planetas do sistema solar. “O planeta Terra visto do espaço parece uma linda bola, onde predomina a cor: azul. Mas na verdade, dele fazem parte muitas paisagens com características e cores muito distintas. Tal como as paisagens são distintas entre si também nelas encontramos diversidade vegetal e animal”³. Proteger a beleza, a diversidade e a vitalidade da Terra é um dever de todas as pessoas. A biodiversidade⁴ suporta o ambiente em que vivemos e do qual as nossas vidas e as de outros seres vivos dependem. É, do mesmo modo, uma das maiores riquezas do planeta, no entanto, a menos reconhecida. Com efeito, as alterações climáticas, a poluição, a exploração de recursos são uma ameaça a toda a vida na terra.⁵ Cabe, por isso, a cada um de nós cuidar e preservar toda a natureza.

1.3. *Diversidade humana*

A humanidade faz parte integrante de um imenso universo, ela habita o planeta terra, sente-o como o seu lugar de origem, sítio onde nasceu e cresceu. É, de facto, a sua casa, a casa de toda a humanidade.

A sociedade deverá ser um lugar por excelência de diversidade e de compreensão dos outros. A diversidade humana refere-se ao facto de nenhum ser humano ser igual a outro. Cada pessoa é única, o mais natural é que haja muita variedade de pessoas. O aspeto físico é imediatamente perceptível como: roupas; estatura; cor de pele; cabelos; língua; ou costumes. Estes aspetos ressaltam a particularidade mais aparente. Sabemos que, como membros de uma espécie biológica, possuímos uma série de características comuns que nos diferenciam de outras espécies. Mas, também entre a humanidade existem diferenças, e é importante que as identifiquemos.

As diferenças baseiam-se numa dimensão genética.⁶ Traços físicos que determinam as diferentes raças como a pigmentação da pele, a forma dos olhos, do

³ Luís Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2015),32-33.

⁴ Variedade de espécies biológicas existentes num determinado ecossistema Cf. Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico», *Infopédia - Dicionários Porto Editora*, acedido 05 de março de 2018, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>.

⁵ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*. (Braga: Editorial A.O., 2015), nº 21.

⁶ Parte da Biologia que estuda as características genéticas das populações/polimorfismo, estrutura genética, seleção e mutações). Cf. Dicionário Priberam, acedido 05 de março de 2018.www.priberam.pt/dipo/genetica.

nariz, o cabelo ou a constituição física são o resultado de diferentes respostas de adaptação ao meio.

A categorização de indivíduos em raça ou etnia embora seja amplamente utilizada, os seus significados são frequentemente confundidos. Raça e etnia são dois conceitos relativos a âmbitos distintos.

A “Raça refere-se ao âmbito biológico; referindo-se a seres humanos, é um termo que foi utilizado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas. As diferenças mais comuns referem-se à cor da pele, cor dos olhos e tipo de cabelo, configuração facial e cranial, ancestralidade e genética. Portanto, a cor da pele, amplamente utilizada como característica racial, constitui apenas uma das características que compõem uma raça”⁷.

E “Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território”⁸.

“A espécie humana, tal como todas as espécies biológicas, é o resultado de um processo evolutivo, e a possibilidade de evolução reside precisamente na existência de variantes transmitidas geneticamente (cor de pele, forma do corpo, grupo sanguíneo, etc.). Isto permite que determinados grupos de indivíduos se adaptem melhor a diferentes ambientes. Este é o significado biológico das diferenças: estas permitem à espécie explorar um maior número de possibilidades. O facto de ser diferente é uma necessidade da espécie que se impõe aos indivíduos”⁹. Nesta linha, “assim se explica a vantagem que pode haver, na história evolutiva da espécie, em ter indivíduos com diferentes cores de pele: uma cor clara facilita a ação dos raios solares sobre a pele, necessária para a síntese da vitamina D numa região geográfica com baixo nível de insolação. Por outro lado, uma cor de pele escura protege dos efeitos de uma insolação excessiva (queimaduras, tumores)”¹⁰. Do mesmo modo, o facto da existência de grupos humanos diferentes que variam na frequência dos seus genes, o que se traduz em diferenças físicas, é um imperativo da nossa natureza, da nossa inclusão numa espécie biológica.

⁷ Diego Junior da Silva Santos, Nathália Barbosa Palomares, David Normando, Cátia Cardozo Abdo Quintão, *Raça Versus etnia: diferenciar para melhor aplicar*, Resende: 2009 Cf. <http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>, acedido 05 de março de 2018.

⁸ *Ibid.*, 124.

⁹ Henrique Sobral, *As Raças Humanas*, volume 1 (Lisboa: Resomina), 27-28.

¹⁰ *Ibid.*, 28.

Na verdade, o fenómeno da variabilidade traduziu-se no aparecimento das diferentes raças em zonas geográficas, porque “as diferenças biológicas que podemos encontrar entre pessoas apresentam-se em milhares de caracteres. Por isso do ponto de vista científico, as classificações raciais não podem reduzir-se a uma característica como a cor da pele, por exemplo”¹¹. Para além disso,

“a classificação racial da humanidade baseia-se nas diferenças que os componentes de diversas populações apresentam, quanto a uma série de características variáveis. E as características que levaram às primeiras classificações raciais eram aquelas que eram evidentes: trata-se da sua morfologia externa (cor da pele, cabelo e olhos; proporção corporais, etc.). No entanto comprovou-se que o fenómeno da variabilidade biológica se estende a um número de características, tanto morfológicas como fisiológicas ou bio-químicas”¹².

A cor da pele é, particularmente, uma das características de variação no Homem mais utilizadas na sistematização dos grupos humanos. A sua transmissão depende de vários genes. Cientificamente, sabemos hoje que “a cor da pele deve-se à tonalidade rosada originada pelos capilares da irrigação sanguínea; também intervém uma substância chamada queratina, que origina uma tonalidade amarelada. Mas a ampla gama de pigmentação cutâneas é determinada fundamentalmente pela existência de um pigmento denominado melanina”¹³.

No seguimento do exposto, compreendemos que

“a melanina atua como um filtro da radiação solar, uma baixa concentração desse pigmento leucodermes ou (‘brancos’) permite maior passagem de raios solares, até às zonas mais profundas da pele. Nos melanodermes (‘negros’) pode acontecer que 95% da radiação ultravioleta não passe o filtro da melanina. A pele xantoderme (‘amarela’) possui uma espessa camada córnea que lhe confere a sua cor característica e pode, também, atuar como filtro ultravioleta. Os grânulos de melanina existem em número aproximadamente igual para todos os grupos humanos. A

¹¹ Ibid., 28.

¹² Henrique Sobral, *As Raças Humanas*, volume 1 (Lisboa: Resomina), 29. Bio-químicas, os seres vivos são formados por substâncias orgânicas (como proteínas, ácidos nucleicos, lípidios, açúcares e vitaminas) e inorgânicas (como a água e os sais minerais). Graças a presença dessas substâncias ocorrem inúmeras reações químicas nos organismos vivos. Cf. infoEnem. acedido 09 de março de 2018. <https://www.infoenem.com.br/afinal-qual-a-definicao-e-para-que-serve-a-bioquimica>. A Bioquímica é uma subdivisão da Biologia que estuda substâncias orgânicas e inorgânicas, além das transformações químicas que ocorrem nos seres vivos.

¹³ Ibid., 29.

diferença reside na quantidade de melanina que sintetizam, que é o que varia segundo as raças. A radiação ultravioleta pode estimular a atividade dos melanócitos, escurecendo a pele, facto bem visível em leucodermes expostos à radiação solar”¹⁴.

Existem outros fatores que caracterizam a diversidade no Homem, tais como a cor dos olhos (íris) e do cabelo, cuja concentração da melanina também é responsável pela pigmentação. Com efeito, “estas características não são mais do que amostras dos milhares de características biológicas humanas, para os quais se encontram diferenças de origem genética entre os diferentes grupos raciais e no meio deles mesmos”¹⁵.

Estes elementos permitem perceber que o convívio com pessoas diferentes multiplica as hipóteses de efetuar novas aprendizagens. É um fator de abertura e tolerância, que desbrava novos horizontes, levando-nos à descoberta de valores que nos deixarão mais ricos. Numa primeira instância, fomenta o desenvolvimento intelectual, porque a coexistência com pessoas diferentes oferece um número superior de possibilidades de exercitar as nossas competências mentais; e, numa segunda instância, é um fator de progresso cultural, pois a diversidade possibilita a renovação em todas as culturas, uma vez que a sociedade deverá ser um lugar de encontro e de respeito e compreensão mútuos. Assim, a perceção do outro como um ser diferente corresponde à descoberta da própria alteridade.¹⁶ E aprender a viver num ambiente de diversidade é um dos principais desafios do mundo contemporâneo e, portanto, da Educação.

1.4. *Diversidade cultural*

Importa agora olharmos a questão da diversidade cultural. “A diversidade cultural é composta por comportamentos humanos diferentes que ocorrem nos muitos países que há no mundo e nas suas regiões”¹⁷.

Nesta sequência, é importante esclarecer algumas palavras, a começar pela palavra *cultural*, sendo que esta é relativa a *cultura*,¹⁸ “o termo *cultura*, provém do latim *cultus*, faz referência à ação de cultivar o espírito humano e as faculdades

¹⁴ Ibid., 29- 30.

¹⁵ Ibid.,34.

¹⁶ Alteridade é a condição de um ser distinto de outro no seu modo de ser específico, ou no seu facto de ser numérico, na sua essência ou na sua existência: contrapõe-se a identidade de um ser consigo mesmo. Cf. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Logos, I (Lisboa:Verbo,1992),185.

¹⁷ Luís Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2015), 39.

¹⁸ Cf. Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico»/cultura.

intelectuais”¹⁹. Importante mencionar que a definição de cultura foi evoluindo, na medida em que “a cultura passou a ser associada à civilização e ao progresso”²⁰.

Assim, o que deve estar presente é que se trata da “Denominação atribuída ao conjunto de tradições, costumes e normas sociais partilhadas por determinada povoação e que caracterizam a mesma, constituindo a herança dessa povoação”²¹. “Em geral, a cultura é uma espécie de tecido social que abarca as diversas formas e expressões de uma determinada sociedade. Como tal, os costumes, as práticas, as maneiras de ser, os rituais, a indumentária (forma de se vestir) e as normas de comportamento são aspetos incluídos na cultura”²², sendo que “esta variedade manifesta-se na linguagem, na religião, no vestuário, na alimentação, nas festas, nos costumes locais e noutras tradições”²³.

No fundo, trata-se de um “Agrupamento ou aglomerado de preceitos e normas sociais, regras religiosas, manifestações intelectuais ou artísticas e padrões partilhados por determinada sociedade ou povoação, refletindo-se nas suas crenças, doutrinas, saberes, valores, associações, entre outras, e que pertencem à vida individual e coletiva de todos os seus indivíduos”²⁴.

Assim sendo, “dentro de um mesmo país há várias tradições com as quais as pessoas se sentem identificadas e confortáveis, por isso gostam delas”²⁵.

Com isto, é importante fazer um apontamento sobre a palavra *social*, “que vive em sociedade”²⁶, e por consequência, outro apontamento sobre a palavra *sociedade*, que pode ser definida como um “conjunto de pessoas que vivem em estado gregário, corpo social; relação entre pessoas, convivência”²⁷. *Gregário*, “que vive em grupo”, tendência gregária “tendência de indivíduos da mesma espécie para se reunirem e viverem juntos”²⁸.

Estes significados ajudam-nos a refletir sobre o conceito de diversidade do ponto de vista cultural, sendo que esta pode ser entendida como “a construção histórica, cultural e social das diferenças, que foram construídas pelos sujeitos sociais ao longo

¹⁹ «Conceito de cultura», *conceito . de*, acessido 23 de fevereiro de 2018, <http://conceito.de/cultura>.

²⁰ *Ibid.* «Conceito de cultura», *conceito . de*, acessido 23 de fevereiro de 2018, <http://conceito.de/cultura>.

²¹ Léxico.pt: Dicionário de Português Online, «cultura», acessido 23 de fevereiro de 2018, <https://www.lexico.pt/cultura/>.

²² «Conceito de cultura».

²³ Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, 39.

²⁴ Léxico.pt: Dicionário de Português Online, «cultura».

²⁵ Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, 39.

²⁶ Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico»/social.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*

das relações históricas”²⁹. Portanto, o “diferente” só passa a ser percebido dessa forma porque as pessoas têm formas de pensar e de viver diferentes”³⁰.

Neste sentido, a diversidade cultural é complexa, o que pode ser problemático, no entanto é necessário que a diversidade seja entendida numa perspectiva de que a união é a força para que todos vivam as diferenças com harmonia.

O Papa Francisco, in “Conversas com Jorge Bergoglio”, fala sobre “A Aceitação da Diversidade”, onde podemos ler:

“Um verdadeiro crescimento na consciência da humanidade não pode basear-se noutra coisa senão na prática do diálogo e do amor. Diálogo e amor pressupõem o reconhecimento do outro como outro, a aceitação da diversidade. Só assim se pode fundar o valor da comunidade: não pretendendo que o outro se subordine aos meus critérios e prioridades, não ‘absorvendo’ o outro, mas sim reconhecendo como valioso o que o outro é, e celebrando essa diversidade que nos enriquece a todos”³¹.

Nesta diversidade está representada a cultura dos vários povos, dos vários países e regiões, onde a aceitação da diversidade na forma de estar, de se relacionar, de pensar e de agir é necessária, veja-se o número 220 da Exortação Apostólica escrita pelo Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, publicada a 24 de novembro de 2013, onde pode ler-se:

“Em cada nação, os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua vida, configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada pelas forças dominantes. Lembremo-nos que ‘ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral’. [180]. Mas, tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme”³².

É importante a integração, a vivência em comunidade que requer diálogo, com o intuito de se obter paz social. No entanto, esta não pode ser confundida com ausência

²⁹ Angela Josefina Mioranza e Isabel Cristina Corrêa Roësch, «A diversidade cultural no cotidiano da sala de aula», em *II Simpósio Nacional de Educação* (Cascavel, 2010), 3.

³⁰ Cf. Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, 39.

³¹ Papa Francisco, «A Aceitação da Diversidade», *citador*, acedido 3 de março de 2018, <http://www.citador.pt/textos/a-aceitacao-da-diversidade-papa-francisco>.

³² Papa Francisco, «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*» (Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013), n.º 220, https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

de guerra, na medida em que “...uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência”³³.

Salienta-se neste ponto, a unidade dos povos e das culturas, onde a paz, a justiça e a fraternidade devem ser os alicerces de construção da unidade na diversidade.

O Papa Francisco evidencia “quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum”³⁴.

O primeiro princípio é “o tempo é superior ao espaço”, numa perspectiva de “trabalho a longo prazo, sem obsessão de resultados imediatos”, no sentido de que se trata de “privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes”³⁵.

No segundo princípio “a unidade prevalece sobre o conflito”, o Papa Francisco escreve diretamente, no nº 226: “Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade”³⁶, sendo que no nº 227 retrata bem o que quer fazer entender:

“Perante o conflito, alguns limitam-se a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam-se as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. ‘Felizes os pacificadores’ (Mt 5, 9)!”³⁷.

Neste princípio está patente a possibilidade de “desenvolver uma comunhão nas diferenças”³⁸. “A diversidade é bela, quando aceita entrar constantemente num processo de reconciliação até selar uma espécie de pacto cultural que faça surgir uma “diversidade reconciliada”³⁹.

³³ Ibid., n. 219.

³⁴ Ibid., n. 221.

³⁵ Ibid., n. 222-223.

³⁶ Ibid., n. 226.

³⁷ Ibid., n. 227.

³⁸ Ibid., n. 228.

³⁹ Ibid., n. 230.

O terceiro princípio começa no n.º 231: “a realidade é mais importante do que a ideia”, assim sendo “Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade”. Deste modo, “A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal à objetividade harmoniosa”⁴⁰. O último princípio é “o todo é superior à parte”, que se faz presente por “... não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra”⁴¹, na medida em que

“O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar. É necessário mergulhar as raízes na terra fértil e na história do próprio lugar, que é um dom de Deus. Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspetiva mais ampla. Da mesma forma, uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade, quando se integra cordialmente numa comunidade não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento. Não é a esfera global que aniquila, nem a parte isolada que esteriliza”⁴².

Sendo que logo de seguida, no n.º 236, o Papa Francisco afirma que:

“É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos”⁴³.

Tendo em vista tudo o que foi mencionado anteriormente, realçando o que daqui pode sobrevir, torna-se necessário abordar mais especificamente o tema da diversidade religiosa, pois torna-se de especial importância adicionar e fazer perceber, como cada cidadão pode viver em diversidade e dignidade a sua crença, bem como perceber como cada um de nós pode ter um papel determinante na potenciação de uma sociedade que permita a integração harmoniosa de todos, onde a valorização das diferenças deve ser uma força.

⁴⁰ Ibid., n. 231.

⁴¹ Ibid., n. 234.

⁴² Ibid., n. 235.

⁴³ Ibid., n. 236.

1.5. *Diversidade religiosa*

Na perspectiva judaico-cristã e islâmica, Deus é a origem da vida. É nele que se encontra a plenitude da vida, em toda a sua perfeição, a qual não conhece início nem terá ocaço. O ser humano é um ser vivente porque recebeu de Deus a vida como um dom inestimável. A vida é, pois, o primeiro dom de Deus.

Deus atribui muito valor à vida de cada pessoa, pois toda a pessoa é digna, é muito importante e tem muito valor. Foi isto que há muitos anos, os judeus descobriram e escreveram sob a forma de uma oração, que faz parte do livro dos Salmos. Os cristãos também rezam e cantam a Deus com os salmos

"Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra! Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a lua e as estrelas que tu criaste: que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino, de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés: rebanhos e gado, sem exceção, e até mesmo os animais bravios, as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que percorre os caminhos do oceano. Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!" (Sl 8, 2,4-10).

Apesar das muitas diferenças que podem existir entre as pessoas, somos todos iguais no coração, porque em todos nós existe o desejo de ser feliz; em todos nós existe a alegria e a tristeza; em todos nós há o desejo de amar e de ser amado; em todos nós habita Deus, que nos criou e nos ama.

Cada pessoa é única e irrepetível, nunca existiu, nem existirá alguém exatamente igual. Cada pessoa vale por si mesma e é tão importante como as outras, ou seja, todas têm a mesma dignidade e os mesmos direitos. Temos direito a ser diferentes, mas temos também o dever de respeitar os que são diferentes de nós.⁴⁴

Todo o crente sente que tem para com Ele uma enorme dívida de gratidão. Nada fez para merecer existir e, contudo, Deus quis que existisse. Por isso, através da oração, agradece a Deus esta dádiva fundamental. Mas a melhor maneira de agradecer é cultivá-la e respeitá-la, como quem cuida da maior prenda que alguma vez lhe tenha

⁴⁴ Cf. *Ibid.*, 37.

sido oferecida. É por isso que o respeito pela vida faz parte do Decálogo, a lei fundamental da Bíblia Sagrada: “Não matarás” (Mt 5,21).

A Igreja católica afirma que “o direito à vida é inviolável e que a vida humana deve ser respeitada e protegida desde o momento da concepção”⁴⁵.

O Catecismo da Igreja Católica reforça que a dignidade da pessoa humana radica na sua criação à imagem e semelhança de Deus. Os seres humanos edificam-se a si mesmos e crescem a partir do interior: fazem de toda a sua vida sensível e espiritual objeto do próprio crescimento (CCE 356).

Jesus é a luz da vida e para ilustrar esta afirmação podemos ler no Evangelho de São Marcos:

“E depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim. E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim. E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama. E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.” (Mc 10, 46-52)

Em Jericó, Jesus teve este encontro com o cego Bartimeu. Ele queria encontrar-se com Jesus, mas muitas pessoas impediam-no porque ele era cego e naquele tempo os cegos eram discriminados. Porém Bartimeu insistiu e não se calou. Jesus acolheu-o, chamou-o e dialogou com ele e atendeu ao seu pedido. Foi assim que com a força da sua palavra, Jesus curou Bartimeu.⁴⁶

Cada pessoa vale por si mesma. Não porque alguém a ama e lhe quer bem, ou porque é reconhecida pelos demais ou pelo Estado. É por causa do valor inalienável de cada pessoa que todos têm direito a ser reconhecidos e valorizados, sobretudo os mais vulneráveis, os que se sentem excluídos e aqueles cuja voz não é escutada pela

⁴⁵ Fernando Augusto Teixeira Moita et al., *Horizontes de Esperança - Manual do Aluno - 9.º ano - Educação Moral e Religiosa Católica*, ed. Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã (Moscaide: Gráfica Almondina, 2010), 28.

⁴⁶ Cf. Coelho et al., *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*, 46.

sociedade. Onde não há reconhecimento da dignidade, não há humanidade. Daí que a dignidade humana exija a responsabilidade de cada um pelo seu próximo. Já S. João Paulo II afirmava que “não pode haver paz verdadeira sem respeito pela vida”⁴⁷.

No nosso mundo, as pessoas têm formas de pensar e de viver diferentes. Na sociedade nem todas as pessoas são cristãs, no entanto muitas delas relacionam-se com Deus e vivem a sua fé em comunidades diferentes. Podemos encontrar pessoas de várias religiões com modos diferentes de pensar e de vestir, com cultos e ritos também diferentes. De todas as religiões existentes no mundo atual, destacam-se as três religiões abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islão; e as religiões orientais: Budismo, Hinduísmo, Tauismo e Confucionismo.

Onde quer que se encontrem vestígios de atividade humana, encontram-se manifestações do religioso. Em todos os tempos e lugares, a humanidade procurou encontrar-se com o divino: construir templos, celebrar festas e rituais, integrar as crenças no seu quotidiano.

Independentemente do que pensamos da religião, ela é uma realidade estruturante das sociedades e não é possível compreender a história da humanidade sem ter em conta a dimensão religiosa. A vida social está configurada em grande parte pelo religioso, desde o nascimento até a morte. A dimensão religiosa está presente nas vivências do quotidiano da existência humana.

Todas as culturas estão impregnadas de valores religiosos que se manifestam na história, na literatura, na arte, na filosofia, na organização das povoações e do espaço urbano.

A religião sendo um fenómeno universal no tempo e no espaço, está na base das culturas, da vida familiar e da vida social. Ela contribui para a felicidade das pessoas e dos grupos, atribuindo um sentido à existência humana e apelando aos valores éticos que nos impelem a servir os outros e o meio em que estamos inseridos.

A humanidade sempre se questionou sobre a existência e sobre o que está para lá do universo, bem como sobre a vida e a morte, a fertilidade dos solos e dos animais, a harmonia dos astros e a força da natureza. Não sabendo explicar muitos dos fenómenos naturais, atribuiu o milagre da vida a forças poderosas que temia e a quem prestava culto: perante a força vital do Sol, adorou-o; ao desejar a fertilidade, construiu estatuetas que representam a deusa-mãe.⁴⁸

⁴⁷ Cf. Moita et al., *Horizontes de Esperança - Manual do Aluno - 9.º ano - Educação Moral e Religiosa Católica*, 47.

⁴⁸ Cf. Fernando Augusto Teixeira Moita et al., *Desafios - Manual do aluno- 7.º ano- Educação Moral e Religiosa Católica*, ed. Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2008), 57.

Muitos povos do passado adoraram vários deuses (politeísmo) que representavam sob várias formas e a quem atribuíam diversos nomes. Consciente de que ele próprio dependia de uma força que lhe era superior, o ser humano reservou locais de culto, que assinalou com grandes pedras. A crença na vida para além da morte e na existência de forças divinas conduziu vários povos, em todas as latitudes, a desenvolverem ritos e manifestações religiosas: mumificação dos mortos, construção de estátuas e santuários dedicados aos deuses, existência de pessoas encarregadas de lidar com as divindades, calendários, festas, ritos de iniciação e escritos sagrados.

A religião pressupõe uma iluminação ou um encontro com o Sagrado. Esse encontro está descrito em textos sagrados de tradição oral ou escrita. Destacam-se neste processo os místicos, os videntes, e os profetas, que são portadores de uma mensagem capaz de transformar a vida das pessoas.

O ser humano busca na religião resposta às suas inquietações, um sentido para a existência e esperança no futuro. A relação com o sagrado, através da fé, conduz o ser humano à fidelidade a determinados compromissos e responsabilidades. Todos os dias, em cada recanto do mundo, homens e mulheres dedicam um pouco do seu tempo à sua relação com o sagrado, exprimindo-se através de palavras e gestos, orações e ações.

Cada religião apresenta um caminho de libertação interior e oferece um conjunto de respostas e metas que procuram dar sentido à existência e ao agir humanos. Conhecer as várias religiões é abrir-se à deslumbrante descoberta do mistério, da beleza, do heroísmo, da radicalidade, da verdade e da simplicidade. É como entrar num mundo maravilhoso onde os homens e as mulheres se questionam e se entregam sem limites a causas belas e justas e onde o Sagrado caminha com cada um de nós na busca da felicidade.⁴⁹

Nas grandes catedrais ou nas capelas da floresta, no templo ou na mesquita, junto ao muro das lamentações ou no mosteiro, erguem-se palavras e cânticos de louvor, pensamentos e compromissos de amor e serviço, de súplica e de perdão. No silêncio do quarto, na Igreja ou na sinagoga, olhando para Meca ou à beira do rio Ganges, contemplando um pôr-do-sol ou no silêncio do seu coração, cada homem e cada mulher procura a Vida, procura o Ser, procura o Amor.⁵⁰

Mas cada religião traz consigo um enorme perigo: o fanatismo, a intolerância e o fundamentalismo, quando se transforma para o crente numa fuga à complexidade do real, em vez de uma abertura ao sentido da sua grandeza e diversidade. Para tal, é

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, 58.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, 58

necessário estarmos atentos aos movimentos religiosos para acolhermos o que dignifica o ser humano e rejeitarmos o que o diminui.

Os descendentes de Abraão, ao longo dos tempos, professaram a fé num só Deus e originaram as três religiões abraâmicas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão. Todas acreditam num Deus único e reconhecem em Abraão o primeiro crente (o pai da fé).⁵¹

O Judaísmo foi uma religião que surgiu em Israel como consequência da intervenção do Deus uno e único na história do povo judeu. Consiste numa relação especial entre Deus e o povo judeu, manifestada através de uma revelação contínua de geração em geração.⁵²

Os principais símbolos do Judaísmo são a Menorah, um dos mais antigos da fé judaica e a Estrela de David. A Torah é a escritura mais importante do Judaísmo, sendo este o seu livro sagrado por excelência.

Os princípios básicos da fé judaica são: proclamar a existência de um só Deus; reconhecer a presença e a revelação de Deus nos acontecimentos da história; baseia-se na Aliança entre Deus e Israel, o povo eleito; a espera da vinda do Messias e a vida eterna.

O dia sagrado para os judeus é o Sábado (Shabbat).

O estudo da Torah é o principal dever de um judeu. Os homens da comunidade judaica reúnem-se diariamente na sinagoga para a oração da manhã, para a oração da tarde e para a oração da noite. Jerusalém é o centro dos centros, o local onde se centra o culto no Templo e o lugar de todas as instituições políticas e religiosas. A Sinagoga é um espaço de oração.⁵³ O Cristianismo é a religião daqueles que acreditam que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus e o Messias prometido. Jesus Cristo é, para os cristãos, a grande mensagem de Deus à Humanidade. Ele veio anunciar a todas as pessoas a boa notícia da salvação, ou seja, o projeto de felicidade para todos, que é viver o amor, a justiça e a verdade, trabalhando incansavelmente pela paz.⁵⁴

Herdeiro do judaísmo e enriquecido pela civilização greco-romana, o Cristianismo, apesar de três séculos de perseguições, criou raízes na vida de muitos homens e mulheres que, em Jesus Cristo, encontraram sentido para a sua vida.

A universalidade que o Cristianismo alcançou deu-lhe vitalidade, mas também é verdade que as submissões a interesses particulares, de indivíduos ou de grupos,

⁵¹ Cf. Ibid., 60.

⁵² Cf. Ibid., 62.

⁵³ Cf. Ibid., 76.

⁵⁴ Cf. Ibid., 94.

fragilizaram a comunidade cristã. Ao longo do primeiro milénio, apesar de pequenas divergências e separações, o Cristianismo manteve-se globalmente unido.⁵⁵

O Cristianismo, que assenta a sua fé e a sua esperança em Jesus Cristo, é uma religião que está profundamente inserida na vida das pessoas e dos povos.

O livro sagrado dos cristãos é a Bíblia e todas as semanas, ao Domingo, festeja-se a ressurreição de Jesus, com a celebração da eucaristia, sendo este o dia sagrado para os cristãos.

O Cristianismo recebe a herança do Judaísmo, por isso, acredita em Deus não só como Criador, mas essencialmente como Pai misericordioso, um só Deus que sendo o horizonte de sentido para cada pessoa é o amor inclusivo, sempre pronto a acolher cada um. A fé cristã fundamenta-se na ressurreição de Jesus Cristo e apela à adesão pessoal e comunitária a Jesus Cristo e ao seu mandamento do amor. Desde muito cedo, os apóstolos serviram-se de pequenas fórmulas, para explicarem quem era Jesus e em que consistia ser cristão. Essas fórmulas foram-se desenvolvendo e enriquecendo, até que, no Concílio de Niceia, foram sistematizados os princípios básicos da fé cristã a que chamaram Símbolo dos Apóstolos ou Credo.

Porém, existe diversidade no Cristianismo, enquanto religião centrada na fé em Jesus Cristo, é professado e vivido por milhões de crentes espalhados por todo o mundo, mas nem todos os cristãos vivem de igual forma esta religião. Na verdade, fruto de divergências culturais, políticas, históricas e culturais, o Cristianismo está dividido em três ramos principais: Cristãos Católicos (Romanos), Cristãos Ortodoxos e Cristãos Protestantes.⁵⁶

O Islão, por sua vez, é uma religião monoteísta que surgiu na Península Arábica no século VII d.C., baseada nos ensinamentos religiosos do profeta Maomé registados no livro sagrado, o Alcorão. Nasceu numa região marcada pelo deserto, onde os árabes eram politeístas e adoravam divindades na forma de árvores ou pedras. Os seus rituais religiosos passavam pelo sacrifício de animais, jejuns e peregrinações.⁵⁷

O símbolo por excelência do Islão é o hilal, também chamado crescente e as seis crenças principais são: ter fé em Alá, acreditar nos Anjos, no Alcorão, nos vários profetas enviados por Alá à humanidade, dos quais Maomé é o último e o maior, acreditar no dia do Juízo Final e acreditar na predestinação.

⁵⁵ Cf. Fernando Augusto Teixeira Moita et al., *Livres para amar - Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 8º ano*, ed. Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2009), 66.

⁵⁶ Moita et al., *Desafios - Manual do aluno - 7.º ano - Educação Moral e Religiosa Católica*, 119.

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, 80.

A sexta-feira é o dia sagrado do Islão porque foi nesse dia que Deus criou o primeiro Homem e porque o dia do Juízo Final há-de ocorrer também numa sexta-feira.

Os cinco pilares do Islão consistem em cinco deveres básicos de cada muçulmano, isto é, a recitação e aceitação do credo, a oração cinco vezes por dia, a esmola, a observância do jejum no Ramadão e a peregrinação a Meca.

A ética muçulmana resume-se a nove atitudes: a sinceridade, a moderação, a justiça, o perdão, a reconciliação, a dádiva, a meditação, o discurso edificador e o olhar atento. Os muçulmanos consideram sagradas as cidades de Meca, Medina e Jerusalém.⁵⁸

Das religiões orientais principais destacam-se o Hinduísmo, o Budismo, o Tauismo e o Confucionismo.

O Hinduísmo é um fenómeno que engloba a totalidade da vida. Mais do que uma religião, é um conjunto de religiões ou de tendências religiosas, reunindo uma enorme variedade de crenças e cultos. Cada ser humano possui uma alma individual que antes de atingir a Alma Universal deve purificar-se de tudo o que o diminui e adquirir o conhecimento necessário, através de uma série sucessiva de vidas terrenas.

O objetivo de todo o hindu é escapar ao ciclo de reencarnações que submetem o ser humano às condições negativas da vida terrena. Ser hindu é, pois, uma relação de pertença a uma sociedade, participando num certo número de valores e de práticas. Ninguém se torna hindu senão por uma espécie de consenso da sociedade.⁵⁹

O símbolo do hinduísmo é o Om e as escrituras hindus, chamadas Shastras, dividem-se em dois grupos: Shruti e Smriti. O princípio fundamental dos hindus é a retidão.

O principal rito hindu consiste na adoração da divindade. No panteão hindu sobressaem três divindades maiores: Brama, o deus criador de todas as coisas e para o qual tudo regressa; Vixnu, o deus conservador; e Xiva, o deus destruidor. A esta trindade hindu designa-se de Trimurti.

Todo o hindu deve rezar pelo menos duas vezes por dia, de preferência ao nascer e ao pôr-do-sol. A oração consiste essencialmente em recitar mantras, fórmulas quase mágicas que unem a pessoa aos deuses e produzem uma transformação interna. Os hindus também frequentam os templos onde fazem oferendas à divindade. A cerimónia no templo, com rituais precisos é presidida por um ou vários sacerdotes. Os templos hindus baseiam-se no desenho dos yantras.⁶⁰ O Budismo é, essencialmente, um caminho de aperfeiçoamento espiritual. O seu carácter aberto e não dogmático, bem

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, 89.

⁵⁹ Cf. Moita et al., *Horizontes de Esperança - Manual do Aluno - 9.º ano - Educação Moral e Religiosa Católica*, 99.

⁶⁰ Cf. *Ibid.*, 106.

como o facto de poder prescindir da ideia de um deus transcendente leva muitos investigadores a considerá-lo uma filosofia ou uma forma de vida e não tanto uma religião. A salvação não é, portanto, dádiva gratuita de uma divindade, mas conquista do ser humano.

O objetivo do budismo é ajudar as pessoas a encontrar o caminho para a iluminação, no qual se atinge o estado de nirvana. A noção de karma constitui a pedra de toque da doutrina budista.⁶¹

A figura de Buda, sentado em postura de lótus, tal como estaria no momento da sua iluminação, impôs-se como representação universalizada do Budismo, mas o símbolo do Budismo é a Roda da Lei ou Roda da doutrina. O texto fundamental é o célebre Sermão de Benares, no qual, depois da Iluminação, Sidarta Gautama identificou o grande mal do mundo (o sofrimento) e indicou o Óctuplo Caminho como meio para o ultrapassar e atingir a paz e a serenidade.

O Budismo baseia-se nas quatro nobres verdades pregadas por Sidarta Gautama: a vida é sofrimento; as causas do sofrimento são a ignorância; a solução só se encontra na cessação do sofrimento e a via que leva à cessação do sofrimento tem três aspetos: a ética, a meditação e a sabedoria.

Os locais ligados à vida de Buda são considerados lugares sagrados e constituem os mais importantes pontos de peregrinação budista.⁶²

O Tauismo é uma doutrina filosófico-religiosa e um conjunto de práticas religiosas. Enquanto filosofia, foi formulada inicialmente no século VI a.C. por Lao Tsé e desenvolvida, por diversos mestres e enquanto religião, incorporou o pensamento filosófico dos mestres tauistas, absorveu muitos elementos da religiosidade popular chinesa, da escola yin-yang, da escola dos Cinco Elementos e sofreu influência tanto do Confucionismo como do Budismo.

Baseia-se num sistema politeísta de crenças que assimila os antigos elementos místicos e enigmáticos da religião popular chinesa, como o culto dos antepassados, os rituais de exorcismo, a alquimia e certas práticas mágicas. A filosofia tauista realça a integração do ser humano na realidade cósmica primordial e tem um carácter eminentemente contemplativo.

O Tai Chi é o símbolo tauista e representa o mundo visível. Neste símbolo estão representados o Yin e o Yang, as duas forças fundamentais da mutação. O cânone tauista é composto por inúmeras obras que incluem a literatura tradicional chinesa, as

⁶¹ Cf. *Ibid.*, 108.

⁶² Cf. *Ibid.*, 112.

obras dos grandes mestres e ainda obras originalmente confucianas, budistas e até cristãs.

Lao Tsé, o grande mestre, cultivou e aprofundou dois conceitos chineses antigos: o Tau e o Te. Tau é o primeiro princípio imutável que rege o universo, a ordem e harmonia do mundo, de onde tudo provém. O Te é a força vital, o poder de levar o Tau a realizar-se em todas as coisas. A procura da longevidade e da imortalidade sempre foi um elemento essencial no Tauismo. Só a busca da perfeição, ou seja, a harmonia com o Tau, é caminho adequado para a obtenção da imortalidade. O Tauismo acredita na existência de uma hierarquia de deuses, incluindo seres humanos divinizados, submetidos à autoridade do deus supremo. As práticas religiosas que pretendem alcançar este objetivo são de dois tipos: a alquimia exterior e interior.⁶³

O Confucionismo é essencialmente uma doutrina política e ética, apesar de ter igualmente uma dimensão religiosa. É uma filosofia moral baseada no racionalismo pragmático e o culto da natureza e dos antepassados, bem como a afirmação do amor, da justiça, da sinceridade e da reverência são características fundamentais deste sistema filosófico-político-religioso. Tem continuidade histórica e é ainda praticado não só na China e na Ásia, como em diversos países americanos e europeus.

Embora não apresente um símbolo específico, o Confucionismo adotou o mesmo símbolo tauista Tai Chi, simbolizando as forças em movimento e em equilíbrio do Yin e Yang. O cânone da sabedoria e ensinamentos confucionistas centra-se nos cinco livros clássicos: I Ching (Livro das Mutações), Shu Ching (Livro da História), Li Ching (Livro dos Rituais ou da Etiqueta), Shih Ching (Livro dos Poemas), e Ch'un Ch'iu (Anais da Primavera e do Outono).

O seu princípio fundamental é a humanidade, a justa organização das relações humanas. Os deveres que servem de base a estas relações são a lealdade, o respeito e o cuidado dos outros, provendo às suas necessidades. Nesta hierarquia de relações, é também valor importante a obediência aos superiores, sendo este um dos aspetos mais conservadores do Confucionismo.

O Confucionismo atribui importância aos rituais sociais e religiosos como o culto dos antepassados, a veneração do Céu como Senhor Supremo e os rituais sociais de decência.⁶⁴

⁶³ Cf. *Ibid.*, 116.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, 121.

Todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos. Por vezes, uma máxima, uma declaração ou um imperativo resumem o essencial dos deveres morais que devem orientar a conduta humana.

As religiões oferecem recursos éticos para que todos possam viver em harmonia com a própria consciência, com os outros, com a natureza e com Deus. A promoção é a da sabedoria e da santidade de vida. O aforismo moral consiste em: “Não façam aos outros o que não desejam que os outros vos façam”, sendo que esta regra é chamada de regra de ouro e existe, com formulações diferentes, em muitas religiões.

Jesus formulou de maneira positiva “Façam aos outros o que desejam que os outros vos façam”, para indicar que o bem não se limita a excluir o mal, mas implica um compromisso sério e objetivo na construção de relações verdadeiramente humanas. Trata-se de agir de forma desinteressada, sem intenção direta de obter qualquer recompensa pessoal. Só quem faz o bem de forma gratuita imita a bondade, o amor e a ternura de Deus por todas as pessoas. O amor cristão não está orientado apenas para um grupo específico de pessoas, é universal e inclui os inimigos. Para Jesus, esta atitude reflete o comportamento de Deus que “é bom até para as pessoas ingratas e más” e conclui que “Sejam bondosos como o vosso Pai é bondoso”⁶⁵ (Lc 6, 35-36).

2. Diversidade na Sagrada Escritura

Após a abordagem sobre a diversidade religiosa, é altura de olhar as questões teológicas associadas ao tema da *diversidade*. Deste modo, é pertinente iniciarmos este percurso pela obra da Criação, por tal temos como referência o relato da Criação (Gn1,1-31). Este relato é como que um pórtico de entrada e um elenar de respostas propostas pela Bíblia para os grandes problemas da humanidade. Salienta-se que a Bíblia, e o relato em questão em nada se opõe às teorias científicas (das quais não nos iremos debruçar) sobre a Criação.

Encontramos neste relato de uma forma esquematizada a Criação de Deus ao longo de uma semana; Deus criador, que cria a diversidade e Viu que tudo era bom. No primeiro dia da criação do mundo, “Deus disse: “Faça-se luz.” e a luz foi feita. Deus viu que luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã” (Gn1,3-5).

⁶⁵ Cf. *Ibid.*, 129.

No segundo dia, “Deus disse: “Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras” E assim aconteceu. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento. Deus chamou céus ao firmamento. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã.” (Gn1, 6-8).

Seguiu-se o terceiro dia, “Deus disse: “Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.” E assim aconteceu. Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom. Deus disse: “Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.” E assim aconteceu. A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente. Deus viu que isto era bom. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã.” (Gn1, 9-13).

No quarto dia, “Deus disse: “Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a Terra.” E assim aconteceu. Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã.” (Gn1, 14-19).

Surgiu o quinto dia, Deus disse: “Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus.” Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. Deus abençoou-os, dizendo: “Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã.” (Gn1, 20-23).

No sexto dia, “Deus disse: “Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies” E assim aconteceu. Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.” E inserido neste dia Deus Criou o Homem. Quando olhamos para a forma como nos é apresentada a criação do Homem ela é-nos apresentada de uma forma mais solene: “Depois, Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as

aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.” Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movam na terra.” (Gn1, 26-28).

Desta forma Deus cria o ser humano, mas implica-o em toda a obra da Criação. Homem e Mulher são criados à imagem e semelhança de Deus, por isso implicados em toda a obra da Criação, Deus diz mesmo “Façamos...” (Gn1, 26), Homem como co-criador, convocado a continuar e aperfeiçoar o mundo. Deste modo, o ser humano, carrega na sua história tanto a alegria como a tristeza, o júbilo e o sofrimento neste caminho já trilhado e que terá de continuar a trilhar no sentido de continuador de toda a obra da Criação.

Daqui advém a preocupação que o cristianismo demonstrou e demonstra com as questões relativas à *diversidade*, vejamos o exemplo das Encíclicas *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI, publicada a 29 de junho de 2009, e da *Laudato Si* do Papa Francisco publicada a 24 de maio de 2005. Nas mesmas deparamo-nos desde logo com uma preocupação ambiental e humana; que será isto senão uma continuação da obra da Criação? O cuidar da Diversidade?

3. Diversidade nas Encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si*

A enciclica *Caritas in Veritate*,⁶⁶ publicada a 29 de junho de 2009, pelo Papa Bento XVI, surge após o mesmo ter exortado a cúpula dos chefes de Estado e do Governo do G8 (o grupo dos países mais desenvolvidos do mundo) a meditarem sobre os valores éticos nas medidas de superação da crise económica, exigindo deles ajuda com vista ao desenvolvimento dos países mais pobres.

Esta Encíclica no primeiro capítulo aborda o desenvolvimento humano no nosso tempo (desenvolvimento integral), fundado na caridade e na verdade e exige a resposta livre e responsável da pessoa e dos povos. Com a luz da palavra de Deus e da teologia ele aborda temas sociopolíticos, económicos e tecnológicos, apontando rumos para a preservação da vida do ser humano, de todas as criaturas e do planeta. Ao anunciar as possibilidades do desenvolvimento sustentável, o Papa alerta para a obrigação real, a busca de um desenvolvimento que seja integral, o que exige uma nova planificação global do

⁶⁶ Cf. Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 2009).

desenvolvimento e uma renovada avaliação do poder do Estado. Chama também a atenção para o facto de a riqueza mundial estar a crescer, mas por outro lado para o facto de as desigualdades estarem a aumentar, crescendo o número daqueles que não respeitam os direitos humanos.⁶⁷

No entanto, o Papa aponta a direção para várias áreas, sendo necessário: melhorar as redes de segurança social e previdência; estar atento do ponto de vista social; preservar e valorizar a pessoa humana, na sua integridade; evitar a homogeneização dos comportamentos e estilos de vida, pois vivemos o multiculturalismo e é preciso respeitar todas as culturas, sendo a alimentação e a água direitos universais sem distinções nem discriminações; o combate à fome no mundo que é um objetivo a alcançar para preservar a paz e subsistência do nosso planeta; respeitar a vida desde a sua conceção; a liberdade religiosa é um direito de cada cidadão, daí que a violência como o terrorismo fundamentalista seja algo a evitar; a promoção programada da indiferença religiosa e do ateísmo prático por parte de muitos países, subtraindo ao desenvolvimento recursos espirituais e humanos, por fim a necessidade de temperar o saber como obra da inteligência com sal da caridade, para que se torne sapiência, capaz de orientar o Homem.⁶⁸

No capítulo IV, é abordado o tema do desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, ambiente. A Solidariedade deve ser um facto, um benefício e um dever.⁶⁹ Hoje, algumas pessoas tendem a alimentar a pretensão de que não devem nada a ninguém, a não ser a si mesmas. É importante invocar uma reflexão que faça ver como os direitos pressupõem deveres, sem os quais o seu exercício se transforma em arbítrio. A partilha dos deveres recíprocos mobiliza muito mais do que a mera reivindicação de direitos. A isto se associa o dever de ética, em tudo, pois, é bom formar um juízo válido, porque se nota um certo abuso do adjetivo “ético”, que usado de forma vaga, pode designar conteúdos vagos, passando à sua sombra, decisões e opções contrárias à justiça e ao verdadeiro bem do ser humano. Para tal, é necessário recentralizar o ser humano, que é o sujeito do dever do desenvolvimento. O tema do desenvolvimento aparece, hoje, estritamente associado aos deveres que o ser humano tem para com o ambiente natural.

Para preservar a natureza é necessário que a vida humana seja respeitada, sendo que a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o do meio ambiente. Por isso, não basta intervir com incentivos e penalizações económicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas o problema é a

⁶⁷ Cf. Ibid., nº22.

⁶⁸ Cf. Ibid., nº25, 26,27,28,29.

⁶⁹ Cf. Ibid., nº 43.

solidez moral da sociedade em geral. A natureza é expressão de um desígnio de amor e de verdade, sendo que ela nos precede, pois ela nos é dada por Deus, como ambiente de vida.⁷⁰

A colaboração da família humana é abordada no capítulo V; nele, o Papa Bento XVI afirma que o desenvolvimento dos povos depende, sobretudo, do reconhecimento de que todos são uma só família, a qual colabora em verdadeira comunhão e é formada por sujeitos que não se limitam a viver ao lado uns dos outros. Uma das pobreza mais profundas que a humanidade pode experimentar é a solidão,⁷¹ refere o Papa. A pobreza incluindo a material, também nasce do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. O diálogo entre a fé e a razão pode ajudar à colaboração fraterna entre crentes e não crentes na perspectiva comum de trabalharem pela justiça e pela paz da humanidade. O ser humano está orientado para o próprio desenvolvimento – que pode degradar-se, se ela pretende ser a única produtora de si mesma. Do mesmo modo, degenera o desenvolvimento dos povos, se a humanidade pensa que se pode recriar valendo-se do desenvolvimento da tecnologia. O desenvolvimento tecnológico pode induzir a ideia de autossuficiência da própria técnica, quando o ser humano apenas se interroga sobre o “como” e deixa de ter em conta os muitos “porquês” pelos quais é impelido a agir. O Papa pede que se olhe com olhos novos e um coração novo, capaz de superar a visão materialista dos acontecimentos humanos e olhar mais além, algo que a técnica não pode dar. Por este caminho, será possível perseguir aquele desenvolvimento humano integral que tem o seu critério orientador na força propulsora da caridade e verdade.⁷²

O Papa conclui dizendo que sem Deus o ser humano não sabe para onde ir e não consegue compreender quem é. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos que quase levam ao desânimo e à rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo: “sem Mim, nada podereis fazer” (Jo 15,5), e encoraja: “Eu estarei convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20).

Por seu turno, na Encíclica *Laudato si*,⁷³ o Papa Francisco destaca a sua preocupação com a nossa casa comum. Com efeito, o site do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura afirma que a Encíclica é constituída por “246 parágrafos divididos em seis capítulos, acrescenta um novo contributo à doutrina social da Igreja. É um texto articulado, muito específico em vários aspetos, que cita documentos de muitas conferências episcopais, incluindo a portuguesa. Ao dirigir-se não só aos cristãos, mas ‘a cada pessoa que habita neste

⁷⁰ Cf. *Ibid.*, n.º51.

⁷¹ Cf. *Ibid.*, n.º53.

⁷² Cf. *Ibid.*, n.º55.

⁷³ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*. (Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 2015), n.º 160.

planeta’, Francisco invoca ‘solidariedade universal’ para ‘unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral’⁷⁴.

Nesta linha, o título do documento foi inspirado na invocação de São Francisco de Assis no Cântico das Criaturas, que recorda a Terra como a nossa casa comum: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas... Louvai e bendizei o meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade”⁷⁵. Francisco é, na verdade, um exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e pela ecologia integral, cheio de alegria e autenticidade. Não só se sentia chamado a cuidar de tudo o que existe, como propunha reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e nos transmite algo belo e bom.

O centro da proposta da Encíclica é a ecologia integral como novo paradigma de justiça: uma ecologia que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. De facto, isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Na verdade, por mais que vivamos em campos distintos, esta constatação aplica-se na economia e na política, nas diferentes culturas e até em cada momento da vida quotidiana.

É também uma maneira de deixar um mundo sustentável às gerações futuras, pelo que implica algo mais profundo e que é indispensável para se poder criar um ambiente verdadeiramente dignificante: a relação do ser humano com a natureza. O planeta Terra já era habitado antes de aparecer o homem e a mulher; este tornou-se num objeto de uso, dominação da parte das sociedades humanas que usam e afetam o ambiente. E esta relação do ser humano com a natureza deve ser uma relação pontuada de respeito, diríamos mesmo de amor.⁷⁶

O ser humano tem a responsabilidade de cuidar do meio ambiente, mas isto inclui o cuidado com todas as pessoas. É evidente que ao cuidarmos do ambiente, estamos também a cuidar do bem-estar e do futuro da humanidade. A ecologia integral envolve também a vida diária, com particular atenção para o ambiente urbano, tendo em vista que o ser humano tem uma grande capacidade de adaptação, criatividade e generosidade, considerando também que um desenvolvimento autêntico pressupõe um melhoramento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transporte, etc.⁷⁷

O nosso corpo coloca-nos numa relação direta com o meio ambiente e com os outros

⁷⁴ Andrea Torielli, «“Laudato si”»: Os grandes temas da “encíclica verde” do papa Francisco», *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura*, 2015,

http://www.snpcultura.org/laudato_si_os_grandes_temas_da_enciclica_verde_do_papa_francisco.html.

⁷⁵ S. Francisco de Assis, «Cântico das Criaturas», em *Catecismo Somos +* (Moscavide: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2007).

⁷⁶ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*. (Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 2015), n.º 152,153.

⁷⁷ Cf. *Ibid.*, n.º 159.

seres vivos, a aceitação do próprio corpo como um dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação.⁷⁸

“A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”.⁷⁹

A Encíclica sublinha que se deve investir na formação para uma ecologia integral, para compreender que o ambiente é um dom de Deus, uma herança comum que se deve administrar e não destruir. E bastam pequenos gestos quotidianos: fazer a recolha diferenciada dos lixos, não desperdiçar água e alimentos, apagar luzes inúteis, agasalhar-se um pouco mais em vez de acender o aquecimento. Desta forma, poderemos sentir que “temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo e que vale a pena sermos bons e honestos”⁸⁰, sendo que só desta forma respeitaremos os outros nas suas diferenças e só assim conseguiremos viver e crescer na diversidade. Tal como afirmava António Sérgio, “a liberdade e a cidadania devem ser alimentadas todos os dias, pacientemente recriadas, sempre reconquistadas, pois se não realizarmos este treino diário perdemos a forma, perdemos a pujança, e não conseguiremos construir o futuro que ambicionamos”⁸¹.

⁷⁸ Cf. *Ibid.*, nº 155.

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, nº 155.

⁸⁰ Cf. *Ibid.*, nº 229.

⁸¹ António Sérgio, «Le Sport du Volontaire», em *Le Volontaire – La paix pour la jeunesse*, n.º 22, 1929, 2.

4. Síntese

Ao longo deste capítulo, refletimos sobre os diferentes tipos de diversidade e como esta dá sentido à vida. É um desafio grande, uma vez que quando falamos da mesma, nos estamos a referir à diversidade na natureza, humana, cultural, religiosa, bem como o tema da diversidade na Sagrada Escritura e nas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si*.

CAPÍTULO II – SOMOS ASSIM TÃO DIFERENTES? – REFERÊNCIAL TEÓRICO

Ao longo do primeiro capítulo, tivemos a oportunidade de identificar e reconhecer o valor da diversidade. Debrucemo-nos agora no trabalho de identificação e reconhecimento do valor da igualdade. Aparentemente, trata-se de abordagens distintas, todavia, tal como teremos oportunidade de constatar, complementam-se mutuamente. O que é que nos une? O que é que nos torna iguais? Como é que o ser humano, na casa comum que partilha com toda a humanidade e com as demais criaturas, pode reconhecer o outro como um semelhante?

“Um mundo em que as pessoas são tratadas como objetos não é um mundo humanizado pela doçura da palavra tenra, terna e frágil. É um mundo escravizado, objetivado, sodomizado. É um mundo em que as pessoas são objetos, e contam só como objetos, que posso comprar, possuir, usar, deitar fora. É um mundo da solidão. De facto, quando eu reduzo os outros a objetos, fico só no meio de objetos. Não há comunicação, não há acolhimento, não há receção, não há palavra que vai e que vem. Não há a graça do outro que me dá a vida”⁸².

A expressão “todos diferentes, todos iguais” parece conter em si um paradoxo. No entanto, nada tem de contraditório, pois a coexistência destas características é possível e, diríamos mesmo, necessária. De facto, é indubitável constatar que somos todos diferentes, pelo menos na aparência. Mas se atendermos às características que fazem de nós seres humanos autênticos, afirmamos, inegavelmente, que somos todos homens e mulheres racionais, bípedes, criativos (as), pensadores (as), reflexivos (as) e capazes de amar. Ora, reside precisamente aqui, nestas características, a chave de leitura para a igualdade.

Assim, se nos ficássemos por algumas particularidades como a cor da pele, o aspeto do rosto, ou o tamanho do corpo, estagnaríamos no âmbito de um mero conjunto de pormenores que não ocupam mais do que uma pequeníssima parte da nossa informação genética.⁸³ Por esta razão, podemos concluir claramente que, sendo todos diferentes, somos também todos iguais.

Igualdade e diferença queridas por Deus

“O homem e a mulher foram criados, quer dizer, foram queridos por Deus: em perfeita igualdade enquanto pessoas humanas, por um lado, mas, por

⁸² António Couto, *Uma palavra é Melhor do que um Presente* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 70.

⁸³ Ciência biológica que tem por objeto o estudo dos fenómenos e das leis da transmissão hereditária (considerando os genes) dos caracteres e a variação destes. Cf. Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico», *Infopédia - Dicionários Porto Editora*, acedido 16 de fevereiro de 2017, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/genética>.

outro, no seu respetivo ser de homem e de mulher. ‘Ser homem’, ‘ser mulher’ é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher tem uma dignidade inamissível e que lhes vem imediatamente de Deus, seu Criador. O homem e a mulher são, uma mesma dignidade, ‘à imagem de Deus’. No seu ‘ser homem’ e no seu ‘ser mulher’, refletem a sabedoria e a bondade do Criador.” (CCE 369).

1. Martin Buber, Emmanuel Levinas e Paul Ricoeur – A importância do *outro*

Martin Buber, Emmanuel Levinas e Paul Ricoeur são três dos mais importantes pensadores do século XX, no que diz respeito ao tema em análise, a importância do *outro*. Cada um procede à sua investigação particular, por um lado, Martin Buber privilegia o encontro *eu-tu* (em detrimento do *eu-isso*, na medida em que o outro não é um mero objeto ou uma coisa); por outro lado, Emmanuel Levinas privilegia o relacionamento face-a-face (olhando para o outro já não como um *tu*, mas sim como um *vós*, pelo qual somos infinitamente responsáveis); e, por fim, Paul Ricoeur privilegia uma hermenêutica de compreensão do sujeito (sendo que a verdadeira relação interpessoal exige reciprocidade, sem desnível, responsabilizando ambas as partes).

“A questão do século XX marcado pelo absurdo de duas guerras, de que o homem é responsável, revela uma ausência de significado, um não sentido; revela que o homem se afastou do significado que o fundamenta. A filosofia esforça-se por encontrar uma resposta, uma alternativa para um mundo que já não fala do humano”⁸⁴.

Vejamos, de seguida, o contributo de cada um destes três autores em particular.

1.1. Martin Buber

Martin Buber nasceu na cidade de Viena, na Áustria, no dia 8 de fevereiro de 1878. Foi professor de ciências da religião da Universidade de Frankfurt, entre 1923 e 1933, data em que foi destituído pelos nazis. Em 1938, continuou a lecionar na Universidade Hebraica de Jerusalém. Ao morar com o seu avô, mestre no midrashe⁸⁵, entrou em contacto com a visão hassídica⁸⁶ da comunidade religiosa. Duas tradições confluíram, assim, em Buber: a tradição filosófica, reconhecida como abstrata e generalizante; e a tradição religiosa judaica,

⁸⁴ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 11.

⁸⁵ Midrashe, interpretação não literal de textos bíblicos. Cf. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-03-02 15:06:34]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/midrash>.

⁸⁶ Hassidismo é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade, através da interiorização do misticismo judaico, como um aspeto fundamental da fé judaica. Cf. <https://educalingo.com/pt/dic-pt/hassidismo>.

comunicada nos livros bíblicos e na vida comunitária. Esta, sob a forma hassídica, levou-o a refletir acerca das relações humanas e da relação mundo-Deus.⁸⁷

Martin Buber foi um homem cuja obra marcou, de modo expressivo, todo o conhecimento humano no século XX, principalmente no campo da filosofia, da teologia, da sociologia e da educação. Com efeito, os seus extensos e profundos estudos sobre o Hassidismo, projetaram-no no mundo intelectual do Ocidente, não só como exímio escritor, mas também como o revelador desta corrente mística judaica.

1.1.1. O Homem: um ser em relação

Uma vez que a modernidade fez dissipar as antigas formas de vida em comunidade, devido ao afastamento das pessoas que antes mantinham entre si vínculos, Martin Buber propôs uma saída para a crise em que se encontra o Homem contemporâneo. A principal intenção da sua perspectiva é, deste modo, a reconstrução da existência humana, capaz de resgatar a sua natureza relacional. Na sua ótica, para que tal aconteça, é necessário repensar e reformular a firmeza e solidez da comunidade, uma vez que só na vida comunitária se encontram os meios necessários para a criação de condições que proporcionem uma organização social mais autêntica. Esta proposta será o molde para todas as outras, tanto no campo social, como político e educacional.

Para tal, Buber considerava que a existência dialógica é a condição fulcral para o entendimento entre as pessoas. Apesar das suas reflexões terem sido elaboradas no início do século XX, elas ainda são consideradas atuais, na medida em que se fundamentam num duplo aspeto: “primeiramente no vigor com que as suas reflexões tornam possíveis novas reflexões. Embora pertencentes ao passado, elas ‘provocam’ a ponto de exercer fascínio sobre aqueles que com elas se deparam, em segundo lugar, no comprometimento deste pensamento com a realidade concreta, com a experiência vivida”⁸⁸. Tendo em vista a pertinência delas para o contexto da nossa época, “que paulatina e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no Homem: a sua humanidade”⁸⁹. Entramos, assim, na essência do pensamento de Buber e na sua perspectiva do encontro dialógico, compreendendo que, para ele, o Homem é, um ser de relação. Não há o *eu* em si, apenas o *eu* da relação que legitima a existência humana.

A partir deste fio condutor, o autor considera que o mundo da relação se realiza em três esferas muito concretas: *a vida com a natureza*, partindo do pressuposto que, mesmo que a natureza não emita uma palavra, ela torna-se um *tu* para o ser humano; *a vida com o ser*

⁸⁷ Cf. Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, Logos, 1 (Lisboa:Verbo,1992),781-782.

⁸⁸ Newton Aquiles Von Zuben, *Eu e Tu Martin Buber*, 5ª ed. (São Paulo: Centauro, 1974),VI.

⁸⁹ *Ibid.*, VII.

humano, a qual se constitui como uma relação recíproca onde “podemos endereçar e receber o Tu”⁹⁰; e *a vida* com *os seres espirituais*, onde a relação se revela de forma silenciosa, mas gera linguagem⁹¹. Estas três esferas do mundo da relação, evidenciam que o ser humano desde a mais tenra idade presta-se a atos e ações que lhe permitem o contacto com algum objeto, até que este seja substituído por uma pessoa concreta. Conforme descreve na sua obra *Eu-Tu*,

“a originalidade da aspiração de relação já aparece claramente desde o estado mais precoce e obscuro. Antes de poder perceber alguma coisa isolada, os tímidos olhares procuram no espaço obscuro algo de indefinido; e em momentos em que, aparentemente não há necessidade de alimento, é sem finalidade, ao que parece, que as suaves e pequeninas mãos gesticulam, procuram algo de indefinido no vazio. [...]. Estes movimentos em contacto com um ursinho de pelúcia, tomarão uma força sensível e precisa e tomarão conhecimento carinhoso e inesquecível de um corpo completo. Nestes dois fatos, não se trata de uma experiência de um objeto mas de um conforto, que sem dúvida, se passa na ‘fantasia’, com um parceiro vivo e atuante”⁹².

Diríamos, por isso, que o ser humano não diferencia inicialmente o *eu* e o outro. Na verdade, quando ainda não somos capazes desse reconhecimento, o outro é ainda considerado sombra, noite, escuridão, porque não há vida plena sem ser em relação. A luz vem na medida em que nos relacionamos, “ainda que de forma primitiva e não-verbal do dizer Tu”⁹³. A questão relacional é, então, instintiva e, tal instinto, é primordial para que os humanos, mesmo enquanto crianças, possam realizar-se, pois “quando se vive numa relação realiza-se, neste Tu encontrado, a presença do Tu inato”⁹⁴.

Concluimos, portanto, que: é esse *tu* inato que desperta no Homem a necessidade do contacto com o *outro*, conferindo-lhe a grande categoria do ser, que é, primordialmente, relacional. De acordo com Martin Buber, “no começo é a relação”⁹⁵, pois o Homem só vive se for em relação. Daí a afirmação que “não há Eu em si, mas apenas o Eu da palavra princípio EU-TU e o EU da Palavra- princípio EU-ISSO”⁹⁶. É a palavra – princípio que institui a relação e fundamenta a existência humana.

⁹⁰ Newton Aquiles Von Zuben, *Eu e Tu Martin Buber*, 5ª ed. (São Paulo: Centauro, 1974), 3.

⁹¹ *Ibid.*, 6-7.

⁹² *Ibid.*, 29.

⁹³ *Ibid.*, 31.

⁹⁴ *Ibid.*, 31.

⁹⁵ *Ibid.*, 20.

⁹⁶ *Ibid.*, 4.

1.1.2. O *eu-tu*, o *eu-isso*

É à volta destes conceitos que se desenvolve a filosofia e a teologia de Martin Buber, salvaguardando que “ele evoca a imediatez da relação *eu-tu*, uma relação não mediatizada por elementos exteriores, das coisas, por objetos de vários géneros, mas situada para além da conceitualidade, do saber, da fantasia”⁹⁷. Para Buber, o diálogo transcende a articulação de palavras, na medida em que o verdadeiro diálogo é aquele que se volta verdadeiramente para o *outro*. Logo, a perspectiva de vida dialógica assenta em autênticas relações inter-humanas, que provoquem no Homem a vontade de olhar o próximo de uma maneira legitimamente dialógica.

Neste sentido, a atitude do ser humano é dupla, de acordo com a dualidade das palavras-princípio apontadas pelo autor: *eu-tu* ou *eu-isso*. Estas “palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência”⁹⁸. Por conseguinte, o humano toma o seu semelhante por um *tu*, numa orientação dialógica de relação *eu-tu*. A palavra-princípio *eu-tu* é, por isso, um ato essencial do Homem, um encontro entre parceiros, um contemplar do “face-a-face” que fundamenta o mundo da relação. É, pois, a ontologia do Homem.

Por sua vez, quando se diz *eu-isso*, referimo-nos ao mundo da experiência,⁹⁹ do conhecimento e do afastamento do *tu*, pois sempre que nos apropriamos de algo para a constituição de saberes, o *eu* não se faz presente numa relação, mas sim numa experimentação. Deste modo, se o Homem não se pronuncia de modo a impedir o aumento do mundo do *isso*, este “o invade e o seu próprio Eu perde a sua atualidade, até que o pesadelo sobre ele e o fantasma no seu interior sussurram um ao outro confessando sua perdição”¹⁰⁰.

Não obstante, a palavra-princípio *eu-isso* é necessária para que o ser humano possa conhecer o mundo, atendendo ao facto de que se poderá tornar um mal se este se deixar viver só no domínio do *isso*. Estas duas orientações representam a diferença entre a alteridade (*eu-tu*) e a utilidade (*eu-isso*). Ambas são necessárias e alternam-se constantemente.

Nesta linha, é de salvaguardar que, quando o ser humano se deixa envolver pelo *isso*, distancia-se do seu semelhante e, conseqüentemente, perde a sua característica mais preciosa: a de ser humano. E, ao perder a sua essência humana, ele experimenta também o afastamento de Deus, pois segundo o pensamento do autor, o humano não pode ser dissociado do divino. A relação dialógica *eu-tu* é, por esta razão, o reencontro do ser humano com o seu semelhante e o caminho para o *tu eterno*. Este reencontro com Deus faz-se por meio da doação, da troca

⁹⁷ Nuno Almeida, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã: Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. (Braga, Editora Paulinas, 2017), 150.

⁹⁸ Newton Aquiles Von Zuben, *Eu e Tu Martin Buber*, 5ª ed. (São Paulo: Centauro, 1974), 3.

⁹⁹ *Ibid.*, 6.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 54.

recíproca e da presença verdadeira e sem restrições, num diálogo genuíno. Então, o Homem recuperará o verdadeiro sentido da sua existência vivenciando autênticas relações inter-humanas.

Constatamos, face ao exposto, que a abordagem ao conceito de relação de Martin Buber tem como objetivo primordial uma procura sobre o sentido da existência humana, na linha da alteridade. Esta, por sua vez, concretiza-se no diálogo que implica disponibilidade, reciprocidade e responsabilidade. Com efeito, etimologicamente, o conceito de *responsabilidade* vem do latim *respondere*, ou seja, comprometer-se perante alguém em retorno; capacidade e obrigação de responder ou prestar contas pelos próprios atos e seus efeitos, aceitando as suas consequências.¹⁰¹ Portanto, o sentido da existência descobre-se no encontro com o outro que não é um objeto, mas o sentido através do qual o *eu* descobre a sua identidade.

Martin Buber afirma, deste modo, que “eu torno-me eu no tu; tornando-me eu, digo tu”¹⁰². Nesta perspetiva dialógica, Buber coloca “a relação Eu-Tu a um nível superior, em confronto com a relação Eu-Iso, ou seja, a relação com as coisas, com os objetos que circundam o sujeito”¹⁰³.

A obra de Buber ajuda a entender a questão do abalo da fé do Homem em si mesmo. Se, no passado, a razão, a ciência e a técnica eram reconhecidas como faculdades infalíveis, hoje, o ser humano conhece uma profunda angústia coletiva pois, pela primeira vez, a própria sobrevivência da espécie está em questão. Reconhece-se nitidamente a insuficiência da linguagem racional e científica na interpretação de dados fundamentais da existência humana. Diante disso, procura-se um novo tipo de ser humano: o Homem que seja capaz de reconhecer o valor da imaginação, da gratuidade, do simbólico, da criatividade e do diálogo.

1.1.3.A relação *eu- Deus*

Martin Buber não se fica na relação *eu-tu*: ele vai mais além, até à esfera do transcendente, afirmando que “cada Tu particular constitui um olhar fugaz mas intenso para o Tu eterno, o Tu de Deus”¹⁰⁴. O Homem tem necessidade de Deus mais do que qualquer outra coisa ou pessoa. “Nada pode separar e irromper a relação do Eu com Deus, porque existe um significado divino na vida do homem, do mundo, das pessoas humanas, do Tu, e do Eu”¹⁰⁵.

¹⁰¹ Cf. Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, Logos,4 (Lisboa:Verbo,1992),723- 726.

¹⁰² Nuno Almeida, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã: Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. (Braga, Editora Paulinas,2017),151.

¹⁰³ *Ibid.*, 151.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 152.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 153.

Um tal encontro permite não só que o humano seja referido a Deus, mas também confirmar que existe um significado no mundo.¹⁰⁶ Assim, Deus é aquele que torna o Homem capaz de se encontrar com ele mesmo e com os outros. Para Martin Buber, “só aquele que está vinculado com os seres está pronto para o encontro com Deus. Pois, somente ele, leva ao encontro da atualidade de Deus uma atualidade humana”¹⁰⁷. Podemos afirmar que, quando o Homem atualiza a sua humanidade, atualiza também a *tu* eterno.

Nesta perspectiva, a palavra de Deus penetra tudo o que acontece. Em cada acontecimento, em cada situação, em cada momento singular, a sua palavra pede ao Homem que assuma uma atitude e tome decisões.¹⁰⁸ Deus é considerado juntamente com a existência humana por se fazer presente nela, desde o princípio, por meio de palavras; da palavra que encarna e se transforma em atitude, pois segundo Martin Buber,

“A palavra de Deus aos homens penetra todo o evento da vida de cada um de nós, assim com cada evento do mundo que nos envolve, tudo o que é biográfico e tudo o que é histórico, transformando-o para você e para mim, em mensagem e exigência. A palavra pessoal torna, torna capaz e exige, evento após evento, situação após situação, da pessoa humana firmeza e decisão. Acreditamos, muitas vezes, que nada há a perceber, mas obstruímos, há muito tempo, nossos ouvidos”¹⁰⁹.

Posto isto, se para Martin Buber todas as relações se concretizam num *tu* eterno, isso significa que todos possuímos um *tu* inato, que se consuma inteiramente no diálogo com o *tu* e que, de forma alguma, se vem a tornar um *isso*. Assim o é, porque Ele não pode ser mensurado nem limitado, já que “por essência ele não pode ser concebido como uma soma infinita de qualidades, nem como uma soma de qualidades elevadas à transcendência”¹¹⁰.

Na verdade, o autor não só afirma que “o tu eterno, por não se encontrar no mundo nem fora dele, não pode jamais ser um *isso*, pois não pode ser experienciado e nem mesmo pensado”¹¹¹, como também enfatiza que “nós pecamos contra Ele, o Ser, quando dizemos: “Eu creio que ele é”¹¹² Além disso, ‘Ele’ é uma metáfora”¹¹³. Para Martin Buber, Deus é inteiramente o *outro*. Desse modo, “as linhas de todas as relações, se prolongadas,

¹⁰⁶ Cf. Nuno Almeida, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã: Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. (Braga, Editora Paulinas, 2017), 153.

¹⁰⁷ Newton Aquiles Von Zuben, *Eu e Tu Martin Buber*, 5ª ed. (São Paulo: Centauro, 1974), 120.

¹⁰⁸ Cf. Nuno Almeida, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã: Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. (Braga, Editora Paulinas, 2017), 153.

¹⁰⁹ Newton Aquiles Von Zuben, *Eu e Tu Martin Buber*, 5ª ed. (São Paulo: Centauro, 1974), 156.

¹¹⁰ *Ibid.*, 129.

¹¹¹ *Ibid.*, 129.

¹¹² *Ibid.*, 129.

¹¹³ *Ibid.*, 129.

entrecruzam-se no Tu eterno. Cada Tu individualizado é uma perspectiva para ele. Através de cada Tu individualizado a palavra-princípio invoca o Tu eterno”¹¹⁴. Esta maneira de pensar do autor inspira-se e suporta-se no ensinamento judaico, pois este tem como uma das suas características principais a relação bidirecional entre o Eu-humano e o Tu-divino, na reciprocidade e no encontro. Ou seja, a relação entre o Homem e o Homem é a autêntica representação da relação do Eu (Homem) com o Tu (Deus), por intermédio da atitude dialógica.

1.2. Emmanuel Levinas

Emmanuel Levinas nasceu em Kaunas, na Lituânia, a 30 de dezembro de 1905, sendo oriundo de uma família judia, culta. “Desde criança foi marcado pela Bíblia hebraica e pela leitura dos clássicos russos. Durante a revolução russa, emigrou para a Ucrânia com a sua família. Em 1923 parte para França, fixando-se em Estrasburgo, inicia os seus estudos de filosofia. Em 1939 foi prisioneiro no campo de concentração na Bretanha e na Alemanha. A sua família que ficara na Lituânia morreu quase toda, vítima do nazismo. Depois da sua libertação, assumiu por 18 anos a direção da Escola Normal Israelita Oriental de Paris. Durante esse período terá escrito a maior parte das suas obras, entre as quais, provavelmente, a mais significativa, *Totalidade e infinito*, o seu livro mais conhecido, em 1961. Desde 1964, ensinou em várias universidades”¹¹⁵.

Levinas é, hoje, um dos filósofos mais citados, não só no campo da filosofia, mas também da moral, ética e restantes ciências humanas.

1.2.1. Rosto

A sociedade tem vindo a deparar-se com diversas situações alarmantes, que evidenciam o domínio do Homem sobre o *outro*. Tais situações estão espelhadas nas notícias quotidianas que nos relatam casos de violência, discriminação, desespero, injustiça, homicídio. Tudo leva a crer que a morte e a violência se tornaram aceitáveis perante o progresso científico-tecnológico, uma vez que as novas necessidades e desejos de consumo escravizam o humano em nome do desenvolvimento. Para além disso, o individualismo e o egoísmo deterioram ainda mais este cenário, onde reina a competitividade e a concorrência, frutos de uma busca desequilibrada da felicidade.

¹¹⁴ Ibid., 87.

¹¹⁵ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 12.

Foi, pois, neste contexto de não reconhecimento e de negação do *outro*, que Levinas procurou dar um sentido novo para a valorização ética do humano. Para tal, debruçou-se numa abordagem do *rostro* não descritiva mas ética,¹¹⁶ como busca do sentido do humano a partir da alteridade, do *rostro* do outro.

Neste sentido, o que Levinas fez foi construir um novo sentido para o *rostro*. A sua conceção de *rostro* vai, na verdade, para além de uma descrição física. Quando se refere ao *rostro*, ele não o mostra na perspetiva da face, como quando se vê um nariz, os olhos, uma testa, ou um queixo. Não encara simplesmente aquilo que aparece na forma de luz, sensível, ou seja, na simples exposição da aparência, nem sequer apenas o seu sentido plástico, estético e/ou, até mesmo, psicológico. Ele não é restrito à perceção, mas àquilo que revela e expressa a alteridade. É, portanto, mais que a exposição de algo humano que escapa, é algo que se revela constantemente. Para o autor, “a verdadeira essência do homem apresenta-se no rosto”¹¹⁷.

Assim,

“em Levinas, todo o sentido ou significação, como ele ousa chamar-lhe, vem do *outro* e não do meu *eu*. Quando a propósito de Levinas se fala do *outro*, o leitor ou ouvinte deve prevenir-se para ouvir falar de algo que escapa à terminologia tradicional. O *outro* levinasiano não é empírico, nem puramente fenomenológico. É uma presença real que eu posso olhar e que me olha por sua vez; é dado no encontro face-a-face. Ele é *rostro*. Neste sentido, a sua filosofia já suficientemente conhecida como a filosofia do outro, poderia chamar-se ‘filosofia do rosto’”¹¹⁸.

É a partir do encontro Face-a-Face (Rosto) que o *outro* se apresenta como verdadeiramente *outro*. A sua alteridade é dada pelo facto de que o “rostro voltou-se para mim”¹¹⁹, pois “o outro é assim uma presença dada como exterioridade, mas uma exterioridade que vem duma interioridade”¹²⁰. Mais ainda, “esta exterioridade não é puramente fenomenológica, mas que significa até ao infinito, constitui o enigma do rosto”¹²¹.

Compreendemos assim, como forma de enriquecimento do tema desta investigação, que o “rostro e a sua estrutura em Levinas não são do nível do conhecimento ou da compreensão,

¹¹⁶ Filosofia que procura determinar a finalidade da vida Humana e os meios de a alcançar, preconizando juízos de valor que permitem distinguir o bem e o mal. Princípios morais que um individuo rege a sua conduta pessoal ou profissional; código deontológico. Cf. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consultado 2018-04-05 14:43:26]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/etica>.

¹¹⁷ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 270.

¹¹⁸ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 32-33.

¹¹⁹ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 61.

¹²⁰ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 33.

¹²¹ *Ibid.*, 33.

mas do nível da significação ética”¹²². Por este motivo, “o rosto levinasiano não pode entender-se no âmbito da pura fisionomia, mas num contexto de nudez e significação. Embora pressuponha a fisionomia que compõe a máscara facial, é muito superior a esta”¹²³. Se “o que caracteriza como rosto é a significação que dele emana, a qual faz irromper a forma”¹²⁴, então, “o modo como o *Outro* se apresenta, ultrapassando a ideia do *Outro em mim*, chamamo-lo, de fato, rosto”¹²⁵.

Este pensamento de Emanuel Levinas sobre a alteridade surge

“da sua experiência concreta, uma experiência religiosa-social, da qual emana o sentido e significado que dá ao encontro com o outro no *rostos*. Além da sua experiência religiosa, a sua reflexão tem como substrato a experiência da guerra e a realidade das vítimas do Nazismo. Foi nesta situação que o *outro* se manifestou indefeso, pobre e miserável; e onde foi espezinhado manifestou o seu verdadeiro *rostos*, manifestou o imperativo ético: ‘*não cometer assassínio*’. Este imperativo tinha fundamento num além, tinha um significado infinito. Ali, o outro chamava-me à minha responsabilidade e este apelo não me podia deixar indiferente. [...]. Sou chamado a ver em cada rosto humano este apelo, este chamamento, e a descobrir como usar a minha liberdade”¹²⁶.

Face ao exposto, “Emmanuel Levinas procura encontrar uma resposta, como encontrar verdadeiramente o outro? Quais as consequências de um tal encontro?”¹²⁷. Segundo a sua ótica, a resposta reside em não considerar o *outro* como um estranho, ou como um diferente, como algo que não me pertence; mas sim encontrar o *outro* no seu mistério, na sua unicidade, na sua especificidade, que implica uma relação, uma doação de mim a ele¹²⁸.

1.2.2. *Rostos* e infinito

No seguimento da questão do *rostos*, para Emanuel Levinas a ideia de infinito surge de modo diferente da ideia cartesiana, pois para René Descartes¹²⁹ a relação ou a experiência da ideia de infinito era a relação do *cogito*, do eu, com Deus. Ou seja, a ideia do infinito nasce

¹²² Ibid., 44.

¹²³ Ibid., 44.

¹²⁴ Ibid., 44.

¹²⁵ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 37.

¹²⁶ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 13.

¹²⁷ Ibid., 11.

¹²⁸ Ibid., 11.

¹²⁹ Filósofo Francês, físico e matemático, nasceu a 31 de março de 1596. Descartes conhecido como fundador da filosofia moderna, instaurando a época do entendimento pensante. Cf. Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, Logos,4 (Lisboa:Verbo,1992),1331- 1343.

como exigência do sujeito que pensa, pois não se funda a si próprio, que é um ser finito, que duvida e que está perante algo que é infinitamente superior. Apercebe-se de que, sendo finito, não teria a ideia do ser infinito, se esta não lhe tivesse sido dada. Em Descartes, assim, a ideia de infinito surge da relação do sujeito consigo próprio, absolutamente independente de Outrem. Para além disso, o modo de se relacionar com o infinito é somente o de uma adoração ou contemplação, que passa a admiração e júbilo, porque se trata de uma majestade¹³⁰.

Emanuel Levinas, por sua vez, deu um contributo novo à ideia de infinito, propondo que esta surge como experiência relacional. Nessa experiência, o *outro* não é visto como objeto ou coisa, mas como materialidade do infinito: “a ideia de infinito, o infinitamente mais contido no menos, produz-se concretamente sob a aparência de uma relação com o rosto”¹³¹. Para o autor, a ideia de infinito “é a relação social, a relação com outrem”. “O outrem não é o meu semelhante nem o meu irmão, mas o meu mestre e o meu senhor, que me olha de alto a baixo na sua altura e majestade, precisamente na sua infinidade. A estrutura complexa desta relação é de não igualdade; o infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela ideia do infinito, produz-se como desejo”¹³².

Mais ainda, segundo Emanuel Levinas, o desejo fundamenta-se no *outro* enquanto estrangeiro. Ou seja, o movimento que suscita o desejo vem do *outro*, este desejo não é egoísta.¹³³ É, pelo contrário, um desejo metafísico, “não é da ordem sensível ou da necessidade, mas da ordem do Bem e da Bondade”. Assim, “é um desejo que se articula entre seres separados e, por isso, um desejo sem retorno, sem reciprocidade”.¹³⁴ “Este desejo é orientado para um Outro que eu não conheço nem amo. O outro que suscita o Desejo é um Estrangeiro”.¹³⁵ Não obstante, “o Desejo e a Bondade supõem concretamente uma relação como presença, em face de um rosto”¹³⁶. Portanto, para a filosofia da alteridade, o infinito estabelece novos horizontes de busca pelo *outro*, ou seja, uma real abertura à alteridade daquele que se encontra na condição de ser desejável.

Neste novo paradigma ético-epistemológico,¹³⁷ estabelecem-se vários desafios para a sociedade contemporânea. A academia filosófica depara-se com um conhecimento mais relacional, dialogal e menos fechado e fragmentado. Com efeito, as relações sociais recebem

¹³⁰ Cf. Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 189-190.

¹³¹ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 175.

¹³² Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 27.

¹³³ Cf. Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 50.

¹³⁴ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 29.

¹³⁵ *Ibid.*,30.

¹³⁶ *Ibid.*,30.

¹³⁷ Estudo filosófico da origem, estrutura, métodos e validade do conhecimento científico. Cf. Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa, 1 (Lisboa:Alfa,1992), 421.

um novo significado à luz da compreensão de que o ser humano é um ser essencialmente responsável pelos outros. Estabelecendo uma ligação entre este ponto e o anterior, concluímos que a partir do rosto nu do *outro*, o ser humano é interpelado a ser solidário, justo e misericordioso.

1.2.3. A nudez do Rosto

Como já constatámos, o *rostro* levinasiano não pode entender-se no âmbito da pura fisionomia. Implica, pelo contrário, um contexto de nudez e significação.

“A epifania do rosto manifesta alteridade de Outrem, mas não por meio duma ‘representação’ do outro. A epifania de Outrem no rosto é a presença; esta presença não é dada no contexto ontológico da representação, mas através de um questionamento de ordem moral do eu por parte deste; o rosto, na sua manifestação, chama-me a uma justificação, colocando-me numa intriga ética”¹³⁸. E “dada esta premissa, podemos já aperceber-nos porque é que o rosto e a sua estrutura não são do nível do conhecimento ou da compreensão, mas do nível da significação ética”¹³⁹.

Levinas explica a diferença entre a nudez do Rosto e a nudez das coisas, dizendo que as coisas “são nuas quando existe um excedente do seu ser em relação à sua finalidade. São nuas quando desprovidas de ornamentos, e a sua nudez representa a sua absurdidade e inutilidade. A utilidade ou inutilidade está em relação com a sua forma. Esta é-lhe dada pela luz, a qual as ilumina e esclarece, dando-lhes beleza.”¹⁴⁰ Certamente que “os objetos não têm luz própria, brilham de reflexos e por isso têm necessidade de serem iluminados para deixarem brilhar a sua forma e deixarem assim transparecer a sua finalidade.”¹⁴¹ Nesta instância, “para a coisa, a luz faz transparecer a forma, e com esta a sua finalidade. As coisas são nuas quando não correspondem ao seu ser e à sua finalidade”¹⁴².

Todavia, no que diz respeito à nudez do *rostro*, esta tem um significado em si mesmo. “A nudez do rosto é nudez sem forma. O rosto apresenta-se nu porque perfura a sua forma. Nudez quer dizer: impossibilidade de ornamentar-se. A relação com a nudez do rosto é relação com uma presença imediata, sem qualquer mediação, relação com uma nudez livre de todas as formas, tendo um significado nela mesma”¹⁴³. Por outras palavras, “o rosto não está

¹³⁸ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 44.

¹³⁹ *Ibid.*, 44.

¹⁴⁰ *Ibid.*, 44.

¹⁴¹ *Ibid.*, 45.

¹⁴² *Ibid.*, 45.

¹⁴³ *Ibid.*, 45.

sujeito à visão [...] porque a visão, por ter como condição a luz, é relação com o vazio que foi esclarecido por essa luz. A visão é, pois, uma relação ‘com algo que não é algo’. Ver um rosto não é um fenómeno ótico mas um fenómeno de linguagem e significação. É por isso que a relação com o rosto é relação com uma realidade que tem significado em si. A significação precede as coisas e ilumina-as.”¹⁴⁴ “O rosto voltou-se para mim – e é isso a sua própria nudez”¹⁴⁵.

1.2.4. Quem é o *outro*?

A partir da leitura que temos vindo a fazer acerca do *rostos*, podemos responder agora com mais clareza à questão: quem é o *outro* que se apresenta nesse *rostos*? “O outro não é uma mera abstração, pois é aquele com que me encontro face-a-face. E o que me faz sentir o outro próximo não é o laço de parentesco ou a amizade que posso ou não ter com ele. [...] o que leva Levinas a aceitar a ideia de outro como próximo não é o facto de o considerar como um amigo, mas porque a ideia de próximo, espelha melhor a ideia de outro no rosto”¹⁴⁶.

Nesta linha, “o próximo diz-me respeito antes de qualquer compromisso consentido ou recusado. Estou-lhe ligado, [...]. Ele ordena-me, antes de ser reconhecido. É uma relação de parentesco, fora de qualquer biologia, contra qualquer lógica”¹⁴⁷. A autora Etelvina Nunes, atesta que o *outro* “é precisamente outro. A comunhão com ele começa na minha obrigação para com ele”¹⁴⁸. Assim sendo, o *outro* apresenta-se como se tivesse todos os direitos sobre mim, independentemente da minha vontade, ou da minha adesão a ele, pois “inevitavelmente o Outro faz-me frente – hostil, amigo, meu mestre, meu aluno – através da minha ideia do infinito”¹⁴⁹.

Poderia dizer-se que, o *outro*, o próximo, é o desconhecido com quem cruzo na rua no caminho, o absolutamente estranho. No entanto, diz-me respeito na sua pobreza e na sua miséria. Preciso de criar uma relação de comunhão com ele, porque me sinto responsável. O *outro* é “o pobre e o desnudado, e nada do que concerne a este estrangeiro me pode deixar indiferente”¹⁵⁰.

Posto isto, podemos concluir que para Emanuel Levinas o *outro* é aquele que se apresenta verdadeiramente necessitado, seja ele quem for. Diríamos que existe aqui uma semelhança entre a conceção de *outro* em Levinas e a descrita na parábola do Bom

¹⁴⁴ Ibid., 46.

¹⁴⁵ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 61.

¹⁴⁶ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 127.

¹⁴⁷ Ibid.,127

¹⁴⁸ Ibid.,127

¹⁴⁹ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*. (Lisboa: Edições 70,1980), 67.

¹⁵⁰ Etelvina Nunes, *O Outro e o Rosto: problemas de Alteridade em Emmanuel Levinas* (Braga: publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993), 128.

Samaritano (Lc.10,30-37). O próximo, tal como neste excerto do Evangelho, é aquele que se encontra na rua e, na sua condição de necessitado, trata-se com um irmão. Na obra *Totalidade e Infinito*, propõem-se esta redescoberta do diálogo, onde o outro com quem dialogamos é totalmente alteridade.

1.3 Paul Ricoeur

Vejamos, por fim, o contributo do trabalho de investigação de Paul Ricoeur no âmbito da temática da igualdade e da diversidade. Nasceu em Valence (Sul de França), no dia 27 de Fevereiro de 1913, no seio de uma família protestante. O seu pai morreu no início da Primeira Guerra Mundial e a mãe morreu pouco depois, deixando Ricoeur ao cuidado dos avós. Depois de estudar na Sorbona, ensinou em Colmar e Lorient. Mobilizado como oficial do Exército em 1939, foi feito prisioneiro em Maio de 1945 e continuou detido na Alemanha nos cinco anos seguintes. Terminada a guerra, foi nomeado para a Universidade de Sorbone, onde ensinou até 1956. A partir de 1966, lecionou na Universidade de Nanterre, onde foi constantemente vítima de ataques verbais e físicos. Demitiu-se, por isso, em 1970, indo para a Universidade de Lovaina (Bélgica), local onde acabou por ser professor convidado durante dois anos. Ricoeur dividiu, em seguida, o seu tempo entre Paris e Chicago, contribuindo para aproximar a tradição filosófica anglo-saxónica e a tradição continental, mediante a hermenêutica linguística.¹⁵¹ Morreu no dia 20 de maio de 2005, em França.

1.3.1. Identidade Pessoal

Paul Ricoeur, no quinto estudo da sua obra: “O Si-Mesmo como um Outro”, expõe da questão da identidade. Para tal, tem em conta, antes de mais, tanto a dimensão temporal de si mesmo como da própria ação. Com efeito, antes de mais, constata que cada sujeito, que é agente do qual depende sempre uma ação, tem uma história, “a sua própria história”¹⁵². Por esta razão, a identidade pessoal só se poderá articular na dimensão temporal da existência humana.

Na verdade, a identidade pessoal, segundo Paul Ricoeur, baseia-se em dois princípios: o da *mesmidade* e o da *ipseidade*. Estes dois princípios permanecem no tempo e respondem à pergunta fundamental: “quem sou eu?”¹⁵³. De fato, sempre que falamos de nós mesmos, dispomos de modelos de permanência no tempo, que se resumem nesses dois princípios descritivos e emblemáticos: “o carácter e a palavra considerada. Num e noutro, reconhecemos

¹⁵¹ Cf. Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, Logos,4 (Lisboa:Verbo,1992),775.

¹⁵² Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*. (Campinas: Parirus, 1991),137-138.

¹⁵³ Ibid., 143.

de bom grado uma permanência que dissemos ser de nós mesmos”¹⁵⁴. Assim, a *mesmidade* refere-se ao temperamento, ou ao carácter das pessoas, procurando um princípio de permanência inalterável no tempo, a fim de continuar igual na história, mesmo quando pareça ter sido tudo mudado. “O que permanece aqui no tempo é a organização de um sistema combinatório; a ideia de estrutura, oposta à de acontecimento, responde a esse critério de identidade, por mais forte que possa ser administrado; ela confirma o carácter relacional da identidade”¹⁵⁵. Com efeito, a “problemática da identidade pessoal vai girar em torno dessa busca de um invariante relacional, dando-lhe a significação forte de permanência no tempo”¹⁵⁶. Isto é, a estrutura invariável de um instrumento do qual teremos progressivamente mudado todas as peças; [...] a permanência do código genético de um indivíduo biológico”¹⁵⁷.

Neste sentido, de acordo com a ótica de Paul Ricoeur, “o carácter é o conjunto das marcas distintivas que permitem reidentificar um indivíduo humano como o mesmo”¹⁵⁸. Ele acumula a identidade de forma interrupta e contínua no tempo. Logo, “ele designa de modo emblemático a mesmidade da pessoa”¹⁵⁹.

No entanto, existe também, para além da *mesmidade*, “um modelo de permanência no tempo diferente do carácter. É o da palavra mantida na fidelidade à palavra dada”¹⁶⁰. Trata-se da *Iipseidade*, o ser autêntico, responsável. Esta não pode ser provada, por meio de uma prova dedutiva ou empírica, mas só pode ser atestada, porque para ser eu mesmo necessito do Outro. “Uma coisa é a preservação do carácter; uma outra, a preservação da fidelidade à palavra dada. Uma coisa é a continuação do carácter; outra, a constância na amizade.”¹⁶¹

Nesta linha, segundo Ricoeur, a alteridade e a *ipseidade* caminham juntas, de tal forma que não é possível pensar uma sem a outra. É, pois, pela promessa feita a alguém que a *ipseidade* desponta.

Posto isto, é precisamente a partir dos modelos de permanência no tempo, *mesmidade* (carácter) e *ipseidade* (promessa), que se poderá efetuar uma distinção bem fundamentada entre identidade (*idem*) e a identidade (*ipse*), por meio da interferência da identidade narrativa na construção da identidade pessoal.

¹⁵⁴ Ibid.,143.

¹⁵⁵ Ibid., 142.

¹⁵⁶ Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*. (Campinas: Parirus, 1991),143.

¹⁵⁷ Ibid.,142.

¹⁵⁸ Ibid.,144.

¹⁵⁹ Ibid.,144

¹⁶⁰ Ibid.,148.

¹⁶¹ Ibid.,149.

1.3.2. *O si e a identidade narrativa*

No sexto estudo da mesma obra, Paul Ricoeur apresenta o conceito de identidade narrativa como sendo o cruzamento entre história e ficção. Neste cruzamento, as histórias narradas pelas pessoas a seu respeito tornam-se mais inteligíveis quando procuram na ficção modelos narrativos, tais como intrigas obtidas por empréstimo à história ou à ficção (drama ou romance), que são aplicados à sua própria história. Neste sentido, para compreender a história de vida de cada pessoa, é necessário articular a identidade narrativa com a identidade pessoal.

É, pois, através da teoria narrativa, que a dialética da *mesmidade* (carácter) e da *ipseidade* (promessa) atinge a sua total expansão.¹⁶² A história de cada pessoa torna-se mais perceptível, quando é narrada por ela própria. Por esta razão, quando é o próprio a narrar a sua biografia ou até uma autobiografia, e quando combina história com o estilo romanesco, evidencia de que forma a identidade narrativa se situa no cruzamento entre ficção e história.¹⁶³ “Pareceria, portanto, plausível considerar válida a cadeia seguinte de asserções: a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada”¹⁶⁴. Então, para se contruir a identidade narrativa é necessário que exista história e ficção, estabelecendo as devidas ligações entre os acontecimentos que fazem parte dessa mesma história.

Segundo Paul Ricoeur, o personagem é o responsável pela ação da narrativa. E o passo decisivo em direção de uma conceção narrativa da identidade pessoal é dado quando se passa da ação ao personagem. “É personagem aquele que faz a ação na narrativa. A categoria do personagem é, portanto, ela mesma uma categoria narrativa”¹⁶⁵. Já o encadeamento da narrativa dá-se quando se responde às seguintes questões: “quem? o quê, como? etc.”¹⁶⁶. Todavia, “as respostas a essas questões formam uma cadeia que não é outra que não o encadeamento da narrativa. Relatar é dizer quem fez o quê, porquê e como, mostrando no tempo a conexão entre esses pontos de vista”¹⁶⁷.

A pessoa, por isso, “como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta das suas ‘experiências’”¹⁶⁸. Muito pelo contrário, “ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem”¹⁶⁹. Assim, a partir da relação entre a história e a personagem, pode-se

¹⁶² Cf. *Ibid.*, 138.

¹⁶³ Cf. Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*. (Campinas: Parirus, 1991), 138.

¹⁶⁴ *Ibid.*, 138.

¹⁶⁵ *Ibid.*, 138.

¹⁶⁶ *Ibid.*, 174.

¹⁶⁷ *Ibid.*, 174.

¹⁶⁸ *Ibid.*, 176.

¹⁶⁹ *Ibid.* 176.

depreender que a vida é mais do que uma continuação de episódios desconexos. Os episódios vividos formam uma unidade narrativa de vida.

Relativamente “à noção de unidade narrativa é preciso também ver aí um misto instável entre fabulação e experiência viva. É precisamente em razão do carácter evasivo da vida real que temos necessidade do auxílio da ficção”¹⁷⁰. Na opinião de Paul Ricoeur, “as pessoas têm a experiência do que quer dizer terminar um curso de ação, uma parte da vida. A literatura ajuda de algum modo a fixar o contorno desses fins provisórios”¹⁷¹. Trata-se do fim de uma etapa da vida e do início de outra.

Quanto à morte, as narrativas literárias podem, de algum modo, ensinar a viver com a consciência da finitude do ser humano, ou seja, da sua “aprendizagem do morrer”¹⁷². Ricoeur refere o exemplo “da meditação da Paixão de Cristo que já acompanhou vários crentes até ao último umbral.”¹⁷³ Este tipo de “consolação pode ser uma maneira lúcida [...] de fazer o luto de si mesmo”¹⁷⁴.

Neste sentido, concluímos que a narrativa literária, em virtude de ser retrospectiva, só pode ensinar a refletir sobre o passado de nossa vida¹⁷⁵. No entanto, a narrativa literária só é retrospectiva aos olhos do narrador.¹⁷⁶ “Ora entre os fatos narrados num tempo do passado, tomam lugar os projetos, as esperas, as antecipações, através dos quais os protagonistas da narrativa são orientados para seu futuro mortal”¹⁷⁷. A narrativa aponta, assim, para “falar da unidade narrativa de uma vida, sob o signo de narrativas que ensinam a articular narrativamente retrospeção e projeção”¹⁷⁸.

1.3.3. *Viver bem com e para o outro*

Já no sétimo estudo, Paul Ricoeur debruça-se acerca do tema: “O Si e a Perspetiva Ética”, ou seja, a “perspetiva da ‘vida boa’ com e para outros nas instituições justas”¹⁷⁹. Nesta pesquisa serão abordados os dois primeiros momentos, pois o objetivo é abordar a importância do *outro*, sem esquecer o *si-mesmo*.

Deste modo, deparamo-nos com a questão da alteridade,¹⁸⁰ que se caracteriza pela relação com outra pessoa, aceitando-a e compreendendo as diferenças que existem entre si.

¹⁷⁰ Ibid.,191.

¹⁷¹ Ibid.,192.

¹⁷² Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*. (Campinas: Parirus, 1991),192.

¹⁷³ Cf. Ibid.,192.

¹⁷⁴ Ibid.,192.

¹⁷⁵ Cf. Ibid.,192.

¹⁷⁶ Cf. Ibid.,192.

¹⁷⁷ Ibid.,192-193.

¹⁷⁸ Ibid.,193.

¹⁷⁹ Ibid.,202.

¹⁸⁰ Estado ou qualidade do que é outro, diferente, distinto. Cf. Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa, 1 (Lisboa:Alfa,1992), 421.

Ora, Aristóteles¹⁸¹ defendia que a felicidade do Homem não depende apenas da vida boa, mas depende também da relação entre amigos, baseada no bem-querer entre eles. “A reciprocidade, vai até a comunhão de um viver junto”¹⁸². A amizade, neste sentido, prevê a reciprocidade que se transforma na primeira condição para se viver da melhor forma a alteridade. “É preciso, portanto que haja benevolência mútua, cada um desejando o bem do outro, que essa benevolência não fique ignorada dos interessados”¹⁸³. A preocupação principal de Aristóteles é, portanto, a natureza do bem-estar humano. Segundo ele, o que precisamos para se viver bem, é uma apreciação adequada da maneira como determinados bens, tais como a amizade, o prazer, a virtude, a honra e a riqueza se encaixam como um todo. Para aplicar esse entendimento geral para casos particulares, devemos adquirir, através de uma educação e hábitos adequados, a capacidade de ver, em cada ocasião, qual curso de ação é mais bem fundamentado. Por conseguinte, a sabedoria prática, como ele a concebe, não pode ser adquirida apenas ao aprender regras gerais, mas deve ser adquirida igualmente através da prática. Já as habilidades deliberativas que daí resultam, tanto emocionais, como sociais, é que nos permitem colocar nossa compreensão geral de bem-estar em prática, em formas que são adequados para cada ocasião. Como tal, Aristóteles propõe que a vida contemplativa (intelectual) traz consigo uma felicidade maior e mais constante para o ser humano, quando comparada à vida política (que procura a honra) e a vida baseada em prazeres sensoriais.¹⁸⁴

Todas estas questões são desenvolvidas na sua obra “Ética a Nicómaco”¹⁸⁵. Aí, não só se defende que a existência do Homem de bem é desejável, como também que é condição para a sua felicidade. Neste sentido, supõe que todo o Homem de bem tende inevitavelmente a procurar amigos, a fim de partilhar com o *outro* a consciência da sua própria existência. Isto só é possível quando se vive junto e se partilha a vida.

De acordo com Paul Ricoeur, a relação de amizade proposta por Aristóteles é aceitável, no entanto, defende que quando escolhemos ser amigos uns dos outros, essa escolha não é motivada pela bondade dos amigos, mas sim pelos deveres do mútuo amparo entre eles. A relação de amizade que se estabelece é, deste modo, uma relação que deseja o bem um do outro “com a necessidade e a falta, é a alteridade do ‘outro si’”¹⁸⁶. O amigo tem, pois, “o

¹⁸¹ O mestre pensador, figura notável e um dos maiores pensadores do Ocidente do século V a.c. Cf. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Logos,4 (Lisboa:Verbo,1992),775.

¹⁸² Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*. (Campinas: Parirus, 1991),214.

¹⁸³ *Ibid.*,215.

¹⁸⁴ Cf. Paul Ricoeur, *O Si – Mesmo como Um Outro*, (Campinas: Parirus, 1991), 215-216.

¹⁸⁵ É a principal obra de Aristóteles sobre ética, é composta por um total de dez livros. O filósofo pretendeu criar mais do que uma teoria da ética, e quis assim conceber um guia prático para que se possa viver a Vida Boa. Pois a meta do Homem é atingir a felicidade. Cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, 4.^a (Lisboa: Quetzal, 2012).

¹⁸⁶ *Ibid.*,217.

papel de promover o que somos incapazes de alcançar por nós mesmos”¹⁸⁷. Assim, os amigos “são considerados comumente o maior dos bens exteriores”¹⁸⁸.

Não obstante, nesta linha do cuidado com o *outro*, Paul Ricoeur vai conservar de Aristóteles a “ética da mutualidade, da divisão, do viver- junto”¹⁸⁹. Pois ele considera que não é possível ver na concepção aristotélica um conceito franco de alteridade, na medida em que, uma vez que para Ricoeur é a estima de si que dá origem à vida boa, a amizade demonstraria apenas um complemento desta estima de si mesmo. Isto é, representaria apenas um acréscimo na ideia de reciprocidade entre pessoas que se estimam a si mesmas.

2. Síntese

Após um contexto de análise acerca da riqueza da diversidade, ao longo deste capítulo tivemos a oportunidade de refletir acerca da riqueza da igualdade. Chegámos à conclusão que se tratam de duas visões necessariamente complementares. Com efeito, na casa comum que habitamos, a Terra é muito mais do que uma simples planta cujo chão pisamos. É, do mesmo modo, uma morada que nos oferece um lugar para habitar; é local fértil que nos dá sustento e pão; é ainda o sítio onde, naturalmente, o humano cresce e vive, pelo que é também casa de cada coração. Nós próprios somos casa, porque também somos terra, ou seja, somos casa para os outros. Neste sentido, estamos intrinsecamente ligados e somos infinitamente responsáveis pela criação de laços comunitários, pondo de parte os caminhos do anonimato, a fim de abrir as portas à experiência da fraternidade.

Com o intuito de conseguirmos chegar a estes pressupostos, foi preciosa a ajuda de três dos mais importantes pensadores do século XX: Martin Buber, Emmanuel Levinas e Paul Ricoeur. Cada um, à sua maneira, elaborou uma abordagem sobre a necessidade de se olhar o outro como um igual. Martin Buber privilegiou o encontro *eu-tu* em detrimento do *eu-isso*, uma vez que, na sua ótica, o outro é muito mais do que um mero objeto. Emmanuel Levinas, por sua vez, focou-se no relacionamento face-a-face, olhando para o outro como alguém maior que um *tu* – é um *vós* pelo qual somos ilimitadamente responsáveis. Por fim, Paul Ricoeur direcionou-se para a perspectiva das relações interpessoais, tecendo as suas considerações em torno de um trabalho hermenêutico de compreensão do sujeito.

É certo que o preconceito, a discriminação, o desrespeito e a violência fazem parte da história da civilização. Todavia, a dignidade da pessoa não é um ideal abstrato. Pelo contrário, faz parte da pessoa concreta, na sua vida real e quotidiana. Por isso, cada homem e cada mulher, tal como existe, assume a característica de ser irredutível, insubstituível e irrepetível.

¹⁸⁷ Ibid.,217.

¹⁸⁸ Ibid.,218.

¹⁸⁹ Ibid.,219.

O humano vale por si, independentemente das suas condições físicas, mentais, culturais, económicas, religiosas, ou da cor da sua pele.

Posto isto, é caso para culminar esta síntese com o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos e que, em poucas palavras, nos fornece uma chave de leitura clara acerca dos assuntos tratados ao longo deste capítulo: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”¹⁹⁰.

¹⁹⁰ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Cf. https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm.

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2: “CRESCER NA DIVERSIDADE” PARA O 4º ANO DE ESCOLARIDADE.

Ao longo deste capítulo apresentaremos o contexto em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, os fundamentos da Unidade Letiva e uma proposta de lecionação. Após o aprofundamento do nosso conhecimento sobre o tema que nos propusemos trabalhar, chegamos ao momento da preparação da lecionação.

1. A Educação intercultural/ Multicultural

Desde os anos 60, um pouco por toda a parte começa a delinear-se uma nova perspetiva educativa, a educação intercultural. A educação intercultural é uma maneira de encarar a educação nos contextos multiculturais em que se tornam cada vez mais as nossas escolas. Esta educação requer a reciprocidade e o diálogo entre as culturas e, nas nossas escolas, deve-se entender que há tantas culturas como alunos, isto é, a educação intercultural dirige-se a todos os alunos, na medida em que é uma forma de luta contra a exclusão escolar e, por conseguinte, social, visando uma convivência harmoniosa, justa e solidária entre os cidadãos e como tal a escola tem um papel fundamental nesse desafio. Educar para a interculturalidade é ensinar a viver juntos.¹⁹¹

No entanto, a educação intercultural é o resultado de vários modelos que foram experimentados para dar resposta à diversidade cultural atualmente existente nas nossas escolas.

A Europa, através do Conselho da Europa, vai desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento do conceito de interculturalidade. De facto, o Conselho da Europa, já nos anos 70 e 80 desenvolve projetos especiais dirigidos aos alunos “culturalmente” diferentes ou oriundos da imigração para que estes aprendam a língua da cultura dominante e se integrem nos programas educativos do país de acolhimento. Contudo, esses projetos têm uma índole assimilacionista, ou seja, que o ensino está preparado para a absorção dos alunos. Este centra-se essencialmente no indivíduo sem considerar os fatores ambientais, socioculturais, económicos... que o envolvem. Face às deficiências do modelo assimilacionista, surge o

¹⁹¹ Cf. Flora Conceição Queirós Rodrigues Vieira, «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno» (Universidade da Beira Interior, 2011), VII.

multiculturalismo, que valoriza um pouco mais a diversidade cultural, isto é, respeitam-se as diferenças e estabelecem-se normas básicas de convivência.¹⁹²

Na década seguinte, o projeto traçado tem um cariz mais integracionista, na medida em que se destina a todos os alunos, pois encara cada aluno como um ser culturalmente diferente e tem como objetivo uma educação global baseada na descoberta da diversidade e no desenvolvimento de competências e atitudes que melhorem as relações interculturais. Os princípios deste, colocam o aluno no centro do seu desenvolvimento, ou seja, o aluno participa num processo de adaptação ao país e à cultura sem que se tente anular a sua própria pertença.¹⁹³

O passo seguinte será, no ano 2000, com o desenvolvimento de um projeto humanista que questiona os sistemas educativos dos diferentes estados membros sobre a sua capacidade de responder às exigências socioculturais atuais da Europa.¹⁹⁴

Como vimos anteriormente, os conceitos multiculturalidade e de interculturalidade são indissociáveis uma vez que o primeiro está na base do segundo.

Nesse sentido, a multiculturalidade refere-se à coexistência de diferentes culturas num mesmo território, sem que se estabeleçam relações de contacto entre elas, sendo que este termo se refere à diversidade cultural presente na sociedade atual.

Marta Sabariego¹⁹⁵ explica que a multiculturalidade é “uma situação de facto, a situação real de uma sociedade com vários grupos culturais que mantêm a suficiente coesão entre eles de acordo com um verdadeiro número de valores e normas”¹⁹⁶.

Desta forma, “o multiculturalismo promove a irresponsabilidade na medida em que não prepara para o conflito, porque apenas se mantém no plano do respeito do outro, sem deixar lugar à comunicação”¹⁹⁷.

Por outro lado, o conceito de interculturalismo implica uma interação dinâmica entre culturas, sendo que esta definição explicita claramente a necessidade de existência de diálogo, reciprocidade nas interações e uma interdependência. Supõe, ainda, uma simetria e um reconhecimento entre as culturas que convivem entre si.¹⁹⁸

¹⁹² Cf. *Ibid.*, 6.

¹⁹³ Cf. *Ibid.*, 6

¹⁹⁴ Cf. *Ibid.*, 6

¹⁹⁵ Professora titular do Departamento de Métodos de Pesquisa e Diagnóstico em Educação da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona. Membro de pesquisa em educação intercultural. Cf. <http://irie.uib.cat/es/marta-sabariego-ub.html>.acedido no dia 20 de fevereiro, de 2018.

¹⁹⁶ Marta Sabariego, *La Educación Intercultural. Ante los retos del siglo XXI* (Bilbao: Desclée De Brouwer, 2002), 74.

¹⁹⁷ Vieira, «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno», 7.

¹⁹⁸ Cf. *Ibid.*, 8.

Miguel Zabalza¹⁹⁹ refere que a educação multicultural se baseia nos valores e crenças democráticas, afirmando um pluralismo cultural. Neste modelo educativo, a escola tem um papel assimilador ou compensatório, cuja finalidade é a absorção das minorias pela maioria. Este tipo de educação predominou muito tempo na maioria dos países ocidentais, levando à perda de identidade, à marginalização ou à inadaptação das comunidades minoritárias ou dos indivíduos culturalmente diferentes. Refere ainda, que a educação multicultural alude a vários modelos educativos orientados para uma sociedade que se caracteriza pela existência de vários grupos culturais (jovens, imigrantes, crentes, etc.) e preconiza o respeito pela diferença, mas não encara as diferenças presentes na sociedade e na escola como potenciadoras de enriquecimento pessoal e social.²⁰⁰

A educação intercultural começa quando o docente guia o aluno na descoberta de si próprio e o ajuda a pôr-se no lugar do outro e a compreender as suas reações, na medida em que pensar sobre educação intercultural é refletir sobre a cultura, a diversidade, sobre a integração.²⁰¹ No entanto, o entendimento da Educação Intercultural pode ser ambíguo por parte dos profissionais da educação, na medida em que ele pode ser definido como um

“método de ensino e aprendizagem baseado num conjunto de valores e crenças democrático e, que procura fomentar o pluralismo cultural no seio das sociedades culturalmente diversas num mundo interdependente. Preconiza um modelo educativo que propicie o enriquecimento cultural dos cidadãos, partindo do reconhecimento e do respeito pela diversidade, através do diálogo e intercâmbio, na participação ativa e crítica para o desenvolvimento de uma sociedade democrática fundada na igualdade, tolerância e solidariedade”²⁰².

Significa isto que, a educação intercultural dirige-se a todos os grupos que formam a sociedade, pois se a educação é um processo educativo concreto cujo objetivo é fomentar valores como a solidariedade, igualdade. Pretende-se com ela alcançar um respeito pela diferença, bem como um enriquecimento mútuo entre as culturas coexistentes, aspirando-se a que todos os alunos desenvolvam uma competência cultural que facilite a convivência numa sociedade multicultural.²⁰³ O Relatório Jacques Delors²⁰⁴ intitulado Educação - Um tesouro a

¹⁹⁹ Pedagogo e psicólogo de Navarra, professor de didática e organização escolar na Universidade de Santiago de Compostela. Cf. https://gl.wikipedia.org/wiki/Miguel_Ángel_Zabalza_Beraza, acessado no dia 20 de fevereiro, de 2018.

²⁰⁰ Cf. Miguel Ángel Zabalza Beraza, «El trabajo escolar en un contexto multicultural», em *Educación multicultural e intercultural* (Granada: Impresur, 1992), 119–28.

²⁰¹ Cf. Vieira, «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno», 9.

²⁰² Auxiliadora Sales Ciges e Ramona García López, *Programas de Educación Intercultural* (Bilbao: Desclée De Brouwer, 1997), 46.

²⁰³ Cf. Vieira, «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno», 11.

descobrir - que resultou de um trabalho de cooperação entre vários educadores do mundo inteiro, sob a égide da UNESCO e desenvolvido entre 1993 e 1996, representa uma síntese do pensamento pedagógico oficial da humanidade, no final do milénio, já que foi lançado sob a chancela do órgão máximo responsável pelo setor educacional no planeta. Nele, apresentam-se os “Reaprenderes necessários aos homens e mulheres do século XXI”²⁰⁵.

De acordo com esse Relatório, a educação para este século tem missões para as quais as respostas estão numa educação com cariz humanista, que se deve organizar em torno de quatro pilares fundamentais do conhecimento humano: aprender a conhecer, isto é adquirir o domínio dos instrumentos próprios ao saber para descobrir, conhecer e compreender o mundo que nos rodeia. Aprender a fazer, com o intuito de poder agir sobre o meio envolvente. Aprender a viver juntos, para que o indivíduo esteja habilitado para viver em contexto de igualdade, consciente das semelhanças e das interdependências entre as pessoas, para que ele seja capaz de estabelecer uma relação de empatia com os outros e de cooperação em todas as atividades humanas. Por último, aprender a ser íntegro nos três pilares anteriores, visando o desenvolvimento global da pessoa.²⁰⁶

Atendendo à pluralidade cultural, acima referenciada, a Escola deve desenvolver uma competência plurilingue e pluricultural que permita que os nossos alunos adquiram e desenvolvam as ferramentas necessárias para alcançar a sua socialização. A sociedade e a escola centram-se num processo de participação dialógica, graças ao qual se alcança a universalidade de uns valores mínimos através da comunicação.²⁰⁷

Xavier Besalú²⁰⁸ refere que a escola deveria ser um espaço cidadão, plural e diverso porque é um lugar de encontro de ensino-aprendizagem, na medida em que há muitos que constroem cultura confrontando os seus próprios conhecimentos, e desse modo se cultiva a diversidade na escola.

²⁰⁴ Político europeu de nacionalidade francesa. Foi autor e organizador do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Delors, acessado no dia 20 de fevereiro, de 2018.

²⁰⁵ Jacques Delors, «Educação - Um tesouro a descobrir», *UNESCO - Relatório Jacques Delors*, 2011, <http://4pilares.net/text-cont/delorspilares.htm#Relatório para a UNESCO>.

²⁰⁶ Cf. Jacques Delors, «Educação - Um tesouro a descobrir», *UNESCO - Relatório Jacques Delors*, 2011, <http://4pilares.net/text-cont/delorspilares.htm#Relatório para a UNESCO>.

²⁰⁷ Cf. Vieira, «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno», 12.

²⁰⁸ Pedagogo, professor do Departamento de Pedagogia da Universidade de Gerona e escritor especializado em educação intercultural. Cf. https://es.wikipedia.org/wiki/Xavier_Besal%C3%BA_i_Costa.

2. As finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica

As finalidades de uma disciplina definem, “em termos gerais, o que se pretende que cada aluno adquira com a sua frequência, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino, se cumprir as várias metas, determinadas para o conjunto dos Ciclos (ou níveis) de ensino em que a disciplina é oferecida e pode, portanto, ser frequentada”²⁰⁹.

No que respeita à orientação do ensino de EMRC, o Estado Português atribui exclusividade à Igreja Católica (decreto-lei n.º.74/2004), sendo que a esta compete a elaboração e revisão dos programas, a edição e divulgação de manuais e de outros instrumentos de trabalho, bem como a apresentação de candidatos a professores. Respeitam-se as orientações gerais que regem o sistema educativo e que garantem a harmonia curricular entre todas as disciplinas.

Nesse sentido, as finalidades da disciplina de EMRC são um elemento essencial, na medida em que elas são “as grandes metas a alcançar ou aquisições globais a adquirir por aqueles que frequentem a EMRC com continuidade e longa duração”²¹⁰.

Assim sendo, as finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica são:

- Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.²¹¹

²⁰⁹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014» (Moscavide: Gráfica Almondina, 2014), 3.

²¹⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014», 4.

²¹¹ *Ibid.*, 5.

3. *Caracterização psicológica dos alunos do 1º ciclo quanto às Dimensões Pedagógicas que referenciam o programa de EMRC*

De uma forma global, correspondem à caracterização psicológica que é feita dos alunos do 1º Ciclo quanto às dimensões pedagógicas que são referenciadas no programa de EMRC: “ir além do círculo familiar e procuram explorar ludicamente as suas capacidades emergentes, para aprender o uso do corpo, da mente e objetos materiais as ferramentas práticas do mundo adulto, o desenvolvimento de um sentido de crescimento, superação, trabalho e esforço, sendo que o trabalho escolar deve proporcionar objetivos claros e oportunidades de sucesso para que a criança se mantenha motivada para crescer e aprender, evitando sentimentos de inadequação ou inferioridade”²¹².

Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da Interpretação Ético - moral
<p>Autoconceito limitado ao concreto e observação simples das suas características. Percepção de que o pensamento e os sentimentos dos outros podem ser diferentes.</p> <p>Capacidade para inferir sentimentos, ideias e intenções do comportamento dos outros.</p> <p>A família tem muita importância; a vida na pequena sociedade da escola começa a mostrar que as pessoas desenvolvem cosmovisões diversas, expressas em hábitos de vida diferentes.</p> <p>Trabalhar e brincar em grupo é muito relevante.</p> <p>A aprendizagem faz-se com entusiasmo, de modo factual e processual: saber coisas, aprender as competências básicas da vida de estudante.</p>	<p>Não há insight real de uma visão religiosa da vida; falta a experiência e a capacidade mental para pensar com lógica sobre ideias religiosas.</p> <p>Não entendem a natureza da Bíblia, encarada como autoritativa num sentido muito literal. Visão antropomórfica de Deus; Cristo é um homem bom, capaz de realizar milagres.</p> <p>Distinção entre o universo do religioso e as demais experiências.</p>	<p>É a rica experiência de viver entre os outros, de participar numa cultura comum, que forja, através do jogo e das oportunidades de aprendizagem, a importância da regra e da administração da justiça, numa etapa moral de heteronomia em que a autoridade está centrada no adulto.</p> <p>As consequências dos atos são mais importantes do que as intenções.</p> <p>Não se considera o ponto de vista do outro nem se tem sentido da sociedade. Alguma empatia e preocupação com as necessidades dos outros; culpa provocada por comportamentos que causam dano objetivo.</p> <p>Distinção entre convenções e regras morais; início de que o dano físico e psicológico é moralmente errado.</p> <p>Preocupação com a posse e relutância em partilhar.</p>
<p>A imaginação apela para o desenvolvimento religioso (histórias, rituais, leis) alimentando a riqueza da personalidade e da consciência moral</p>		

²¹² Secretariado Nacional de Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014», 165.

4. Caracterização da escola e da comunidade educativa

4.1. Identificação do local de Estágio

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches faz parte do imaginário da educação em Braga há mais de quatro décadas. Situando-se na zona de maior dinâmica comercial da cidade, densamente habitada e paredes meias com o novo hospital, o Parque das Sete Fontes e a Universidade do Minho. Tem na escola sede um exemplo de edifício escolar moderno, com condições de excelência para o ensino, apresentando salas equipadas informaticamente com computador, colunas de som, acesso à internet e projetor. As salas são aquecidas e com material escolar adequado. Integra ainda, mais seis estabelecimentos de educação e ensino: EB1 de S. Victor, EB1/Jardim de Infância das Enguardas, EB1/Jardim de Infância do Bairro da Alegria, EB1/jardim de Infância da Quinta da Veiga, EB1 do Bairro da Misericórdia e Jardim de Infância da Quinta das Fontes, funcionando, cada um, em edifícios autónomos, mantendo a sua identidade e denominação próprias. Estas escolas situam-se nas freguesias de S. Vítor e S. Vicente, com elevada densidade populacional. Na área de influência do agrupamento verificam-se vários estratos sociais, culturais e económicos, bem como uma vasta população emigrante das mais variadas proveniências e com língua portuguesa (Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde). Existe também uma população emigrante com língua diferente do português (Roménia, Ucrânia, China, Senegal).

O Agrupamento de Escolas Francisco Sanches pretende satisfazer as necessidades sociais relacionadas com a comunidade educativa, o projeto educativo do AEFS procura dar resposta a diversas necessidades, nomeadamente o acesso ao sucesso escolar, aumentando progressivamente as ofertas e a sua adequação às necessidades sociais, económicas e culturais da comunidade, potenciando a relação Escola – Comunidade, no intuito de formar cidadãos na vertente pessoal, social e científica de modo a prepará-los para os desafios do presente e do futuro.²¹³

4.2. Escola Básica de S. Victor

A Escola Básica de S. Vítor situa-se na Rua Beato Miguel de Carvalho, na freguesia de S. Vítor, em Braga. O edifício é formado por rés- do- chão e dois pisos, de arquitetura moderna, foi construído no ano de 1958. É constituído por um volume paralelepípedo e uma torre lateral. Foram feitas obras de requalificação e ampliação, nomeadamente no corredor do rés- do -chão, que era aberto e passou a ser fechado. Foi fechado também um espaço contíguo, ao edifício, do qual consta o refeitório da escola. As casas de banho do rés -do- chão e 1º andar do edifício foram remodeladas. Este ano, devido ao aumento de turmas, foi adaptado o

²¹³ Cf. Agrupamento de Escolas DR. Francisco Sanches, Projeto educativo, 2017/2018, Braga 2018, 18

espaço da biblioteca a uma sala de aulas e a uma pequena cozinha. Esta escola é frequentada por 160 crianças, distribuídas por 7 turmas do 1º ciclo a funcionar em horário normal. As salas de aula têm as dimensões adequadas e são equipadas com mobiliário ajustado às necessidades dos alunos e com aquecimento termoelétrico. Relativamente ao espaço exterior este está alcatroado, mas pode-se considerar bom e adequado ao número de alunos. Existe uma área coberta, mas não permite atividades esportivas e lúdicas em tempo de chuva. Na parte frontal do edifício existe um jardim bem cuidado que contribui para o embelezamento da escola.²¹⁴

4.3. Caracterização da turma

A prática de Ensino Supervisionada decorreu na turma 1 do 4º ano da Escola EB1 de S. Vítor, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. A turma é constituída por 27 alunos e 16 estão inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Desses 16 alunos da turma de EMRC, 6 são do género masculino e 10 do género feminino. A maioria é proveniente do centro da cidade e está integrada em famílias de classe média e de nacionalidades diferentes (brasileira, ucraniana, cabo verdiana, portuguesa). São, na sua maioria, alunos dinâmicos, participativos, curiosos, interessados e revelam alguns conhecimentos dos conteúdos da Unidade Letiva “Crescer na Diversidade”.

5. Enquadramento da Unidade Letiva

A unidade letiva 2 - Crescer na Diversidade - é uma das quatro unidades letivas previstas no programa de Educação Moral e religiosa Católica do 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.²¹⁵ De acordo com o Despacho que define o calendário escolar, prevê-se a lecionação desta disciplina em trinta e três aulas, com a duração de sessenta minutos cada uma.²¹⁶ Assim, e após uma análise das metas curriculares e conteúdos previstos para as quatro unidades do programa de EMRC do 4º ano, prevêem-se cerca de sete aulas para cada unidade letiva. Para a lecionação desta unidade optou-se por seis aulas, a acontecer no segundo período do ano letivo 2017/2018. A planificação das aulas teve sempre por base incentivar e motivar todos os alunos para a aquisição de conhecimentos, recorrendo a estratégias diversificadas tendo presente os interesses dos alunos que compõem a turma.

²¹⁴ Cf. *Ibidem*, 8

²¹⁵ CF. Secretariado Nacional de Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa católica 2014», 4.

²¹⁶ CF. Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação, Despacho nº 5458-/2017 de 22 de junho de 2017.

É de salientar que todas as aulas foram planificadas de acordo com a caracterização da turma, promovendo atividades de carácter teórico, alternando com atividades de carácter mais prático.

Após a escolha da Unidade Letiva seguiu-se a escolha do título para a presente tese. Para intitular esta tese, ocorreram-me diversos nomes nenhum era aquele que procurava. Foram vários os títulos que iam surgindo, mas... faltava algo... porém eis que na primeira vez que foi conhecer a turma onde aconteceria o estágio, surgiu da boca de uma menina que pedia à colega da frente, um lápis cor de pele. E eu questionei-a sobre qual seria a cor de pele que cor é a cor de pele e ela responde com um tom de quem pensa - ela não sabe qual é a cor de pele? É a cor rosa clarinho ou o bege! E aquela resposta surpreendeu-me, pois, a menina que me respondeu era de cor negra. E ela assumiu que, a cor de pele é a cor das pessoas brancas. Fui para casa a pensar neste assunto e decidi. *Lápis cor de pele! A minha tese deverá abordar a temática da diversidade humana!*

6. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva.

6.1. Na 1ª aula desta UL, a meta a trabalhar é: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (O), tendo como objetivo: Tomar consciência da experiência humana da diversidade. Os conteúdos trabalhados serão: O nosso mundo está repleto de diversidade animal; Diversidade no mundo vegetal.

Acolhimento e diálogo com os alunos.

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos, e o objetivo é fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC. Posteriormente, é entregue a cada aluno, um cartão plastificado com o seu nome, de modo a facilitar a identificação.

A apresentação individual não é feita porque a mesma aconteceu em aulas anteriores. De seguida tem lugar um breve diálogo para partilhar algumas vivências da festa de Natal. Posteriormente, os alunos realizam o Jogo do Stop, sendo dada uma explicação sobre os procedimentos a adotar no mesmo. Segue-se a aplicação do jogo (Anexos, Doc.1). Com a realização deste jogo, pretende-se que os alunos reconheçam, nas diferentes respostas, que o mundo está repleto de diversidade: nomes próprios; animais; vegetação; profissões; cores e países.

Após a realização do jogo pretende-se chegar à definição de diversidade.²¹⁷

Etimologicamente, vem do latim *diversitate*, designando variedade, diferença, dissemelhança, oposição, contradição. Segue-se uma explicação do conceito de *diversidade*.

Por fim apresentar-se-á a Unidade Letiva.

Síntese final – Tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula.

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos.

A grelha de proposta de planificação encontra-se em Anexos, Doc. 2.

6.2. Na 2ª aula desta UL, a meta a trabalhar é: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (O), tendo como objetivo: Tomar consciência da experiência humana da diversidade. Os conteúdos trabalhados serão: O nosso mundo está repleto de diversidade animal; diversidade no mundo vegetal. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida; A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social.

Acolhimento e diálogo com os alunos

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos, com o objetivo de fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC e, posteriormente, realiza-se a síntese da aula anterior, com a finalidade de relembrar os conteúdos trabalhados na aula anterior.

Após a realização da síntese da aula anterior, a estratégia que se utiliza é a apresentação de dois vídeos (Anexos, Doc.3) onde surgem diferentes imagens de paisagens, animais e plantas. O objetivo é que os alunos reconheçam a beleza da diversidade.

Após a visualização dos vídeos, os alunos são convidados a realizarem uma ficha de trabalho (Anexos, Doc.4) onde devem fazer corresponder a cada paisagem um animal e uma planta que sobreviva na respetiva paisagem. A finalidade é reconhecer que as plantas e os animais estão adaptados ao seu meio ambiente. De seguida, procede -se à correção da ficha.

Síntese final: com o objetivo de compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula.

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos.

A grelha de proposta de planificação encontra-se em Anexos, Doc. 5.

²¹⁷ Cf. Porto Editora, «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico», *Infopédia - Dicionários Porto Editora*, acedido 23 de Junho de 2017, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/diversidade>.

6.3. Na 3ª aula a meta a trabalhar é: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (O), tendo como objetivo: Tomar consciência da experiência humana da diversidade. Os conteúdos trabalhados são: os seres humanos também são diferentes uns dos outros: cor de pele, sexo, língua, religião, mentalidade, origem social, atividade profissional, nível de estudos; Complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida; Nem tudo o que é diferente é necessariamente bom; Somos todos iguais em dignidade; A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social; Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: Conhecer; Dialogar; Partilhar; Defender do mau trato e da indiferença; Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família.

Acolhimento e diálogo com os alunos.

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos com o objetivo de fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC. Posteriormente, realiza-se a síntese da aula anterior, com a finalidade de lembrar os conteúdos trabalhados.

Após a realização da síntese, faz-se uma breve apresentação da escritora Luísa Ducla Soares, autora da obra “Meninos de Todas as Cores” e como ela idealizou esta história. De seguida apresenta-se um *powerpoint* (Anexos, Doc.6) baseado nesta história. Após a visualização e leitura da história, segue-se uma exploração da mesma cujo objetivo é levar os alunos a valorizarem a riqueza da diversidade humana. No sentido de facilitar esta reflexão entrega-se uma ficha de trabalho “Meninos e Meninas do Mundo”. (Anexos, Doc.7) Esta atividade pretende desafiar os alunos a colorirem figuras humanas com diferentes tons de pele. Para o efeito apresenta-se uma caixa de lápis de cor com a peculiaridade de conter apenas cores de tons de pele diferentes.

No final procede-se à audição da música: “O Menino Descolorido”, com o apoio da letra distribuída. (Anexos, Doc.8) Para que os alunos descubram a importância da diversidade humana.

Síntese final: com o objetivo de compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula.

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos.

A grelha de proposta de planificação encontra-se em Anexos, Doc. 9

6.4. Na 4ª aula desta UL, a meta a ser trabalhada é: Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana (Q), Identificar os valores evangélicos (G) tendo como objetivo: Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa. Os conteúdos trabalhados são: As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida; Somos todos iguais em dignidade; Os cristãos reconhecem que a dignidade do ser humano vem de Deus criador e é por isso inalienável: Sl 8,4-7; A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social.

Acolhimento e diálogo com os alunos

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos, com o objetivo de fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC e, posteriormente, realiza-se a síntese da aula anterior, com a finalidade de lembrar os conteúdos trabalhados na aula anterior.

Após a realização da síntese da aula anterior, a docente faz uma breve apresentação da Bíblia Sagrada. Posteriormente, o grupo/turma é subdividido em pequenos grupos de 4 alunos e é entregue um texto do Livro dos Génesis 1e 2 (Anexos. Doc.10) e uma ficha de trabalho onde os alunos devem ordenar de 1 a 7 os dias da criação. (Anexos, Doc.11) De seguida passa-se à correção da ficha de trabalho. Esta atividade pretende que os alunos entendam que as diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida e que reconheçam que a dignidade do ser humano vem de Deus criador e é por isso inalienável: Sl 8,4-7.

Para finalizar, procede-se à visualização e audição da música “Louvado sejas” e convida-se os alunos a acompanharem a música com apoio da letra distribuída (Anexos, Doc.12) a cada um.

Síntese final: com o objetivo de compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula.

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos.

A grelha de proposta de planificação encontra-se em anexos, Doc. 13.

6.5. Na 5ª aula desta UL, a meta a ser trabalhada é: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo (O), tendo como objetivo: Tomar consciência da experiência humana da diversidade, reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa. Os conteúdos trabalhados são: os seres humanos também são diferentes uns dos outros: cor de pele, sexo, língua, religião, mentalidade, origem social, atividade profissional, nível de estudos; a diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: Conhecer; Dialogar;

Partilhar; Defende do mau trato e da indiferença; Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família.

Acolhimento e diálogo com os alunos

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos, com o objetivo de fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC e, posteriormente, realiza-se a síntese da aula anterior, com a finalidade de relembrar os conteúdos trabalhados na aula anterior.

Após a realização da síntese da aula anterior, a docente entrega uma ficha informativa sobre diversidade cultural (Anexos, Doc. 14) onde inclui: bandeira; linguagem; alimentação; danças e algumas curiosidades sobre diferentes países.

A segunda ficha informativa incide sobre a diversidade religiosa (Anexos, Doc.15) onde são abordadas algumas religiões como: Judaísmo; Cristianismo; Islão; Hinduísmo e Budismo e onde abrange a forma de vestir, símbolos e o livro sagrado. A finalidade das fichas é levar os alunos a reconhecerem que os seres humanos também são diferentes uns dos outros: cor de pele, sexo, língua, religião, mentalidade, origem social, atividade profissional, nível de estudos e olharem para a diversidade cultural e religiosa como fator de enriquecimento pessoal e social.

Por fim, entrega-se uma fotocópia aos alunos, onde surgem vários trajes típicos de diferentes países para colorirem. (Anexos Doc.16)

Síntese final: com o objetivo de compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula.

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos.

A grelha de proposta de planificação encontra-se em Anexos, Doc. 17.

6.6. Na 6ª aula desta UL, a meta a ser trabalhada é: Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana (Q), Identificar os valores evangélicos (G), tendo como objetivo: Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa. Os conteúdos trabalhados são: As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida, Jesus e o cego de nascença, a afirmação da dignidade da pessoa: Mc 10, 46-52; Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: Conhecer; Dialogar; Partilhar; Defende do mau trato e da indiferença; Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família.

Acolhimento e diálogo com os alunos.

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos, com o objetivo de fazer a transição do intervalo para a aula de EMRC e, posteriormente, realiza-se a síntese da aula anterior, com a finalidade de lembrar os conteúdos trabalhados na aula.

Após a realização da síntese da aula anterior, a docente faz uma breve alusão sobre o tipo de discriminação que existia no tempo de Jesus. De seguida apresenta-se um *powerpoint* sobre a passagem bíblica, Mc 10, 46- 52 “Cura do cego de Jericó”. (Anexos, Doc.18)

Após a visualização do *powerpoint* convida-se os alunos a realizarem uma ficha com um pequeno questionário sobre o *powerpoint* apresentado. (Anexos, Doc.19) Posteriormente, procede-se à análise da mensagem do acontecimento bíblico.

Síntese final: Com o objetivo de compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, a professora, com a colaboração dos alunos e apoio de um *powerpoint*, faz uma retrospectiva das seis aulas. (Anexos, Doc. 20)

Termina-se a aula com a docente a despedir-se dos alunos

A grelha de proposta de planificação encontra-se em Anexos, Doc. 21.

7. Avaliação e reflexão da Unidade Letiva

Finalizado que está o processo de lecionação da Unidade Letiva “Crescer na Diversidade” torna-se fundamental proceder a uma reflexão crítica sobre todo o trabalho desenvolvido em cada aula. É importante que o docente avalie, não só os alunos, mas também a sua prática pedagógica. Torna-se fulcral refletirmos sobre as nossas escolhas e ações, percebermos as nossas potencialidades e constrangimentos, procurando realizar sempre e cada vez mais um melhor trabalho.

A lecionação desta unidade temática desenrolou-se em seis tempos letivos. No dia oito de janeiro de 2018 teve lugar a primeira aula e no dia dezanove de fevereiro a conclusão da unidade. As aulas decorreram às segundas-feiras entre as dezasseis horas e trinta minutos e as dezassete horas e trinta minutos tendo todas elas, sido observadas pela professora cooperante. As aulas desenrolaram-se sempre na sala da turma, tendo por base a mesma estrutura, isto é: acolhimento, retrospectiva da aula anterior, atividades de grupo ou individuais e consolidação dos conteúdos lecionados. Atendendo às características da turma, as estratégias utilizadas foram diversificadas, no sentido de motivar os alunos para o processo ensino-aprendizagem. Tendo utilizado as seguintes estratégias: Perguntas retóricas para questionar, exposição se conteúdos, momentos de exposição oral, resolução de exercícios, powerpoints, vídeos, músicas, fichas informativas e de trabalho. As estratégias de ensino foram auxiliadas pela utilização de recursos didáticos, atrativos, motivadores, originais e rigorosos que se tornaram oportunos durante toda a lecionação.

Os alunos da turma mostraram-se sempre muito interessados e participativos nos diferentes momentos da aula, colocando questões e partilhando as suas experiências e vivências diárias, tendo nesta parte, revelado grande entusiasmo em participar.

A primeira aula teve lugar no dia oito de janeiro de 2018 tendo abdicado da



Figura 1 – Cartões Identificativos

apresentação uma vez que a mesma tinha ocorrido em momento prévio, isto é, final do primeiro período letivo.

A aula iniciou-se com a entrega a cada aluno, de um

cartão plastificado com o seu nome próprio para facilitar a identificação individual.



Figura 2 - ficha de trabalho

Posteriormente, seguiu-se um breve diálogo onde os alunos partilharam as suas vivências da festa de Natal. Desta breve partilha a palavra que se destacou foi

família. De seguida, os alunos foram convidados a realizar o *Jogo do Stop*. Este jogo permitiu que os alunos reconhecessem nas diferentes respostas a diversidade que compõe o mundo: diversidade de nomes próprios, animais, vegetação, profissões, cores e países. Este jogo revelou-se muito interessante pela participação e empenho dos alunos. Após a realização do jogo chegamos rapidamente, à definição de *diversidade*. Aqui fez-se articulação com as disciplinas de Português e Estudo do Meio com os conhecimentos já adquiridos nestas disciplinas. Por fim, foi apresentada a Unidade Letiva. Os materiais usados nesta aula foram adequados aos objetivos da mesma.

A segunda aula decorreu no dia quinze de janeiro de 2018 e teve como tema a *Diversidade de Paisagens, Animais e Plantas*. No início desta aula e



Figura 3 - ficha de trabalho

com a colaboração de dois alunos procedeu-se à chamada e distribuiu-se os cartões de identificação.

Posteriormente com a ajuda dos alunos procedeu-se à síntese da aula anterior. A aula prosseguiu com a visualização de dois vídeos, onde surgiram diferentes imagens de paisagens, animais e plantas.

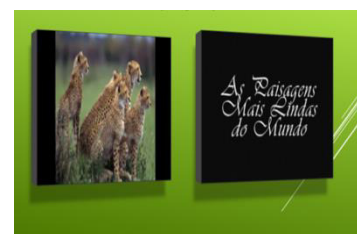


Figura 4- figuras extraídas dos vídeos

O objetivo era que os alunos reconhecessem a beleza da diversidade. Penso que foi conseguido, pois os alunos reagiram com muita alegria e com expressões de admiração e reconhecimento da beleza da diversidade que os envolve. Após a visualização dos vídeos, ponto alto da aula, os alunos foram convidados a realizar uma ficha de trabalho, onde corresponderam cada paisagem a um animal e uma planta. Mais uma vez, os recursos utilizados e preparados foram os adequados, constatado pelo *feedback* demonstrado por parte dos alunos. Toda a planificação foi cumprida.

A terceira aula decorreu no dia vinte e dois de janeiro 2018 e teve como tema central *Diversidade Humana* e tinha por como objetivo que os alunos tivessem consciência da experiência humana da diversidade Humana. No início desta aula e com a colaboração de outros dois alunos procedeu-se à chamada e distribuiu-se os cartões de identificação. Posteriormente, realizou-se a síntese da aula anterior cuja finalidade era relembrar os conteúdos trabalhados.

Após a realização da síntese, fez-se uma breve apresentação da escritora Luísa Ducla

Soares, autora da obra “Meninos de Todas as Cores” e como ela idealizou esta história. De seguida apresentou-se um *powerpoint* baseado nesta história. Após a visualização e leitura da mesma, seguiu-se a exploração do tema com o objetivo de

os levar a descobrirem a riqueza da diversidade humana. No sentido de orientar esta reflexão entregou-se a ficha de trabalho *Meninos e Meninas do Mundo*. O desafio aqui foi que eles colorissem as figuras utilizando apenas tons de cor de pele humana. Ponto alto da aula, pois todos



Figura 5 – lápis cor da pele



Figura 6- ficha de trabalho

os alunos quando solicitados a apresentarem o seu lápis cor da pele, todos apresentaram o bege claro, salmão e cor-de-rosa. Foram então apresentadas algumas caixas de lápis com 12 tons de cor de pele. Todos os alunos mostraram-se surpresos, pois estavam convencidos que só existia bege claro, salmão e cor-de-rosa como cor de pele. No final procedeu-se à audição da música: “O Menino Descolorido”²¹⁸ com o apoio da letra distribuída. O objetivo foi alcançado, dado que os alunos descobriram a riqueza da diversidade humana. Todos os materiais utilizados revelaram-se apropriados. E toda a planificação foi cumprida.

A quarta aula decorreu no dia vinte e nove de janeiro de 2018 e teve como tema central a *Criação nos Génesis*. No início desta aula e com a colaboração de outros dois alunos, procedeu-se à chamada e distribuiu-se os cartões de identificação. Posteriormente, realizou-se a síntese da aula anterior cuja finalidade foi relembrar os conteúdos trabalhados. De seguida,

fez-se uma breve apresentação da Bíblia Sagrada, onde todos os alunos contribuíram com os conhecimentos que já sabiam. Posteriormente a turma foi dividida por grupos de quarto e foi entregue a cada grupo dois textos da Bíblia, Gn 1 e Gn 2, 1-2. Os alunos realizaram uma ficha de trabalho para ordenarem os dias da criação. De seguida, procedeu-se à correção da ficha. Esta atividade levou os alunos a refletir sobre a criação de tudo o que os envolve.



Figura 7- ficha de trabalho

Para finalizar, os alunos foram desafiados a descobrirem a beleza da Criação partindo da audição da canção “Louvado Sejas”²¹⁹, momento de grande alegria

²¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=21b5TLIY7ZI>. Xana Toc Toc – O Amigo Descolorido.

aferido pela participação de todos os alunos. Mais uma vez, a planificação foi cumprida e todos os materiais preparados revelaram-se adequados.

A quinta aula decorreu no dia cinco de fevereiro de 2018 e teve como tema central apresentar a *Diversidade Cultural e Religiosa*. A aula iniciou-se com o habitual acolhimento e distribuição dos cartões. Posteriormente, realizou-se a síntese da aula anterior cuja finalidade era relembrar os conteúdos trabalhados. De seguida foi entregue a cada aluno duas fichas informativas sobre a diversidade cultural e religiosa. Na ficha da diversidade cultural incluía: bandeira; linguagem; alimentação; danças e algumas curiosidades sobre diferentes países. Aqui houve a preocupação de incluir dois países (Brasil e Ucrânia) por se encontrarem na turma alunos provenientes desses países. Portugal não foi colocado nessa ficha pois, o objetivo era levar os alunos a exporem o que caracteriza Portugal. Momento muito rico, onde os alunos partilharam os seus conhecimentos sobre Portugal. É de ressaltar que os alunos demonstraram conhecer bem o seu país de origem/acolhimento.

Diversidade Cultural
A diversidade cultural manifesta-se na linguagem, hábitos, costumes, alimentação, festas, costumes locais, música e dança.

Países	Linguagem (Bem Dito)	Alimentação	Dança	Curiosidades
Espanha	Buenos días	Pasta / Sopa	Fandango	<ul style="list-style-type: none"> • "El Gato" • Festa nacional • Comemoração de festas
Francia	Bonjour	Doce / Salgado	Can-can	<ul style="list-style-type: none"> • Comemoração com música • Festa de tradições e costumes
Inglaterra	Good morning	Doce (sandwiches) / Sopa / Chuva	Waltz	<ul style="list-style-type: none"> • Comemoração por tradições • Festa nacional • Comemoração em um baile
Italia	Buon giorno	Macarrão / Pizza	Siciliana / Tarantella	<ul style="list-style-type: none"> • Festa muito alta • Festas em família • Festa tradicional • Festa antiga
Alemanha	Guten morgen	Salsichas / Curry	Polka	<ul style="list-style-type: none"> • Festa tradicional • Comemoração em um aperto de mão
Brasil	Bom dia	Salsichas / Curry	Valsa	<ul style="list-style-type: none"> • Festa antiga • Festa de Janeiro já foi capital de Portugal • Melhor presidente do país
Ucrânia	Dobry den	Sopa / Salsichas	Gunglitz	<ul style="list-style-type: none"> • Festa tradicional • Festa de celebração a família • Festa tradicional • Festa de celebração da família

Figura 8 - ficha de trabalho

A segunda ficha informativa incidiu sobre a diversidade religiosa onde foram abordadas algumas religiões como: Judaísmo; Cristianismo; Islão; Hinduísmo e Budismo e onde se falou da forma de vestir, dos símbolos e dos livros sagrados. Estas fichas permitiram que os alunos olhassem para a diversidade cultural e religiosa como um fator de enriquecimento pessoal e social.

Por fim, entregou-se uma fotocópia aos alunos, onde surgiam vários trajes típicos de diferentes países para colorirem.

Momento de alegria onde os alunos descobriram que existem trajes de diferentes países muito diferentes, mas todos igualmente belos.

Diversidade Religiosa

Religião	Forma de vestir	Símbolo	Livro Sagrado
Judaísmo		Estrela de David	Torá
Cristianismo		Crucifixo	Bíblia Sagrada
Islão		Luva e Espada	Corão
Budismo		Roda do Dharma	Tripitaca
Hinduísmo		Om	Vedas

Figura 9 - ficha de trabalho

A sexta e última aula decorreu no dia dezanove de fevereiro de 2018 e teve como tema central *Jesus acolhe todas as pessoas, alusão à discriminação que existia no tempo de Jesus*. Tal como em todas as aulas fez-se a retrospectiva da aula anterior. Passou-se depois para a exposição dos conteúdos programados para a aula: perceber que no tempo de Jesus também

²¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=zUfP7SLYxbs>. Louvado Sejas.

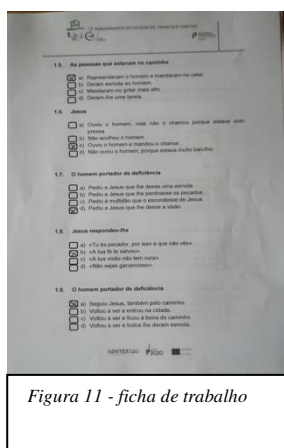


Figura 11 - ficha de trabalho

existiam pessoas discriminadas: viúvas, crianças, pessoas com alguma deficiência ou doença. De seguida, passou-se para a projeção de um *powerpoint* sobre a passagem da Bíblia, Mc 10, 46-52, *Cura do Cego de Jericó*. Após a visualização do *powerpoint* convidou-se os alunos a realizarem uma ficha com um pequeno questionário. Posteriormente, procedeu-se à respetiva correção e análise da mensagem desta passagem bíblica.



Figura 12- lembrança

Conclui-se a aula com o apoio de um *powerpoint* e com o objetivo de compreender se os conteúdos ficaram bem consolidados. A professora, com a colaboração dos alunos, fez-se uma retrospectiva das seis aulas. Por fim a professora despediu-se dos alunos e ofereceu uma lembrança alusiva ao tema e uma caixa de lápis cor de pele.

Terminada que está a lecionação, e feita uma retrospectiva, percebemos que existe ainda algum caminho a percorrer. Percebemos que a planificação de cada aula é necessária pois, ela desempenha um papel preponderante no desenvolvimento da lecionação, permite não só estruturar cada aula, com os objetivos próprios e conteúdos a desenvolver, como também permite prever algumas dificuldades e antecipar as várias soluções. Ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionada a docente procurou manter uma relação cordial, próxima e individualizada, sempre que possível, com aos alunos. Todo o processo de ensino-aprendizagem centrou-se no aluno, nas suas necessidades e potencialidades. A professora utilizou linguagem rigorosa, clara e específica de acordo com os conteúdos abordados. Procurou ainda usar um tom de voz adequado. A docente conseguiu ainda gerir o tempo e espaço disponíveis para o desenvolvimento desta Unidade Letiva. Destas aulas destaca-se a genuinidade, a naturalidade e simplicidade da participação que caracteriza os alunos desta idade.

CONCLUSÃO

Este Relatório de Ensino Supervisionada elaborado no contexto da Prática de Ensino Supervisionada, teve como ponto de partida a Unidade Letiva 2, “Crescer na Diversidade”, do 4º ano de escolaridade, de acordo com o programa nacional de Educação Moral e Religiosa Católica.

Aquando da escolha do tema, este pareceu-me ser o mais pertinente e adequado ao momento, tendo em conta a experiência quer pessoal, quer profissional, num passado recente. Houve, de facto, uma tomada de consciência ainda maior, da beleza que é crescermos envolvidos na diversidade, apesar da dificuldade que esta possa suscitar.

Com efeito, é importante dar um sentido à vida e fazê-lo no seio da diversidade é um desafio grande, uma vez que, quando abordamos esta questão, estamos a referir-nos à diversidade humana, cultural, religiosa, natural; e a todas em relação umas com as outras. Todavia, crescermos emergidos com elementos tão distintos faz ressoar no Homem o bom e o belo e alerta-o para o dever que este tem de cuidar de si, dos outros e de tudo o que o rodeia. Isto mesmo é referido na Encíclica *Laudato Si*, no seu primeiro capítulo, onde somos impelidos a um acordo para erradicar a miséria e para promover a igualdade de acesso a todos os recursos do planeta, a um mudar de rumo; em suma, a um compromisso – cuidar de tudo e de todos.

É importante compreender a unidade na diversidade, sendo que a unidade não é uniformidade. Na verdade, tal como foi possível ir constatando, tanto o preconceito, como a discriminação, ou o desrespeito são contrários à dignidade da pessoa, sendo que cada uma é irreduzível, insubstituível e irrepetível.

Porque a diferença existe e a discriminação é real, é urgente mudar mentalidades. Quando olhamos para o *outro*, há sempre uma apreciação que nos é instintiva. Julgar alguém, por exemplo, pela cor da sua pele, é o reflexo claro da necessidade de (re) educar o olhar, a fim de que saiba apreciar para além das aparências. Com efeito, só contemplando a dimensão interior é que as diferenças se dissipam. Não estará na hora de olharmos para o que não se vê? De contemplarmos, à semelhança de Buber, Levinas e Ricoeur, o *outro* como um semelhante que é constituído por muito mais do que uma simples aparência? Mais ainda, podemos questionar-nos se a escola e, mais concretamente, a disciplina de EMRC, estão implicadas na questão do “*Crescer na Diversidade*”.

Ora, se uma das finalidades da educação é garantir o pleno desenvolvimento da consciência da diversidade, então, podemos concluir que cabe também à escola e aos seus educadores garantir e propiciar ao aluno um ambiente que estimule e dê primazia ao respeito

pela diversidade nas suas diferentes manifestações. Desta forma, contribuir-se-á para a formação integral do cidadão, que o programa de EMRC privilegia. Efetivamente, o que se pretende é que o aluno, após a lecionação da Unidade Letiva, reconheça em cada ser humano, características que estão para lá do que os nossos olhos conseguem ver.

BIBLIOGRAFIA

Fonte do Magistério da Igreja

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Franciscanos, 2002

Documentos do Magistério da Igreja

Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 29 de junho 2009.

Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*. Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 24 de maio 2015.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

Enciclopédias e Dicionários

Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, Logos.Lisboa:Verbo,1992.

Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa, Lisboa:Alfa,1992.

Bibliografia Geral

Almeida, Nuno Manuel Santos. *Busca de sentido da vida e reconciliação cristã - Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. Braga: Editora Paulinas, 2017.

Arends, Richard I. *Aprender a ensinar*. Madrid: McGraw-Hill Companies, 2008.

Assis, S. Francisco de. «Cântico das Criaturas». Em *Catecismo Somos +*. Moscavide: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2007.

Bauman, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Beraza, Miguel Ángel Zabalza. «El trabajo escolar en un contexto multicultural». Em *Educación multicultural e intercultural*, 119–28. Granada: Impresur, 1992.

Besalú i Costa, Xavier. «La escuela y la interculturalidad, Propuesta culturales». Em *Actas de las VI Jornadas Internacionales TANDEM*, 13–24. Madrid: ed. Edinumen, 2000.

Buber, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 1974.

Coelho, Luís, Luís Natário, Maria João Cruz, e Aida Félix. *A Luz da Vida - EMRC - 4.º ano do Ensino Básico*. Editado por Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2015.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. «Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica». *Fundação do Secretariado Nacional da Educação Cristã*. Torres Novas, 2003.

Cordeiro, António, Fernando Moita, José Luís Dias, e Margarida Portugal. *Quero Descobrir, Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica - 8º ano do Ensino Básico*. Editado por Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2015.

Couto, António José da Rocha. *Uma Palavra é Melhor do que um Presente*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Cortez, 1997.

João Paulo II, Papa. *Levantai-vos! Vamos!* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

Landeiro, Ana, Dimas Pedrinho, Maria Morais, e Ricardo Homem, *A Luz da Vida - EMRC - 4ºano do Ensino básico*, Editado por Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2010.

Levinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70,1980.

Livres para amar - Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 8º ano. Editado por Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2009.

Mioranza, Angela Josefina, e Isabel Cristina Corrêa Roësch. «A diversidade cultural no cotidiano da sala de aula». Em *II Simpósio Nacional de Educação*. Cascavel, 2010.

Moita, Fernando Augusto Teixeira, António José Melo Cordeiro, José Luís Pinto Dias, e Maria Margarida Antunes Santos Portugal. *Horizontes de Esperança - Manual do Aluno - 9.º ano - Educação Moral e Religiosa Católica*. Editado por Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2010

Moita, Fernando Augusto Teixeira, António José Melo Cordeiro, José Luís Pinto Dias, Maria Rocha, e Maria Margarida Antunes Santos Portugal. *Desafios - Manual do aluno- 7.º ano- Educação Moral e Religiosa Católica*. Editado por Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2008.

Muniz, Regina Maria Fonseca. *O direito à educação*. Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

Nunes, D. Tomaz Silva. *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*.

Lisboa: SNEC, 2006.

Nunes, Etelvina Pires Lopes. *O Outro e o Rosto: Problemas da alteridade em Emmanuel Levinas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993.

Ricoeur, Paul. *O Si – Mesmo como Um Outro*. Campinas: Parirus, 1991.

Rousseau, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 2ª. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Sabariego, Marta. *La Educación Intercultural. Ante los retos del siglo XXI*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2002.

Sales Ciges, Auxiliadora, e Ramona García López. *Programas de Educación Intercultural*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1997.

Secretariado Nacional de Educação Cristã. «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014». Moscavide: Gráfica Almondina, 2014.

Sérgio, António. «Le Sport du Volontaire». Em *Le Volontaire – La paix pour la jeunesse*, N.º 22., 1929.

Sesboué, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.

Sobral, Henrique, *As Raças Humanas*, volume 1, Lisboa, Resomina.

Vieira, Flora Conceição Queirós Rodrigues. «A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno». Universidade da Beira Interior, 2011.

SítioGrafia

Almeida da Silva, Eunice. «A diversidade humana Saúde Coletiva». *saúde coletiva*. São Paulo: Editorial Bolina, 2010. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84215105001>.

Declaração Universal dos Direitos Humanos.
https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm.

Diego Junior da Silva Santos, Nathália Barbosa Palomares, David Normando, Cátia Cardozo Abdo Quintão, *Raça Versus etnia: diferenciar para melhor aplicar*, Resende: 2009 Cf. <http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>, acedido acedido 05 de março de 2018.

Dicionário Priberam, acessido 05 de março de 2018. [Www.priberam.pt/dipo/genética](http://www.priberam.pt/dipo/genética)
Delors, Jacques. «Educação - Um tesouro a descobrir». *UNESCO - Relatório Jacques Delors*, 2011. <http://4pilares.net/text-cont/delorspilares.htm#Relatório para a UNESCO>.

«Exortação Apostólica Evangelii Gaudium». Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

Francisco, Papa. «A Aceitação da Diversidade». *citador*. Acessado 3 de março de 2018. <http://www.citador.pt/textos/a-aceitacao-da-diversidade-papa-francisco>.

Léxico.pt: Dicionário de Português Online. «cultura». Acessado 23 de dezembro de 2017. <https://www.lexico.pt/cultura/>.

Porto Editora. «Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico». *Infopédia - Dicionários Porto Editora*. Acessado 05 de março de 2018. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>.

Tornielli, Andrea. «“Laudato si’”: Os grandes temas da “encíclica verde” do papa Francisco». *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura*, 2015.

http://www.snpcultura.org/laudato_si_os_grandes_temas_da_enciclica_verde_do_papa_francisco.html.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consultado 2018-04-05 14:43:26].

<https://educalingo.com/pt/dic-pt/hassidismo>.

ANEXOS

Ficha de trabalho JOGO DO STOP



Alfabeto	Nomes	Profissões	Animais	Flores	Plantas	Cores	Países	Total

Planificação de Aula

Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**

Aula n.º 1/6

Ano: 4º | Turma: 1

Data: 08/01/2018

Tempo previsto:60 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Unidade Letiva 2: Introdução à Unidade Letiva “Crescer na diversidade”. O jogo do Stop. Definição do conceito de diversidade.			Acolhimento		5 m	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Tomar consciência da experiência humana da diversidade.	<ul style="list-style-type: none"> O nosso mundo está repleto de diversidade: animal; diversidade no mundo vegetal. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> Será entregue a cada aluno, um cartão plastificado com o respetivo nome. Breve diálogo sobre as vivências da Festa de Natal. Explicação das regras do jogo. Realização do jogo do STOP Através do jogo pretende-se chegar a uma definição do conceito de diversidade Apresentação da Unidade Letiva Síntese da aula 	<ul style="list-style-type: none"> Fotocópia com as regras e o Jogo do STOP Papel, Lápis, caneta, borracha 	5 m 12 m 5 m 18 m 5 m 5 m 5 m	Participação Empenho Respeito pela opinião dos colegas Atenção Silêncio Ficha de trabalho Qualidade das respostas

Doc.3



Natureza – A Beleza dos Animais
(<https://www.youtube.com/watch?v=YbLibaBjcdw&t=239s>)







As Paisagens Mais Lindas do Mundo
(<https://www.youtube.com/watch?v=30WtiRcMDh4>)

Diversidade de Animais e Plantas

Assim como as paisagens do nosso planeta são distintas entre si, também encontramos nelas diversidade vegetal e animal.

TAREFA → Faz corresponder a cada paisagem, um animal e uma planta.

	⇒	COLA AQUI UM ANIMAL CORRESPONDENTE	⇒	COLA AQUI UMA PLANTA CORRESPONDENTE
	⇒	COLA AQUI UM ANIMAL CORRESPONDENTE	⇒	COLA AQUI UMA PLANTACORRESPONDENTE
	⇒	COLA AQUI UM ANIMAL CORRESPONDENTE	⇒	COLA AQUI UMA PLANTACORRESPONDENTE
	⇒	COLA AQUI UM ANIMAL CORRESPONDENTE	⇒	COLA AQUI UMA PLANTACORRESPONDENTE

Nome: _____ Data: __/__/__

Planificação de Aula

Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**
Aula n.º 2/6

Ano: 4º | Turma: 1
Data: 15/01/2018
Tempo previsto: 60 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Apresentação de dois vídeos sobre diversidade de paisagens, animais e plantas. Resolução e correção de uma ficha de trabalho.			Acolhimento Entrega dos cartões de identificação		5 m	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Tomar consciência da experiência humana da diversidade. 2. Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> O nosso mundo está repleto de diversidade: animal; diversidade no mundo vegetal. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> Retrospectiva da aula anterior Apresentação de dois vídeos sobre diversidade de paisagens, plantas e animais. Breve diálogo sobre os vídeos apresentados Instruções pertinentes para a resolução da ficha Realização de uma ficha de trabalho: sobre diversidade de paisagens, animais e plantas Correção da ficha de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> Computador Projektor Fotocópias Papel, tesoura, cola 	5 m	Participação
			15 m		Empenho	
			5 m		Respeito pela opinião dos colegas	
			5 m		Atenção	
			15 m		Silêncio	
5 m	Participação					
5 m	Qualidade dos trabalhos					

Meninos de todas as cores

(Luisa Ducla Soares)

Era uma vez um menino branco chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

É bom ser branco
porque é branco o açúcar, tão doce
porque é branco o leite,
tão saboroso
porque é branca a neve, tão linda.

Mas um certo dia o menino partiu numa grande viagem, e chegou a uma terra onde todos os meninos são amarelos.

Arranjou uma amiga, chamada Flor de Lótus que, como todos os meninos amarelos dizia:

É bom ser amarelo
porque é amarelo o sol
e amarelo o girassol
mais a areia amarela da praia

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos. Fez-se amigo de um pequeno caçador chamado Lumumba que, com os outros meninos pretos, dizia:

É bom ser preto
como a noite
preto como as azeitonas
preto como as estradas
que nos levam a toda a parte.

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos.

Escolheu, para brincar aos índios, um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

É bom ser vermelho
da cor das fogueiras
da cor das cerejas
e da cor do sangue bem encarnado.

O menino branco foi correndo mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Bábá, que dizia:

É bom ser castanho
como a terra do chão
os troncos das árvores
é tão bom ser castanho como o chocolate.

Doc.6

Quando o menino voltou à sua terra de meninos brancos, dizia:

É bom ser branco como o açúcar

Amarelo como o sol

Preto como as estradas

Vermelho como as fogueiras

Castanho da cor do chocolate.



Enquanto, na escola os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores.





Meninos e Meninas do Mundo

Pinta o desenho de acordo com a imagem.



A **diversidade humana** está presente no nosso dia a dia e por isso é importante que identifiquemos as diferenças que se podem encontrar em cada pessoa.



Amigo Descolorido

É um menino diferente dos seus amigos de toda a gente
 É meu amigo gosta de mim e eu gosto dele assim
 É diferente eu sei mas não deixa de ser alguém
 Muito especial para mim a nossa amizade não tem fim.

**O meu amigo já me ensinou, que ser diferente é muito bom
 Eu não o quero igual a mim porque ele é lindo assim.**

**Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim
 Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim.**

É um menino diferente dos seus amigos de toda a gente
 É meu amigo gosta de mim e eu gosto dele assim
 É diferente eu sei mas não deixa de ser alguém
 Muito especial para mim a nossa amizade não tem fim.

O meu amigo já me ensinou, que ser diferente é muito bom

Eu não quero igual a mim porque ele é lindo assim.

**Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim
 Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim.**

Eu sou apenas eu
 Eu sou apenas eu
 Tu és apenas tu
 Tu és apenas tu
 Nós somos todos nós
 Somos todos nós
 Não somos iguais, somos originais.

**Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim
 Amigo descolorido, eu gosto de ti assim
 Tão bom ter um amigo que também gosta de mim**

Planificação de Aula

Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**
Aula n.º 3/6

Ano: 4º | Turma: 1
Data: 22/01/2018
Tempo previsto: 60 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A diversidade humana. Apresentação do PowerPoint : «Meninos de todas as cores» de Luísa Ducla Soares. Realização de uma ficha de trabalho com desenhos de meninos e meninas de todas as cores.			Acolhimento Entrega dos cartões de identificação		5 m	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. G. Identificar os valores evangélicos	3. Tomar consciência da experiência humana da diversidade. 4. Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> Os seres humanos também são diferentes uns dos outros: cor da pele, sexo, língua, religião, mentalidade, origem social, atividade profissional, nível de estudos. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. Nem tudo o que é diferente é necessariamente bom. Somos todos iguais em dignidade A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social 	<ul style="list-style-type: none"> Retrospetiva da aula anterior Apresentação da Escritora Maria Ducla Soares e como chegou a esta História. Apresentação do powerpoint: «Meninos de todas as cores» de Luísa Ducla Soares. Leitura e análise da História. Realização de uma ficha de trabalho com desenhos de meninos e meninas de todas as cores. 	<ul style="list-style-type: none"> PC Projetor Powerpoint: «Meninos de todas as cores» Fotocópias. 	5 m 5 m 15 m 15 m	Participação Empenho Respeito pela opinião dos colegas Atenção Silêncio Participação

		<ul style="list-style-type: none"> • Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer; - Dialogar; - Partilhar; - Defende do mau trato e da indiferença. • Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Música “ Amigo descolorido” da Xana Toc Toc. • Síntese da aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Lápis cor da pele (cores do mundo) • Letra da música “ Menino Descolorida” 	<p>10 m</p> <p>5 m</p>	<p>Ficha de trabalho</p> <p>Qualidade dos trabalhos/pinturas realizados pelos alunos.</p>
--	--	---	---	---	------------------------	---

Génesis 1

¹No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, ²a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.

³Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. ⁴Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. ⁵Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia.

⁶Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras.» E assim aconteceu. ⁷Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento. ⁸Deus chamou céus ao firmamento. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.

⁹Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu. ¹⁰Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom.

¹¹Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.» E assim aconteceu. ¹²A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente. Deus viu que isto era bom. ¹³Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia.

¹⁴Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; ¹⁵servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a Terra.» E assim aconteceu. ¹⁶Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas. ¹⁷Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra, ¹⁸para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. ¹⁹Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia.

²⁰Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus.» ²¹Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. ²²Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e

multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.»²³ Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia.

²⁴Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies.» E assim aconteceu. ²⁵Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.

O ser humano – ²⁶Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» ²⁷Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. ²⁸Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai--vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» ²⁹Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. ³⁰E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir.» E assim aconteceu. ³¹Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.

Génesis 2

¹Foram assim terminados os céus, a terra e todo o seu conjunto.² Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.

Ficha de trabalho

Depois de leres atentamente o texto dos Génesis sobre a Criação, ordena de 1 a 7 os dias da criação preenchendo numericamente cada um dos pequenos círculos que se encontram em cada imagem. De seguida pinta as imagens.



Música: Louvado Sejas
(<https://www.youtube.com/watch?v=zUfP7SLYxbs>)

Louvado sejas, ó meu Senhor! (4x)

Nós queremos louvar-Te, em todo o tempo, pela lua, o sol e as estrelas,
Por aqueles que sofrem injustiça
Na certeza de que haja liberdade
Pelos Homens lançados na aventura
De semearem a felicidade.

E por todas as Tuas criaturas
Que há no mundo e são tão belas!

Pela terra, que a todos nos sustenta,
Pelos frutos, as ervas e as flores;
Pelo dia, com sol ou em tormenta,

Nós cantamos os Teus louvores!

Pelos lares, que vivem tão unidos,
E são fonte fecunda do Teu povo;
Pelos jovens que lutam com pujança
Para termos um mundo novo!

Planificação de Aula










Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**
Aula n.º 4/6

Ano:4º | Turma: 1
Data: 29/01/2018
Tempo previsto: 60 m












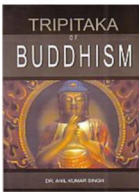
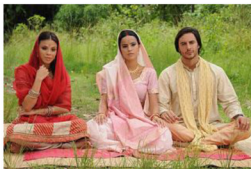

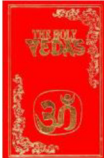
Metas aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: A criação nos Génesis. Ficha de trabalho. Música “ Louvado sejas”.			Acolhimento Entrega dos cartões de identificação		5 m	
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos</p>	<p>5. Tomar consciência da experiência humana da diversidade.</p> <p>6. Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. Somos todos iguais em dignidade. Os cristãos reconhecem que a dignidade do ser humano vem de Deus criador e é por isso inalienável: SI 8,4-7. A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. 	<ul style="list-style-type: none"> Retrospetiva da aula anterior Apresentação da Bíblia Sagrada e Leitura do capítulo 1 e 2 dos Génesis Ordenar os dias da Criação. E pintura das imagens. Correção da Ficha de trabalho Musica” Louvado Sejas” Síntese da aula 	<ul style="list-style-type: none"> Texto Bíblico dos Génesis Ficha de trabalho Papel, lápis, caneta, lápis de cor, borracha Letra da Musica “Louvado Sejas” 	5 m 15 m 15 m 5 m 15 m 5 m	Participação Empenho Respeito pela opinião dos colegas Atenção Silêncio Participação Ficha de trabalho Qualidade dos trabalhos/pinturas realizados pelos alunos

Diversidade Cultural

A diversidade cultural manifesta-se na linguagem, religião, vestuário, alimentação, festas, costumes locais, música e dança.

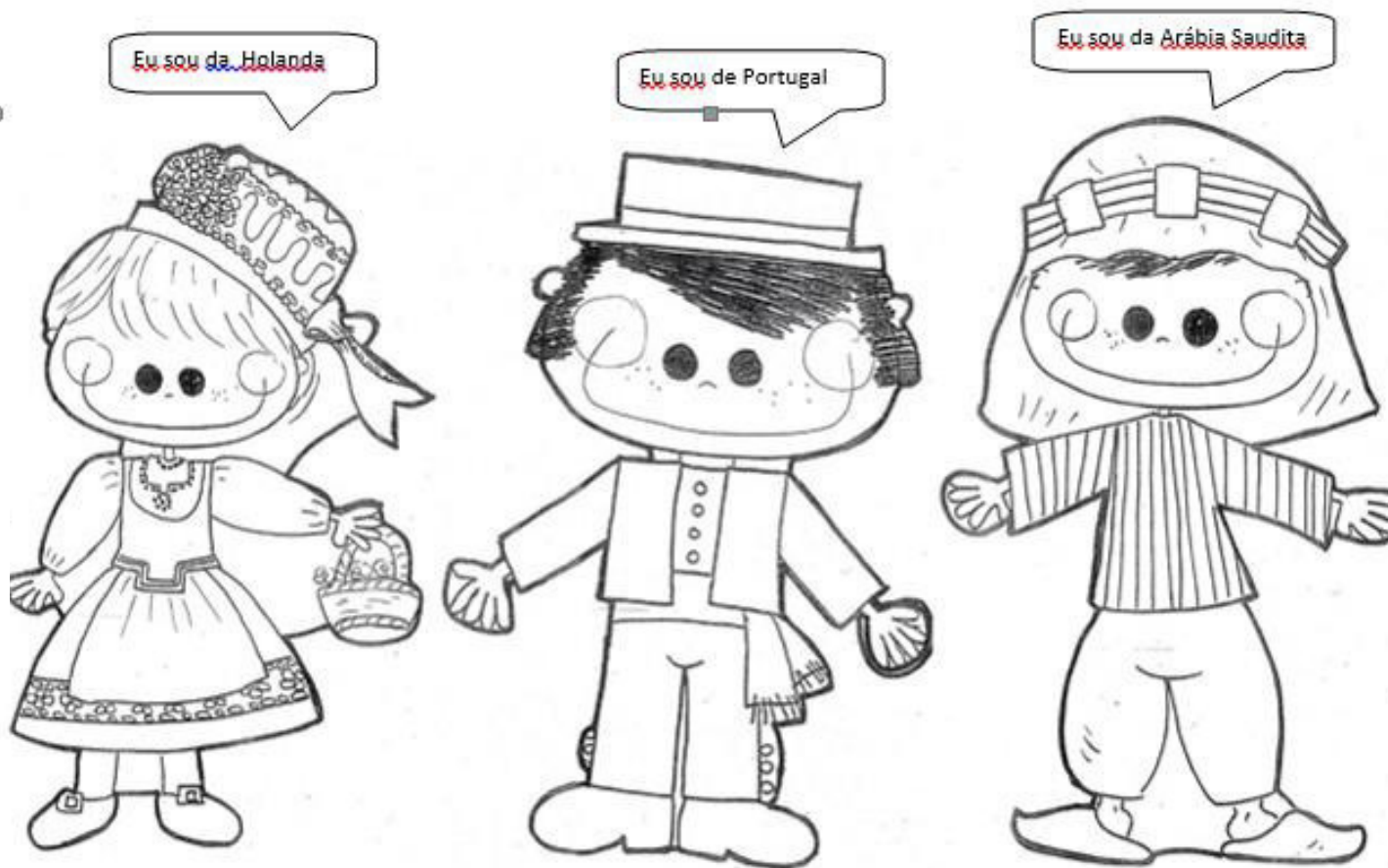
<u>Países</u>	<u>Linguagem</u> (Bom Dia)	<u>Alimentação</u>	<u>Dança</u>	<u>Curiosidades</u>
Espanha 	Buenos dias	 Paelha / Tapas	Sevilhanas Flamenco	<ul style="list-style-type: none"> A Sesta Festas populares Cumprimento com beijos
França 	Bonjour	 Quiche / macarons	Cancon	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento com três/4 beijos no rosto (Homens e Mulheres)
Inglaterra 	Good morning	 Pequeno-almoço Ovos/ salchichas/ bacon / Chá 	quickstep	<ul style="list-style-type: none"> Conduzem pelo lado esquerdo Pontualidade Cumprimentam-se com um beijo
Itália 	Buongiorno	 Massa / pizza	Siciliana Tarantela	<ul style="list-style-type: none"> Falam muito alto Almoços em família muito barulhentos Povo alegre
Alemanha 	Guten morgen	 Salchichas/pretzel	Polca Valsa	<ul style="list-style-type: none"> Povo distante e formal Cumprimentam-se com um aperto de mão
Brasil 	Bom dia	 Feijão preto/ picanha	Samba Forró	<ul style="list-style-type: none"> Povo alegre O Rio de Janeiro já foi capital de Portugal Maior produtor de café
Ucrânia 	Dobroho ranku	 Borsch / Deruny	Canção folclórica	<ul style="list-style-type: none"> Na Páscoa pintam ovos de várias cores e feitios Principal fornecedor de cereais para a Europa

Diversidade Religiosa

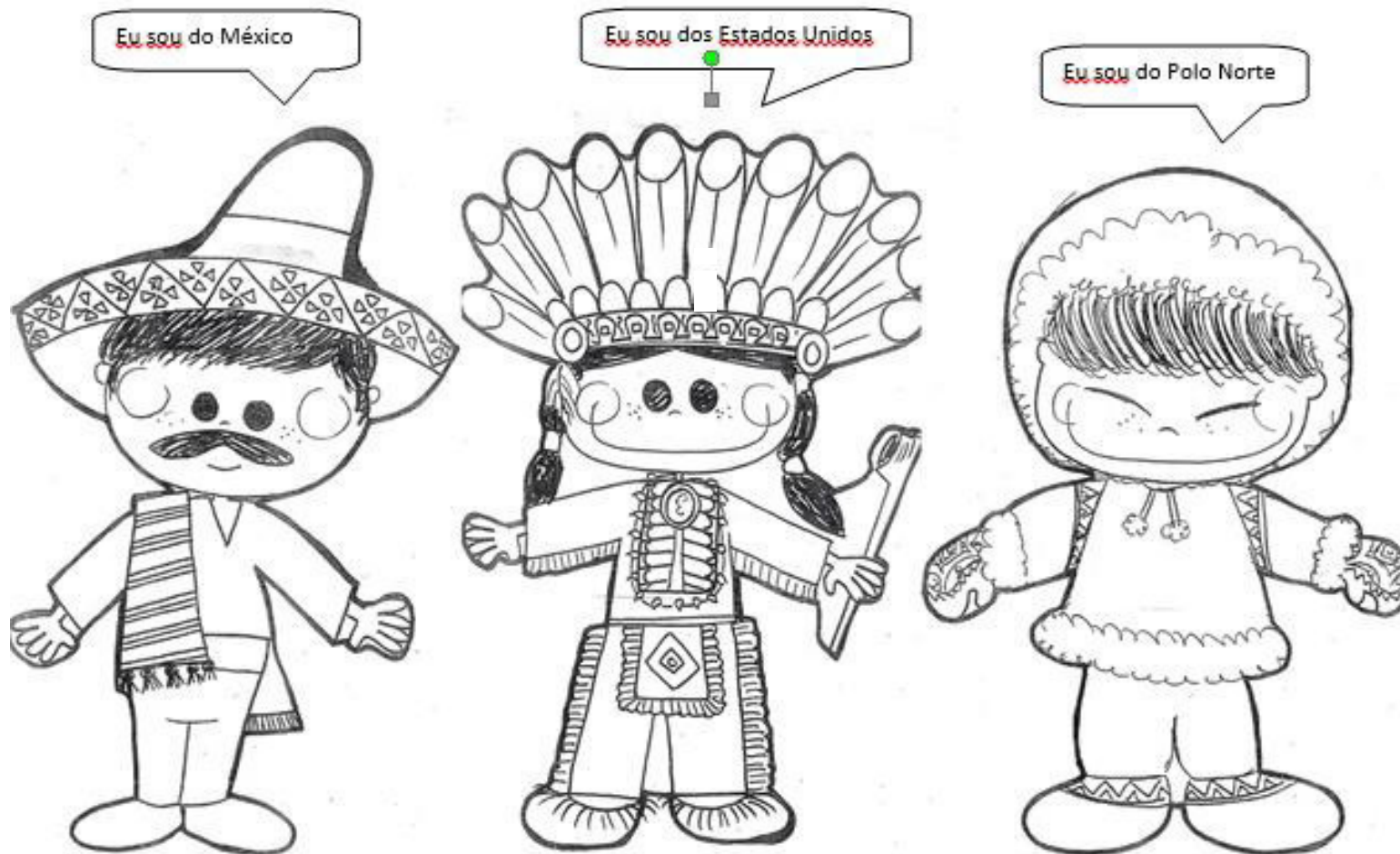
Religião	Forma de vestir	Símbolo	Livro Sagrado
Judaísmo		 Estrela de David	 Torá
Cristianismo		 Cruz	 Bíblia Sagrada
Islão		 Hilal	 Corão
Budismo		 Roda do Darma	 Tripitaka
Hinduísmo		 OM	 Vedas

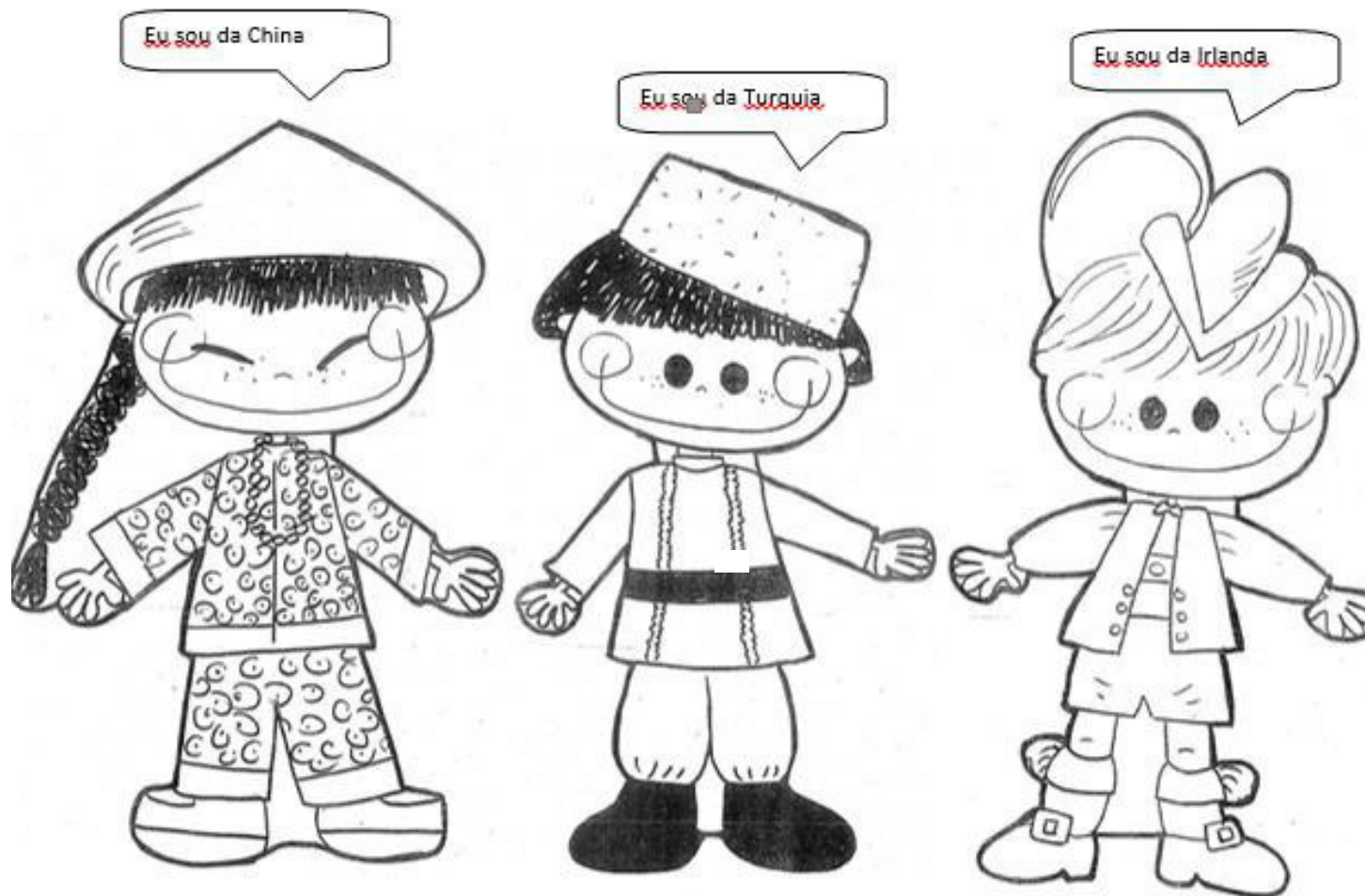






Doc.16





Planificação de Aula

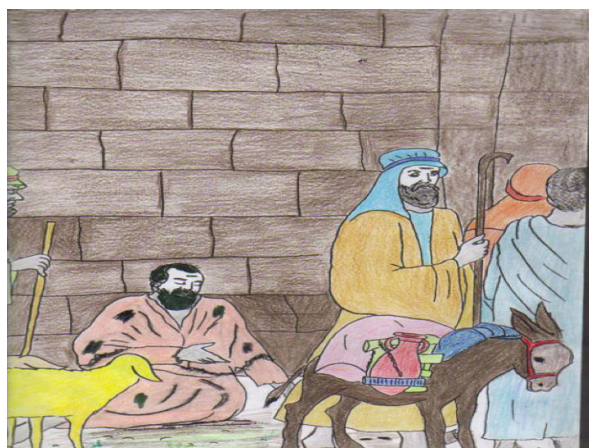
Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**
Aula n.º 5/6

Ano:4º | Turma: 1
Data: 05 /02/2018
Tempo previsto: 60 m

Metas aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Diversidade cultural e religiosa. Trajes típicos de alguns países para colorir.			Acolhimento Entrega dos cartões de identificação		5 m	
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos</p>	<p>7. Tomar consciência da experiência humana da diversidade.</p> <p>8. Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. • Somos todos iguais em dignidade. • A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. • Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer; - Dialogar; - Partilhar; - Defende do mau trato e da indiferença. • Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família. 	<ul style="list-style-type: none"> • Retrospetiva da aula anterior • Apresentação de uma ficha informativa sobre diversidade Cultural, (bandeira, linguagem, alimentação, danças, curiosidades) • A segunda ficha informativa sobre diversidade Religiosa (religiões, forma de vestir, símbolos, livro sagrado) • Apresentação de vários trajes típicos de vários países para colorir. • Síntese da aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Papel, lápis, caneta, lápis de cor, borracha • Doze lápis cor de pele • Fotocópia. 	5 m	Participação Empenho Respeito pela opinião dos colegas Atenção Silêncio Participação Ficha de trabalho Qualidade dos trabalhos/pinturas realizados pelos alunos
					12 m	
					12 m	
					21 m	
					5 m	



No tempo de Jesus, muitas pessoas discriminavam os que eram portadores de alguma deficiência. Mas Jesus não concordava com eles. Para Ele todos têm igual dignidade e valor, porque são todos filhos do mesmo Pai que é Deus. O evangelista São Marcos conta-nos a esse propósito a seguinte história:



Quando Jesus ia a sair de Jericó, na companhia dos seus discípulos e de uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, a pedir esmola à beira do caminho. Mal ouviu dizer que era Jesus de Nazaré que por ali passava, começou a gritar:

-Jesus, filho de David, tem pena de mim!



Muitos repreendiam-no e mandavam-no calar, mas ele gritava cada vez mais:

-Filho de David, tem pena de mim!

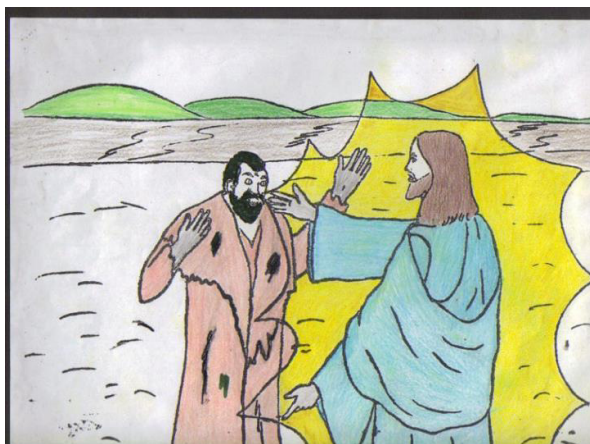
Então, Jesus parou e disse:

-Chamem-no lá.

Foram chamá-lo e disseram-lhe:

-Anima-te e vem daí, le está a chamar-te.

Bartimeu atirou fora a capa, levantou-se e foi ter com Jesus. Perguntou-lhe Jesus:



-Que queres que eu te faça?

-Oh mestre! Queria voltar a ver!

Jesus respondeu-lhe:

-Está bem! A tua fé salvou-te.

Naquele mesmo instante, Bartimeu recuperou a vista e seguiu também com Jesus pelo caminho.

Mc 10, 46-52



FIM

Nome: _____ Data: __/__/__

1. Depois de teres visto o PowerPoint sobre «O cego de Jericó», assinala com **X as respostas corretas.**

1.1. Jesus ia a sair da cidade de

- a) Belém.
- b) Jericó.
- c) Jerusalém.
- d) Nazaré.

1.2. Jesus

- a) Estava acompanhado pelos discípulos e por uma grande multidão
- b) Estava acompanhado pela sua mãe e por uma grande multidão.
- c) Estava acompanhado por Pedro
- d) Estava sozinho.

1.3. À beira do caminho

- a) Estava um cego chamado Bartimeu.
- b) Estava um cego chamado Nicodemos.
- c) Estava um paralítico chamado Bartimeu.
- d) Estava uma pessoa deficiente que era rica.

1.4. Quando a pessoa com deficiência ouviu Jesus,

- a) Quis fugir com medo da multidão que o tinha mandado calar.
- b) Quis fugir com medo de Jesus.
- c) Pôs-se a gritar, porque todos o maltratavam.
- d) Pôs-se a chamar por Jesus.

1.5. As pessoas que estavam no caminho

- a) Repreenderam o homem e mandaram-no calar.
- b) Deram esmola ao homem.
- c) Mandaram-no gritar mais alto.
- d) Deram-lhe uma tarefa.

1.6. Jesus

- a) Ouvia o homem, mas não o chamou porque estava com pressa.
- b) Não acolheu o homem.
- c) Ouvia o homem e mandou-o chamar.
- d) Não ouviu o homem, porque estava muito barulho.

1.7. O homem portador de deficiência

- a) Pediu a Jesus que lhe desse uma esmola.
- b) Pediu a Jesus que lhe perdoasse os pecados.
- c) Pediu à multidão que o escondesse de Jesus.
- d) Pediu a Jesus que lhe desse a visão.

1.8. Jesus respondeu-lhe

- a) «Tu és pecador, por isso é que não vês».
- b) «A tua fé te salvou».
- c) «A tua visão não tem cura».
- d) «Não sejas ganancioso».

1.9. O homem portador de deficiência

- a) Seguiu Jesus, também pelo caminho.
- b) Voltou a ver e entrou na cidade.
- c) Voltou a ver e ficou à beira do caminho.
- d) Voltou a ver e todos lhe deram esmola.

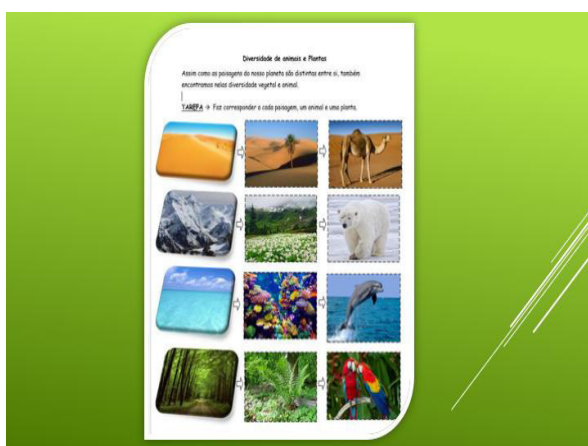
Powerpoint Síntese

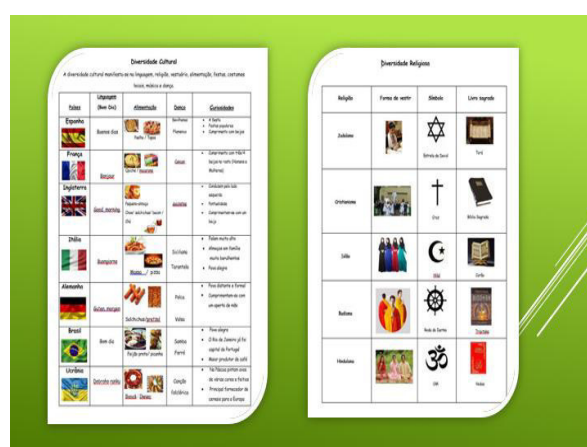
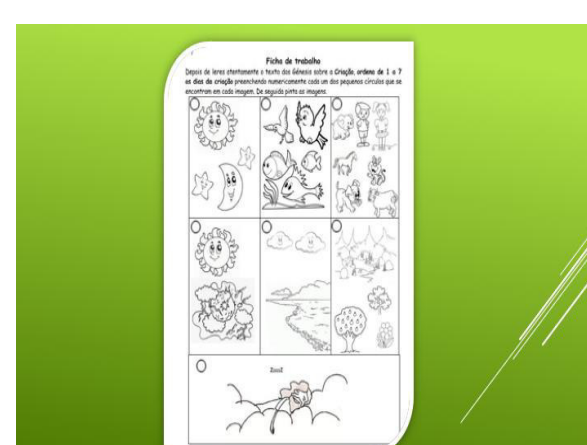


JOGO DO STOP
(Exemplos)

Alfabeto	Nomes	Profissões	Animais	Flores	Plantas	Cores	Países	Total
A	América	Armador	Avestruz	Alfazema	Amendoeira	Amarelo	Angola	
B	Beatriz	Bombeiro	Baleia/ Búfalo	Begónia	Bananeira	Branco/ Bege	Bélgica	
C	Carlos	Condiçador	Camelo/ Cavalo	Cravo	Carvalho	Castanho	Canadá	
D	Diogo	Dançarino	Dromedário	Dália	Diospireira	Dourado	Dinamarca	
E	Eva	Esteticista/ Escritor	Elefante/ Esquilo	Erva-doce	Eucalipto	Emeraldado	Ecuador/ Espanha	
F	Fernando	Floreanta/ Fotógrafa	Falcão / Faisã	Flor de Laranjeira	Figueira	Ferrugem	Filipinas/ França	
G	Gabriel	Guarda-costas/ Guarda	Gorila / Gato	Gladiolo	Goaibeira	Verde	Guiné/ Guiné	
H	Hálder	Historiador/ Horticultor	Hamster/ Hipopótamo	Hortêncica	Hibisco	Herbal	Haiti/ Hungria	

Através do Jogo do Stop chegamos à definição de diversidade. Etimologicamente, vem do latim *diversitate*, designando variedade, diferença, dissemelhança, oposição e contradição.





Jesus acolhe todas as pessoas

PowerPoint "O Cego de Jericó"

1. Depois de teres visto o PowerPoint sobre «O cego de Jericó», assinala com **X as respostas corretas**.

1.1. Jesus ia a sair da cidade de:

- a) Belém.
- b) Jericó.
- c) Jerusalém.
- d) Nazaré.

1.2. Jesus:

- a) Estava acompanhado apenas pelos discípulos.
- b) Estava acompanhado pela sua mãe e por uma grande multidão.
- c) Estava acompanhado por uma grande multidão.
- d) Estava sozinho.

1.3. À beira do caminho:

- a) Estava um cego chamado Bartimeu.
- b) Estava um cego chamado Nicodemo.
- c) Estava um paralítico chamado Bartimeu.
- d) Estava uma pessoa deficiente que era rica.

1.4. Quando a pessoa com deficiência ouviu Jesus,

- a) Não fugiu com medo da multidão que o tinha mandado calar.
- b) Não fugiu com medo de Jesus.
- c) Pôs-se a gritar, porque todos o maltrataram.
- d) Pôs-se a chamar por Jesus.

1.5. As pessoas que estavam no caminho:

- a) Repreenderam o homem e mandaram-no calar.
- b) Deram espaço ao homem.
- c) Mandaram-no gritar mais alto.
- d) Deram-lhe uma tarefa.

1.6. Jesus:

- a) Ouvia o homem, mas não o chamou porque estava com pressa.
- b) Não ouviu o homem.
- c) Ouvia o homem e mandou-o chamar.
- d) Não ouviu o homem, porque estava muito barulho.

1.7. O homem portador de deficiência:

- a) Pediu a Jesus que lhe desse uma tarefa.
- b) Pediu a Jesus que lhe pedisse ao pai para lhe dar uma tarefa.
- c) Pediu a multidão que o mandasse chamar.
- d) Pediu a Jesus que lhe desse a tarefa.

1.8. Jesus respondeu-lhe:

- a) Tu és pecador, por isso é que não vês.
- b) Não te fales nisso.
- c) Não vês não tem cura.
- d) Não vês porque não queres.

1.9. O homem portador de deficiência:

- a) Seguiu Jesus, também pelo caminho.
- b) Voltou a ser e entrou na cidade.
- c) Voltou a ser e foi à beira do caminho.
- d) Voltou a ser e todos lhe deram espaço.

Somos assim tão diferentes?

- Somos todos homens e mulheres
- Seres racionais
- Criativos (as)
- Capazes de amar
- Todas estas características torna-nos iguais.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: **Crescer na Diversidade**
Aula n.º 6/6

Ano: 4º | Turma:1
Data: 19/02/2018
Tempo previsto: 60 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Jesus acolhe todas as pessoas. Alusão à discriminação que existia no tempo de Jesus. Apresentação do powerpoint da história: «O cego de Jericó» Síntese e conclusão da Unidade Letiva.			Acolhimento Entrega dos cartões de identificação		5 m	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. G. Identificar os valores evangélicos	9. Tomar consciência da experiência humana da diversidade. 10. Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> Jesus e o cego de nascença, a afirmação da dignidade da pessoa: Mc 10, 46-52. Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer; - Dialogar; - Partilhar; - Defende do mau trato e da indiferença. Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família. 	<ul style="list-style-type: none"> Retrospetiva da aula anterior Breve alusão à discriminação que existia no tempo de Jesus Apresentação do powerpoint da história: «O cego de Jericó» Análise da mensagem da história através do diálogo e da realização de uma ficha de trabalho Correção da ficha Apresentação de um powerpoint como síntese e conclusão da Unidade Letiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Imagens PC Projektor powerpoint do Cego de Jericó Papel, caneta, lápis, borracha Ficha de trabalho PowerPoint síntese 	5 m 5 m 10 m 10 m 5 m 20 m	Participação Empenho Respeito pela opinião dos colegas Atenção Silêncio Participação Ficha de trabalho Qualidade dos trabalhos/pinturas realizados pelos alunos

